



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DAVI BARBOZA CAVALCANTI

Redes sociais virtuais como instrumentos de mobilização política:
uma análise do grupo “Direitos Urbanos/Recife” no Facebook

Recife
2016

DAVI BARBOZA CAVALCANTI

Redes sociais virtuais como instrumentos de mobilização política:
uma análise do grupo “Direitos Urbanos/Recife” no Facebook

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do professor Dr. Breno Augusto Souto Maior Fontes, para obtenção do título de mestre em Sociologia

Recife
2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

C376r Cavalcanti, Davi Barboza.
Redes sociais virtuais como instrumentos de mobilização política: uma análise do grupo "Direitos Urbanos/Recife" no Facebook / Davi Barboza Cavalcanti. – 2016.
142 f.: il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Breno Augusto Souto Maior Fontes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-graduação em Sociologia, Recife, 2016.
Inclui referências e anexos.

1. Sociologia. 2. Redes sociais (on-line). 3. Movimentos sociais – Recife (PE). 4. Liderança. 5. Facebook (Rede social on-line). I. Fontes, Breno Augusto Souto Maior (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-32)

DAVI BARBOZA CAVALCANTI

**REDES SOCIAIS VIRTUAIS COMO INSTRUMENTOS DE
MOBILIZAÇÃO POLÍTICA: uma análise do grupo “Direitos Urbanos/Recife”
no Facebook**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia

Aprovada em: 26/02/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Breno Augusto Souto Maior Fontes (Orientador)

Prof. Dr. Jonatas Ferreira (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Rogério de Souza Medeiros (Examinador externo)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Acredito que todas as construções/trabalhos de nossas vidas são frutos, em alguma medida, das pessoas com as quais nos relacionamos. Esta pesquisa, certamente, é resultado de várias contribuições de indivíduos especiais que tive o prazer de interagir nos últimos anos. Por isso, os meus genuínos e profundos agradecimentos:

À UFPE, pela oportunidade de fazer um bom curso (com excelente corpo docente), e ao apoio financeiro dado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Ao professor Dr. Breno Fontes, pela orientação, carinho e enorme conhecimento.

À Prof. Dr. Silke Weber e ao Prof. Dr. Remo Mutzenberg, pelos encontros, disponibilidade e boas sugestões de leituras.

A todos os professores que tive nesses dois anos no PPGS, em especial a Alexandre Zarias, conhecedor, como poucos, dos caminhos metodológicos necessários para uma boa pesquisa.

Ao meu pai, companheiro de bicicleta e de trilhas, que tanto me ensinou a pensar e a ter paciência.

Aos meus irmãos de sangue e melhores amigos Danilo e Marcelo, companheiros de festa, bares e viagens.

Aos meus inúmeros amigos de infância, colégio e faculdade, que sempre estiveram ao meu lado.

À mulher da minha vida, minha mãe, pessoa iluminada a qual sempre me espelhei - e espelharei.

Aos primos e tias, pela contribuição valiosa, em especial aos primos-irmãos Fau, Ju, Maíra e Jassinho.

Aos profissionais e ex-colegas de trabalho do Jornal do Commercio, que me ensinaram o que significa o bom jornalismo.

Ao meu ex-chefe Sílvio Menezes, amigo que sempre confiou e apoiou minhas decisões.

Aos meus animais de estimação Querida, Simba e Nala.

Aos meus colegas de mestrado, pelo aprendizado proporcionado nos últimos dois anos.

A todos os entrevistados desta pesquisa, que separaram um pouco de tempo para dividir e compartilhar o conhecimento.

Aos membros da banca, pela disponibilidade e interesse em fazer, da defesa desta dissertação, um momento de reflexão e aprendizado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar um grupo brasileiro presente nas redes sociais virtuais como organizador de mobilizações políticas. A principal pergunta a ser esclarecida aqui é: de que maneira os internautas são mobilizados pelos líderes de um grupo virtual para reivindicar o direito à cidade e para discutir política? Para a realização da pesquisa foi feito um estudo de caso do grupo Direitos Urbanos/Recife (DU) no *Facebook*, o qual conta com mais de 31 mil membros e é responsável por discutir e articular várias mobilizações no Recife, a exemplo do #OcupeEstelita 2014, que ocupou uma área do centro da cidade por cerca de 50 dias. A análise se utiliza de teorias dos novos movimentos sociais e de redes, aliadas a abordagens qualitativas, como a Teoria do Discurso proposta por Laclau e Mouffe. Entre os resultados obtidos destacam-se duas principais contribuições. A primeira é a tendência a qual os membros do DU têm de se relacionar com pessoas de círculos sociais parecidos, enquanto a segunda é a identificação de algumas ações dos líderes para mobilizar internautas, tais como *chats* internos para discutir ações estratégicas, filtragem do conteúdo publicado na página do DU no *Facebook*, boa relação com outros coletivos e, principalmente, a busca por um discurso único que aglomere os mais diversos atores/grupos sociais. A temática é relevante por abordar desafios contemporâneos da internet e dos novos movimentos sociais, como a Primavera Árabe, o Indignados, o *Occupy Wall Street*, os Ocupas, as manifestações de junho de 2013 no Brasil e os movimentos anti e pró-impeachment nacionais de 2015/2016.

Palavras-chave: Redes sociais virtuais. Movimentos sociais. Lideranças. Mobilização de pessoas. Facebook.

ABSTRACT

This work aims to analyze a Brazilian group present in virtual social networks as organizer of political mobilizations. The main question to be answered here is: how netizens are mobilized by the leaders of a virtual group to claim the right to the city and to discuss politics? For the research was done a case study with Direitos Urbanos/Recife (DU) on Facebook, group that has over 31.000 members and is responsible for discussing and articulating various mobilizations in Recife, like the #OcupeEstelita 2014, which occupied an area of the city center for about 50 days. In the analysis, are used theories of new social movements and of networks, combined with qualitative approaches, such as the Discourse Theory proposed by Laclau and Mouffe. Among others results, it highlights two main contributions. The first is the tendency to which the members of DU have to relate with people of similar social circles. The second is the identification of some actions of leaders to mobilize internet users, such as internal chats to discuss strategic actions, filtering content published on DU's Facebook page, good relationship with others groups, and especially the search for a single speech that can gather several actors or social groups. The theme is relevant for addressing contemporary challenges of the Internet and new social movements, like the Arab Spring, the Indignados, the Occupy Wall Street, the Occupies, the demonstrations of June from 2013 in Brazil and the movements against and pro impeachment from 2015/2016.

Keywords: Virtual social networks. Social movements. Leaders. Mobilizing people. Facebook

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Manifestantes ocupando a Puerta del Sol, em Madrid	21
Figura 2 - Cidadãos exibem cartazes em protesto contra as condições de vida na Espanha.....	21
Figura 3 - Slogan do Occupy Wall Street	22
Figura 4 - Manifestantes do Occupy formando um “99%” nos EUA.....	23
Figura 5 - Redesenho do Projeto Novo Recife	49
Figura 6 - Grupo de estudantes contrários ao Projeto Novo Recife em abraço simbólico no Cais José Estelita	50
Figura 7 - Print da comunidade oficial da Marcha das Vadias no Recife.....	63
Figura 8 - O corpus da pesquisa	67
Figura 9 - Tempo de espera para semáforo abrir no Recife	73
Figura 10 - Os elementos básicos de uma rede de interações.	77
Figura 11 - Os internautas do DU que mais interagem com os líderes entrevistados	79
Figura 12 - Comparação entre a mesma rede “com” e “sem” a presença de Apau	81
Figura 13 - Os atores mais atuantes do DU segundo os entrevistados	82
Figura 14 - Os internautas mais influentes sobre os membros do DU.....	83
Figura 15 - Os atores mais próximos a Nfal do DU	85
Figura 16 - Os atores mais próximos a Ctav no DU	86
Figura 17 - Os atores mais próximos a Apau no DU.....	87
Figura 18 - Projeção de dois dos quatro viadutos que seriam erguidos sobre a Avenida Agamenon Magalhães.....	113
Figura 19 - Print da comunidade Casa Amarela Saudável e Sustentável no Facebook	120

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 - As cinco postagens com maior número de curtidas do tema 1	70
Tabela 2 - As cinco postagens com maior número de curtidas do tema 2	72
Tabela 3 - Os moderadores e ex-moderadores entrevistados do DU.....	75
Tabela 4 - Graus de centralidade de doze “nós” da figura 11	79
Tabela 5 - Graus de intermediação da figura 11.....	80
Tabela 6 - Grau de centralidade de autovetor da figura 11	81
Tabela 7 - Categorias criadas para responder a três objetivos específicos da pesquisa.....	92
Tabela 8 - Os cargos no Facebook para as pessoas que gerem páginas.....	98
Tabela 9 - Categoria criada para responder ao objetivo específico 4 da pesquisa	117
Tabela 10 - Perfis dos membros atuantes do DU	118
Gráfico 1 - Percentagem de domicílios com bens e serviços de acesso à informação	30
Gráfico 2 - Acesso à internet nos últimos cinco anos no Brasil	31
Gráfico 3 - Onde as pessoas ficaram sabendo de movimentos sociais na internet.....	32
Gráfico 4 - Quantidade média de postagens por dia na página do DU no Facebook	69
Gráfico 5 - Horários nobres das 150 postagens analisadas do DU.....	70

SUMÁRIO

Introdução	11
1. O século XXI: a era dos movimentos sociais em rede e do ciberativismo	16
1.1 O pontapé das insurgências.....	17
1.1.1 <i>Repercussões e desdobramentos</i>	<i>20</i>
1.2 Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e ciberativismo.....	25
1.3 NTIC no Brasil.....	28
1.3.1 <i>Panorama geral da internet no Brasil e Recife</i>	<i>29</i>
1.3.2 <i>O boom móvel e a mobilização de pessoas.....</i>	<i>30</i>
1.4 Movimentos sociais no Brasil.....	33
1.4.1 <i>Teoria dos Movimentos Sociais e ação coletiva</i>	<i>36</i>
1.5 Sociedade em rede, uma revisão da literatura.....	38
1.6 Mobilização e coordenação.....	41
1.7 Lideranças e ação coletiva	42
2. Compreendendo mobilizações contemporâneas a partir do Direitos Urbanos/Recife	45
2.1 A escolha do DU	45
2.2 Os alicerces do DU	47
2.3 O DU em estudo	52
2.4 Teoria do Discurso, uma perspectiva pós-marxista.....	54
2.4.1 <i>Em busca de uma nova forma de democracia</i>	<i>57</i>
2.4.2 <i>Aplicabilidade da Teoria do Discurso em estudos contemporâneos</i>	<i>59</i>
2.5 Análise de Redes Sociais	60
2.6 As bases de uma pesquisa	61
2.6.1 <i>O pré-campo: a marcha das Vadias.....</i>	<i>62</i>
2.6.2 <i>As contribuições do pré-campo.....</i>	<i>64</i>
2.6.3 <i>O corpus.....</i>	<i>65</i>
3. O funcionamento do DU e os atores mais centrais.....	68

3.1	A dinâmica de um grupo on-line	68
3.2	Membros mais ativos no DU.....	73
3.2.1	<i>As lideranças</i>	74
3.3	As redes dentro de um ecossistema de redes chamado DU	76
3.3.1	<i>Atores de destaque</i>	78
3.3.2	<i>Percepção dos mais influentes</i>	82
3.3.3	<i>Redes dos líderes</i>	84
3.4	Contribuições da Análise de Redes Sociais	88
4.	Direitos Urbanos e mobilização de pessoas	91
4.1	Lideranças e ação coletiva	91
4.1.2	<i>Estrutura do DU</i>	93
4.1.3	<i>Líderes do DU</i>	94
4.1.4	<i>Papel da moderação</i>	97
4.1.5	<i>Análise da primeira parte</i>	100
4.2	As categorias analíticas.....	102
4.2.1	<i>Trajetória</i>	102
4.2.2	<i>Articulação</i>	107
4.2.3	<i>Mobilização</i>	111
4.2.4	<i>Análise da segunda parte</i>	115
4.2.5	<i>Reconhecimento</i>	117
4.2.6	<i>Análise da terceira parte</i>	124
	Considerações Finais.....	126
	Referências	130
	Anexos	137

Introdução

A ideia de estudar um grupo *on-line* presente nas redes sociais virtuais surgiu na época em que trabalhava como repórter do site do Jornal do Commercio, em 2012. Ao cobrir uma série de protestos contra o aumento de passagens de ônibus no Recife¹, me surpreendeu a maneira como as pessoas estavam se articulando na internet, combinando horários e definindo estratégias para ocupar as ruas do centro da cidade.

Já havia lido alguma coisa a respeito de articulações em redes sociais virtuais pelo mundo, sobretudo em reportagens e artigos relacionados ao *Occupy Wall Street* e à Primavera Árabe, mas naquele momento via o uso de ferramentas virtuais, para fins políticos, sendo posto em prática na minha cidade. Os protestos sempre eram agendados em eventos² no *Facebook* com alguns dias de antecedência. A partir de observações desse fato, nascia a semente desta pesquisa, questionava-me, “como essas pessoas são mobilizadas pela internet para ir às ruas?”.

Em 2012, cresceu no Recife o movimento *on-line* Direitos Urbanos (DU). De grupo restrito, onde poucas pessoas discutiam e participavam, tornou-se com o passar do tempo um dos principais espaços para se ler e escrever acerca dos problemas e destinos do município. O DU ganhou destaque com o “#OcupeEstelita³”, movimento que alcançou repercussão mundial⁴ ao reunir vários setores da sociedade descontentes com a construção de ao menos 12 torres no Cais José Estelita, área situada no centro do Recife. Entre outras ações, o Ocupe Estelita realizou uma ocupação de 50 dias para impedir a derrubada de armazéns históricos onde seriam erguidos prédios. Um dos objetivos principais desse protesto, que acontece ainda hoje, é manter vivo o debate sobre a verticalização e as formas de ocupação do espaço público adotadas pelo Recife nas últimas décadas. Como membro do DU, comecei a ter interesse pelo Ocupe Estelita e outras ações.

Em 2013 fui aprovado no Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) com

¹ Algumas matérias em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2012/02/01/estudantes-organizam-5-protesto-contr-aumento-das-passagens-30617.php>> ou <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2012/02/01/estudantes-seguem-para-a-bom-vista-e-incentivam-usuarios-a-nao-pagar-passagem-30656.php>>. Acesso em 23/01/2016.

² Um evento, no *Facebook*, é uma maneira de informar atos, reuniões sociais ou compartilhar sentimentos.

³ Página do Movimento Salve o Cais José Estelita. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/348480681859986/>>. Acesso em 23.01.2016.

⁴ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/28/politica/1403990550_675203.html>. Acesso 23.01.2016.

um anteprojeto de pesquisa com questões relacionadas ao DU. Em 2014, dentro do programa e após meses de revisões teóricas e metodológicas, repenso no problema da pesquisa e chego a “quais são as estratégias utilizadas por um grupo *on-line* para mobilizar pessoas?”. Mas essa ainda não era a pergunta a qual eu queria responder. Estava próxima, mas não era. Não pretendia apenas listar as estratégias utilizadas; almejava, sim, investigar como ocorria o processo de mobilização de internautas a partir dos organizadores, das lideranças de um grupo. Com um pouco mais de tempo, cheguei a atual definição do problema desta pesquisa: “de que maneira os internautas são mobilizados pelos líderes do DU para reivindicar o direito à cidade e para discutir política”.

Assim, o problema desta pesquisa - relevante por estar diante de um fenômeno sociológico contemporâneo - envolveu três alicerces primordiais: o estudo das lideranças, os discursos construídos por elas e as estratégias de mobilização.

O corpus

Com o problema de pesquisa reformulado, o desafio passou a ser investigar e buscar compreender as ações de líderes de grupos virtuais na mobilização de pessoas, tendo o conhecimento prévio de que esses líderes não são os únicos a desempenhar tal função, ou seja, outros fatores influenciam nas respostas/ações de participantes de grupos *on-line*.

Montar o quebra-cabeça metodológico para que o problema da pesquisa fosse minimamente respondido tornou-se um dos maiores desafios deste trabalho. Primeiramente, concebi as duas hipóteses que o nortearam: (I) os líderes do DU têm papel fundamental da mobilização de pessoas e (II) os internautas mais atuantes do DU reconhecem a importância desses líderes. A primeira hipótese partiu do pressuposto de que o DU possui líderes, e que eles, através da mobilização de recursos, articulam-se e são fundamentais para que a ação coletiva aconteça. A segunda hipótese buscou confirmar se os integrantes mais atuantes do DU reconhecem a existência desses líderes.

Em seguida, como início de uma longa caminhada, o primeiro passo foi ter conceitos preliminares e operacionais de “mobilizar” e de “líder”. Os criei a partir de alguns autores (MARWELL e OLIVER, 1989; MELUCCI, 1996; GANZ, 2008). Por “mobilizar” se compreende, nesta pesquisa, como praticar ativamente ações, nas esferas real ou virtual, com o intuito de promover discussões ou eventos de um grupo político ou

de pessoas. Por “líder”, os organizadores de um movimento político.

Outras questões fundamentais, no entanto, ainda circundavam o problema desta dissertação. Na parte teórica, uma vasta teoria acerca de movimentos sociais (ALONSO, 2009; GOHN, 2011) e de redes (CHRISTAKIS, 2009; SCOTT, 2000; THACKER, 2004) precisava ser debruçada. No quadro metodológico, mais desafios, como identificar quais eram os métodos, táticas e apelos utilizados pelos líderes do DU para atrair e mobilizar participantes, além de investigar de que forma outros grupos *on-line* mobilizavam pessoas, verificando se as estratégias eram parecidas, ou diferentes.

Após a revisão bibliográfica, optei por estudar o objeto empírico usando duas metodologias, uma complementando a outra: a Análise de Redes Sociais (ARS) e a Teoria do Discurso (TD) sob a perspectiva pós-marxista de Laclau e Mouffe. A primeira foi utilizada para identificar as relações estabelecidas entre os atores mais centrais do DU no *Facebook*, enquanto a segunda para compreender e analisar essas relações. As duas juntas, portanto, buscaram decifrar o processo de mobilização como um todo. Tendo o tema central de pesquisa definido, “a mobilização de pessoas em grupos virtuais”, e as bases brevemente abordadas, eis os objetivos.

Objetivos

Geral

Investigar de que maneira os internautas são mobilizados pelos líderes do DU para reivindicar o direito à cidade e para discutir política

Específicos

1. Investigar a influência dos líderes do DU sobre o grupo, tanto em relação a outros líderes como aos demais participantes
2. Identificar quais são os métodos utilizados pelos líderes do grupo para mobilizar internautas

3. Investigar o processo de construção da agenda política do DU
4. Verificar como os internautas mais atuantes do DU veem a função/importância dos líderes do grupo

Para responder às questões levantadas, este trabalho se organizou em quatro capítulos. O primeiro se inicia com uma revisão do tema movimentos sociais no mundo e Brasil, abordando a Primavera Árabe, os Ocupas e os seus desdobramentos. Depois, faz um breve histórico do desenvolvimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) e do ciberativismo, com destaque para o aumento do uso de redes sociais virtuais em mobilizações políticas. O fim do capítulo problematiza os temas mobilização e liderança, ligando os pontos em que dialogam.

O capítulo 2, contendo o referencial teórico e metodológico, trata da compreensão de mobilização contemporânea através de um recorte local, o grupo Direitos Urbanos/Recife. O capítulo faz uma distinção entre os objetos teórico e empírico desta dissertação e descreve os caminhos percorridos até chegar à construção do corpus.

O capítulo 3 começa explorando os resultados da pesquisa empírica, realizada entre junho e dezembro de 2015, e depois esmiúça o funcionamento do DU, com análises da dinâmica interna e estrutura do grupo, bem como da atuação dos atores mais centrais. É neste capítulo que sociogramas são exibidos para trabalhar com graus de centralidade das redes apresentadas, ou seja, medidas que determinam a importância relativa de atores no DU.

Por fim, outros resultados são explorados no capítulo 4, que analisa entrevistas semiestruturadas realizadas com dez membros do DU. Para garantir o direito do anonimato aos entrevistados foram criados códigos com quatro letras dos nomes e sobrenomes de cada um (por exemplo: Ctav, Apau e Nfal). Dividido em três partes, o capítulo 4 esclarece algumas questões deixadas em aberto pela ARS, além de expor novas. A primeira e segunda parte do capítulo exibem as entrevistas realizadas com seis moderadores/ex-moderadores do DU, enquanto a terceira parte aborda a de quatro atores atuantes identificados a partir de um acompanhamento mensal da página do DU no *Facebook*. Numa busca por responder aos objetivos específicos desta pesquisa, o capítulo 4 se centra em

quatro categorias chaves relacionadas aos líderes do DU: trajetória, articulação, mobilização e reconhecimento. Por fim, apresentam-se as considerações finais desta pesquisa.

1 - O século XXI: a era dos movimentos sociais em rede e do ciberativismo

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação⁵ (NTIC) mudaram a sociedade global e as maneiras de interagir entre pessoas. Uma das maiores transformações sociais ocorreu na primeira década do século XXI, com a passagem da interação individual e empresarial na internet (o uso de correio eletrônico, por exemplo) para, também, a construção autônoma de redes sociais controladas e guiadas por seus usuários (CASTELLS, 2013). Tal fato teve enormes desdobramentos. Como era de se esperar, as formas de organização dos movimentos sociais tradicionais se alteraram.

Embora tenha acontecido em menor escala antes, entre 2009 e 2011 o mundo viveu a primeira leva dos movimentos sociais em massa fortemente ancorados e auxiliados por plataformas digitais, como *Twitter*, *Facebook* e *Youtube*. Esses movimentos - como as Paneladas (Islândia), a Primavera Árabe (Norte da África e Oriente Médio), o Indignados (Espanha), o *Occupy Wall Street* (EUA) e os Ocupas (em todo o mundo) - tiveram origem principalmente nas crises (I) econômica/estrutural do sistema capitalista e (II) de falta de legitimidade de Estados Nações, sobretudo as ditaduras do Oriente Médio e Norte da África (ALI et al., 2012).

Os motivos que levam os ativistas do século XXI a protestar nas ruas ou comunidades virtuais são diversos. Influenciados pela Primavera Árabe, movimentos como Geração à Rasca (Portugal), Indignados e *Occupy Wall Street* (OWS) surgiram como reflexos da crise financeira e política global que atingiu o núcleo orgânico do capitalismo desde 2008.

Autores como Harvey e Žižek (2012) refletem acerca das causas e consequências dessa crise, que questionou a prosperidade da Europa e Estados Unidos e levou a um encolhimento do Estado de bem-estar social. A crise também teve impacto sobre a população dos países árabes, à medida que valores cobrados por alimentos básicos, em particular o pão, atingiram níveis elevadíssimos para uma população que gastava muito de

⁵ As NTIC possuem várias definições. Em geral, referem-se a tecnologias que proporcionam comunicação e informação (seja por meio de cabo, fio ou sem fio) no mundo moderno. Aqui, as NTIC são entendidas como o conjunto de recursos tecnológicos que proporcionam, por meio das funções de *hardware*, *software* e telecomunicações, o funcionamento de processos de comunicação, negócios, pesquisas etc.

sua renda com a subsistência.

Sader (2012) pondera que, se no primeiro ciclo da última crise capitalista⁶ não ocorreram mobilizações populares de grande relevância, em 2011 surgiram os “indignados” e os Ocupas⁷. Nascidos na Espanha, os primeiros protestam “contra as elites políticas, o esvaziamento da democracia liberal e a exportação da crise para o conjunto da população” (SADER, 2012, p. 85). Já os Ocupas se dirigem mais diretamente ao capital financeiro, “difundindo a versão da oposição entre o 1% dominante e a grande maioria, os 99%” (id.).

1.1 - O pontapé das insurgências

A Tunísia e a Islândia foram referências para o ciberativismo que mudou a ordem política no mundo árabe e desafiou instituições políticas na Europa e Estados Unidos. Ambos os países foram vanguardistas no que tange à mobilização de pessoas e uso das NTIC; por isso, uma rápida descrição dos acontecimentos vivenciados neles é importante.

Na Islândia, em 11 de outubro de 2008 o cantor Hordur Torfason tocava guitarra em frente ao prédio do Althing, o parlamento islandês, em protesto contra banqueiros e políticos subservientes às elites locais. As imagens foram divulgadas na internet e, em alguns dias, milhares de pessoas protestaram na histórica Praça Austurvollur, centro político/simbólico do país. Diante do colapso financeiro da ilha de aproximadamente 320 mil habitantes, os cidadãos exigiam a renúncia das autoridades islandesas e a realização de novas eleições. À época, fim de 2008, os três principais bancos privados do país estavam quebrados e a dívida externa da Islândia estava cerca de nove vezes maior que o próprio PIB⁸, fazendo o FMI chamar o colapso dos bancos islandeses a “maior falência bancária da história⁹” em relação ao tamanho da economia.

Na Tunísia, a autoimolação do vendedor ambulante Mohamed Bouazizi, 26 anos, diante de um prédio do governo no dia 17 de dezembro de 2010, deu início à Primavera

⁶ Sader (2012) pontua que o primeiro ciclo dessa crise capitalista foi iniciado em 2008, a partir da quebra, e desdobramentos, das instituições de crédito norte-americanas que concediam empréstimos de alto risco (*subprime loans*).

⁷ Alguns autores chamam de “Ocupas” os movimentos transnacionais que se espalharam pelo mundo, os quais cidadãos tomam um espaço central e, com corpos humanos ali, convertem-no em um ambiente político de iguais para discussões e debates.

⁸ Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/24823/islandia+mostrou+o+caminho+ao+rechacar+a+austeridade.shtml>>. Acesso em 03.01.2016.

⁹ Disponível em: <<http://www.economist.com/node/12762027>>. Acesso em 03.01.2016.

Árabe. Bouazizi, residente de um município pobre de 40 mil habitantes, se sentia humilhado por ter de pagar repetidas vezes propina para a sua banca de frutas e verduras não ser confiscada pela polícia local. Desesperado, a autoimolação por fogo foi o último ato de um homem sem esperanças.

Mas quais foram as condições para esses protestos emergirem em dois países tão distintos? Na democracia islandesa, respeitadora da liberdade e dos direitos civis, e na ditadura tunisiana de Ben Ali, tirano culpado pela morte de inúmeros inocentes? À primeira vista, a explicação é simplória: para os cidadãos dessas nações, os governos e políticos, aliados às elites financeiras, não representavam os interesses da população. Porém, apenas a falta de democracia¹⁰, caso da Tunísia, ou uma crise financeira (Islândia), não justificam a ação coletiva e a mobilização de milhares de cidadãos. O fio condutor deste trabalho é exatamente refletir acerca das condições, na contemporaneidade, que levam à mobilização.

A literatura revisada aponta que a viabilidade da ação coletiva depende, na verdade, da mobilização de recursos e da coordenação de esforços - através de compromisso ou empenho numa estratégia coordenada (FONTES, 2012). Inerente a esse processo, os atores centrais de uma rede são relevantes nos dois momentos supracitados, tanto na mobilização de recursos como na coordenação de esforços. Por isso, dentro da grande área teórica “mobilização”, a ênfase aqui é dada ao estudo das lideranças de grupos políticos e movimentos sociais.

Voltando à Tunísia, Castells (2013) aponta para uma convergência de três aspectos relevantes para as insurgências nesse país: (I) a existência de um grupo ativo de desempregados com educação de nível superior, (II) a presença de uma forte cultura de ciberativismo envolvida na crítica ao regime por mais de uma década e (III) uma taxa relativamente alta de difusão do uso da internet, incluindo conexões entre residências, escolas e cibercafés. Quando aconteceram os protestos, a Tunísia tinha uma das mais altas taxas de penetração da internet e de celulares no mundo árabe, como destaca Castells (id., p. 24):

¹⁰ Vale lembrar que a referência à democracia, aqui, é ao modelo ocidental, no qual, grosso modo, concentra-se em categorias como: processo eleitoral e pluralismo, liberdades civis, liberdade de imprensa, funcionamento do governo e participação e cultura política. A partir dessa noção geral, pode-se dizer que alguns governos do Norte da África abordados nesta pesquisa (Síria, Líbia, Egito, Tunísia etc.) não são democracias plenas. Ranking de 2015 com “índices de democracia” de diversos países, divulgado pela *Economist Intelligence Unit* (EIU), consultoria ligada à revista *The Economist*, está disponível em: <<http://www.yabiladi.com/img/content/EIU-Democracy-Index-2015.pdf>>. Acesso em 04.02.2016.

Em novembro de 2010, 67% da população urbana [da Tunísia] tinha acesso a um celular e 37% estavam conectados à internet. No início de 2011, 20% dos usuários da internet estavam no *Facebook*, percentagem duas vezes maior que em lugares como o Marrocos, três vezes maior que no Egito, cinco vezes maior que na Argélia ou na Líbia, vinte vezes maior que no Iêmen.

A Islândia também é conhecida por ter uma das mais altas taxas de acesso à internet do mundo. Em 2013, 94% dos islandeses estavam conectados à internet e 33% eram usuários do *Facebook* (id.). A proposta da nova Constituição Islandesa de 2012 inclusive foi realizada com a ajuda da população via *Facebook* e *Twitter*, experiência pioneira de participação digital que serviu de modelo para países como Irlanda, Bélgica, Holanda e Canadá¹¹.

Assim, observa-se um denominador comum nesses dois países, resultante da (I) indignação por parte da população com as condições de vida no país – como vimos, Islândia e Tunísia passavam por crises econômicas, política e moral – mais (II) a forte presença das NTIC dentro da realidade local. As NTIC serviram, portanto, para as pessoas se articularem nessas nações, onde celulares e mensagens de texto foram usados, entre outras funções, para a convocação direta e indireta de amigos/conhecidos às ruas.

Na Primavera Árabe, por exemplo, cada rede social virtual tinha uma função. O *Twitter* principalmente para a disseminação em tempo real de informações dos protestos; o *Facebook* na promoção de debates, ações, vídeos e imagens; e o *Youtube* para o fácil *upload* e divulgação dos acontecimentos. O papel das NTIC foi reconhecidamente tão importante que em alguns países da Primavera Árabe, como Egito, o governo de Mubarak cortou o acesso à internet numa tentativa de sanar a crise, deixando *Facebook* e *Twitter* inacessíveis em todo o país¹². Não funcionou e, em vez de desarticular os manifestantes, os provocou. A mídia internacional condenou o atentado à liberdade de comunicação e houve pressão para a internet voltar de entidades privadas como o Google, que lançou um serviço que permitia à população do Egito enviar mensagens ao *Twitter* por meio de ligações telefônicas.

¹¹ Entrevista com o professor Eiríkur Bergmann, da Escola de Ciências Sociais da Bifröst University, Islândia. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/29617/democracia+colaborativa+so+aconteceu+na+islândia+por+pressao+popular+diz+constituente.shtml>>. Acesso em 02.01.2016.

¹² Aos pesquisadores interessados em estudar a crise no Egito, há um premiado documentário egípcio-americano chamado *The Square*, de 2013.

1.1.1 - Repercussões e desdobramentos

Os acontecimentos na Tunísia e Islândia desencadearam outros no mundo, afinal, na sociedade em rede tudo está conectado, e os movimentos sociais se utilizam de estratégias parecidas.

Quando os Indignados da Espanha começaram a acampar nas principais praças das cidades de todo o país, em maio de 2011, proclamaram que ‘A Islândia é a solução!’. E quando os nova-iorquinos ocuparam espaços públicos em torno de *Wall Street*, em 17 de setembro de 2011, chamaram seu primeiro acampamento de Praça Tahrir, da mesma forma que os ocupantes da Praça Catalunya, em Barcelona (CASTELLS, p. 19, 2013).

Após as insurgências da Islândia e Tunísia, plataformas virtuais como *¡Democracia Real Ya!* (Democracia Real Já!) surgiram na Espanha de maneira mais bem organizadas, convocando milhares de pessoas para ir às ruas em defesa de mudanças na política (ESTÉVEZ; MUROS, 2011). Entre outras razões, os manifestantes consideravam que os partidos políticos tradicionais, sobretudo os preponderantes PSOE e PP, não os representavam. Dessa ida às ruas espanholas nasceu o movimento “Indignados”, conhecido como 15-M devido ao dia em que foi criado, 15 de maio de 2011.

O Indignados, que emerge no contexto da eurocrise - com o desemprego atingindo 21%¹³ na Espanha (mais de 43%¹⁴ entre jovens)-, dizia não ter líderes e era conduzido por assembleias que muitas vezes duravam horas. Para agilizar as decisões e evitar ruídos na comunicação interna, adotou uma linguagem manual para exprimir a aprovação ou desaprovação de decisões. Essas assembleias eram moderadas por voluntários que se revezavam regularmente nesse papel. Pela dimensão que tomou e por deixar a mídia e os políticos espanhóis perdidos, sem saber com quem dialogar, o 15-M foi um dos movimentos que me fez refletir acerca da nova leva de movimentos sociais sem líderes formais/institucionais, o que também ocorre com o objeto empírico desta dissertação, o DU.

¹³ Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2011/WORLD/europe/05/18/spain.protests/index.html>>. Acesso em 28.01.2016.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.expansion.com/2011/04/15/empleo/mercado-laboral/1302862048.html>>. Acesso em 28.01.2016.



Figura 1 – Manifestantes do Indignados ocupam a *Puerta del Sol*, um dos locais mais turísticos de Madrid. Fonte: internet¹⁵.



Figura 2 – Cidadãos exibem cartazes em protesto contra as condições de vida na Espanha. Entre as frases em primeiro plano se destacam, da esquerda para a direita: “fartos, sem pão”, “teto e trabalho, sem ser escravo!”, “os direitos, se conquistam”, “não é crise: é fraude” e “mais educação, menos repressão”. Fonte: internet¹⁶.

Funcionamento interno parecido com o Indignados teve o OWS, que também se dizia sem lideranças. As ocupações adotaram o modelo de *Spokes Council*, ou Conselho de Porta-Vozes (indivíduos nomeados para representar as posições de grupos de trabalho), na busca por promover uma comunicação melhor entre participantes e comitês. A maioria das ocupações ativas nos EUA tinha seus próprios sites com dinâmicas distintas, e o foco era a

¹⁵ Imagem disponível em: <<http://www.heathwoodpress.com/interview-with-simona-levi-partido-on-spains-indignados-radical-democracy-the-x-party/>>. Acesso em 03.01.2016

¹⁶ Imagem extraída do vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=iXTU-PEa7YY>>. Acesso em 03.01.2016.

desigualdade de renda, que aumentou drasticamente em 40 anos nos EUA. Em 1979, 1% da população americana detinha 9,9% da riqueza do país; em 2007, essa concentração de renda subiu para 23,5% - número próximo a apenas 1929 (23,9%), época da grande depressão¹⁷. Daí o slogan do OWS, “Nós somos os 99%”.

Ao refletir sobre o OWS e desdobramentos, Žižek (2012) afirma que a crise do capitalismo deve estar sempre como pano de fundo ao se pensar nos movimentos sociais contemporâneos, fazendo uma analogia com filmes de desenho animado.

O gato chega a um precipício e continua caminhando, ignorando o fato de não haver chão sob suas patas; ele só começa a cair quando olha para baixo e percebe o abismo. O que os manifestantes estão fazendo é apenas lembrar os que estão no poder de olhar para baixo (ŽIŽEK, 2012, p.18).



Figura 3 – Na imagem da frente, o slogan do OWS, “nós somos os 99%”. Na de trás, “você pode dizer que eu sou um sonhador – mas eu não sou o único”. Fonte: internet¹⁸.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.epi.org/publication/unequal-states/>>. Acesso em 28.01.2016.

¹⁸ Imagem disponível em: <<http://www.occupy.com/article/radicals-and-99-building-core-and-mass-movement>>. Acesso em 03.01.2016.



Figura 4 – Manifestantes do OWS formam um “99%” na *Freedom Plaza*, em Washington, D.C., EUA. Fonte: internet¹⁹.

Harvey (2012) fez um notável esforço para caracterizar o movimento *Occupy* em termos de conflito de classes, realçando o aspecto de unidade de interesse em oposição a uma classe dominante, simbolizada pelo Partido de *Wall Street*, presente tanto no Partido Democrata como no Republicano. De acordo com Harvey, o Partido *Wall Street* controla os EUA por décadas, defendendo os interesses das grandes empresas²⁰. A análise do autor dá uma ênfase maior à problemática clássica da “distribuição”, em lugar das lutas por “reconhecimento” (FRASER, 2002) que vinham ganhando destaque no contexto da globalização da valorização da cultura²¹. Lembrando que as duas problemáticas não se excluem e podem ser complementares.

¹⁹ Imagem disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2046029/Occupy-Wall-Street-NYPD-officer-caught-bragging-beating-protesters.html>>. Acesso em 03.01.2016.

²⁰ Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=462>>. Acesso em 12.02.2015.

²¹ Ao pensar nas lutas por reconhecimento do mundo globalizado, Fraser (2002) identifica três problemas que ameaçam a justiça social, entre eles a substituição da redistribuição pelo reconhecimento. De acordo com a autora, as lutas pelo reconhecimento, no contexto do neoliberalismo em ascensão, estão se separando das lutas pela redistribuição igualitária. Visando contrariar esse risco da “substituição”, a autora propõe uma concepção bidimensional de justiça que abranja tanto o reconhecimento como a distribuição.

Na América Latina também ocorreram protestos fortemente ancorados nas NTIC. Alguns que ganharam repercussão mundial foram o movimento estudantil chileno, que buscava uma reforma no ensino superior do país (à época, majoritariamente privado, ainda seguia a estrutura do governo de Pinochet), e o *Yo soy 132*, movimento social mexicano em prol da democratização dos meios de comunicação (ARDITI, 2012).

Por trás das principais manifestações mundiais, portanto, estavam crises estruturais e/ou econômicas - estas últimas já conhecidas por historicamente serem impulsos à ação coletiva. No Brasil, o cenário econômico²² pode ajudar a entender em parte as grandes mobilizações de junho de 2013 - que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público e terminaram mostrando a insatisfação popular em vários níveis (da qualidade dos serviços públicos à corrupção e impunidade)-, e as marchas pró-impeachment de 2015.

Em relação a junho de 2013, a literatura (SOUSA; SOUZA, 2013) mostra que o fenômeno não aconteceu num vazio territorial ou teórico. Sá Barreto e Benzaquem (2013) apontam para um governo brasileiro em progressiva exaustão, em suposto desacordo com um programa democrático e sem coragem para reforçar os envelhecidos contratos sociais. Xavier (2013) alerta para algumas bandeiras de junho de 2013, tais como a crise ética e o apartidarismo, e a luta pela hegemonia nessas manifestações, a qual vários conteúdos disputam o preenchimento de um centro, um significante vazio “que desempenha o papel simbólico e contingente de imprimir unidade à pluralidade caótica e angustiante do social” (XAVIER, p.2). Silva de Jesus (2013), por sua vez, distingue três características fundamentais de junho de 2013, o alto número de manifestantes, a recusa a qualquer representação política e a negação à violência²³.

Em relação aos cinco maiores protestos pró-impeachment de 2015, por serem recentes ainda há pouca coisa escrita, mas impressiona a capacidade de mobilização de

²² Um exemplo da influência da economia no “clima das ruas” está no discurso de políticos brasileiros da oposição e situação, que repetem em entrevistas a periódicos que a governabilidade de Dilma Rousseff e as manifestações de rua dependem muito da recuperação econômica do País, cujas previsões seguem desanimadoras. De acordo com o Boletim Focus do Banco Central, divulgado no fim de dezembro de 2015, após recuo de 3,7% do PIB em 2015, o pior desde 1990, a previsão para 2016 é de queda de 2,8%. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/mercados/noticia/2015/12/mercado-aumenta-previsao-de-queda-do-pib-de-2015-para-370.html>>. Acesso em 28.01.2016.

²³ Essas características são semelhanças a algumas encontradas no Indignados, por exemplo, o que indica que as grandes mobilizações brasileiras não se explicam sozinhas.

grupos políticos recém-criados e de perfil liberal, como o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Vem pra Rua²⁴. Com pouco mais de um ano de existência, a comunidade do MBL no *Facebook* tem 303.694 mil curtidas, com 206.523 pessoas “falando sobre a página²⁵”, enquanto a comunidade do Vem pra Rua possui 781.696 curtidas e 243.273 pessoas que “falam” sobre ela²⁶.

Os acontecimentos/protestos relatados, tanto os ocorridos no mundo como no Brasil, foram feitos para se pensar nas condições políticas exteriores ao DU. Afinal, como menciona Gohn (2011), um movimento social não se trata de um processo isolado, e sim de caráter político-social. Para estudá-los, portanto, “devem-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do País quando as articulações acontecem” (GOHN, 2011, p. 333).

Sem as novas NTIC, no entanto, esses movimentos certamente seriam de maneira diferente (caso ocorressem), daí a importância de se estudar as NTIC e as redes sociais virtuais como instrumentos de mobilização política.

1.2 - Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e ciberativismo

Sabe-se há tempos que outras formas de atividade política extra-parlamentar acontecem nas sociedades democráticas, a exemplo da esfera pública habermasiana (1984) - estrutura intermediária onde se discute assuntos de interesse público que faz a intermediação entre o Estado (poder público) e o espaço privado (pertencente às famílias). No entanto, autores apontam (DONK et al., 2004) que tais fenômenos políticos deram um passo à frente em algum lugar de meados da década de 1990, quando, em poucos anos, pode-se falar do início de uma nova onda de movimentos sociais e de políticas alternativas, a era do ciberativismo. Na atualidade, com a colaboração de ferramentas virtuais mais

²⁴ Em 2015, ambos os movimentos foram responsáveis por organizar e participar de protestos que levaram milhões de pessoas às ruas. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/04/1615697-protesto-contradilma-reune-cem-mil-na-avenida-paulista-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em 25.07.2015.

²⁵ A métrica “falam sobre a página” é utilizada pelo *Facebook* para ver o número de interações diretas com a página. O índice mede o número de pessoas que criaram qualquer tipo de “história” sobre a página num período de sete dias. Por “história” se entende, entre outras coisas, as opções de curtir/gostar da página, comentar um post, partilhar um post etc.

²⁶ Esses números do MBL e Vem pra Rua foram obtidos nas comunidades *on-line* dos grupos no dia 02.02.2016. Disponíveis em: <www.facebook.com/mbllivre?fref=ts> e <www.facebook.com/VemPraRuaBrasil.org?fref=ts>.

modernas, como o *Facebook*, o uso tático de informações para organizar e coordenar ações, grandes e pequenas, fornece a alguns grupos políticos uma eficácia que, talvez, nunca poderiam ter tido antes, podendo gerar e construir conhecimentos além do euro/logo-centrismo dominante da modernidade (ESCOBAR; OSTERWEIL, 2009).

Em tempos modernos, a soberania do Estado Nação está sendo reduzida em face à globalização neoliberal, e o resultado é que o mundo passa por mudanças. Na Europa Central e Oriental, novas instituições democráticas lutam para criar raízes; na Ásia, América Latina e África, muitas sociedades ainda estão no processo de tentar fazer a transição de regimes autoritários para regimes democráticos (DONK et al., 2004). No ocidente, a arena da política oficial assiste a um declínio no apoio e participação popular, a exemplo da fidelidade partidária, em queda especialmente entre os mais jovens.

No entanto, um olhar mais atento à situação mostra que as pessoas não saíram do campo político, espaço social onde se discute política. Ao contrário, reorientaram a atenção para outros ambientes. Hoje, parte importante da discussão cívica acontece na internet, não só em fóruns públicos e nas variadas formas do jornalismo *on-line*, mas também dentro da vasta rede de organizações ativistas e de movimentos sociais presentes na web. Dentro desse contexto, as NTIC parecem promover uma “contra-esfera pública” (id.), que oferece novos caminhos e dá sentido ao que significa ser cidadão.

A era do ciberativismo é um momento oportuno, então, para serem ampliados os estudos dos impactos das NTIC nos movimentos sociais - verificando como essas tecnologias afetam o recrutamento, adesão e mobilização de novos membros. Ferramentas como *e-mails*, listas de discussão, sites, *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, serviços de *streaming*, *Twitter* e *Whatsapp* vêm afetando a forma como os movimentos sociais são planejados; movimentos que, em rede, mudam rapidamente de formas, estratégias e táticas, espécies de alvos em constante movimento.

Apesar de as NTIC também serem usadas para construir e manter organizações poderosas e centralizadas, a exemplo de seu uso por grandes corporações midiáticas, também podem ser instrumentos eficazes para estabelecer e executar redes descentralizadas, com menos recursos. Exemplos são inúmeros, tanto locais como globais, e ocorrem principalmente em áreas onde assuntos transnacionais se sobressaem. Por isso não surpreende que grupos como o Greenpeace Internacional (*Greenpeace International*),

Amigos da Terra Internacional (*Friends of the Earth International*) e o Fundo Mundial para a Natureza (*World Wide Fund for Nature*) estejam entre aqueles que foram os primeiros a adotar as NTIC e a continuar as usando exaustivamente (DONK et al., 2004).

Cada vez mais comuns, os ciberprotestos são reflexos do papel facilitador que as NTIC têm na organização de certas formas de ação direta. Os exemplos desde o fim dos anos 1990 e início do século XXI não faltam. Além dos mais recentes já comentados (entre 2009 e 2015), as NTIC são usadas há algum tempo em diversos países. Na Itália, Wright (2004) destacou o fenômeno do *train-stopping*, onde milhares de pessoas mobilizaram-se semanas antes da invasão do Iraque para bloquear o movimento ferroviário americano de material militar²⁷. Em Portugal, ocorreram em 1999 os movimentos pró-Timor-Leste, quando as novas mídias e o rádio desempenharam papel importante na emergência e orientação de ativistas. Segundo Cardoso e Neto (2004), esses movimentos mudaram a participação cívica do país ibérico, que, antes preocupado principalmente com agendas nacionais e locais, passou a fazer uma defesa aberta de assuntos transnacionais, como os direitos humanos.

Assim, duas características são fundamentais para se estudar a sociedade da informação, (I) o crescimento das pautas transnacionais, decorrente do mundo mais globalizado (QUIJANO, 2002; CANCLINI, 2007), e o (II) rápido desenvolvimento e aderência (por parte da sociedade civil) das redes sociais virtuais. Vale salientar, entretanto, a importância de se evitar possíveis idealizações com as NTIC. Afinal, ativistas que se encontram na rede não são todos de natureza democrática: há também os racistas, neonazistas, homofóbicos, machistas, entre outros. No Brasil, por exemplo, crescem paulatinamente grupos políticos virtuais com pautas reacionárias, inclusive alguns que pedem a volta da ditadura militar.

Em países subdesenvolvidos, o uso das NTIC para fins antidemocráticos ou para a manutenção do poder talvez seja mais evidente²⁸. Estudos de casos realizados no continente africano apontam que, enquanto as novas mídias têm potencial para ajudar a monitorar e mobilizar a atividade política, também reforçam posições dos que estão no poder. Na

²⁷ Um dos aspectos mais marcantes desse protesto foi a utilização de tecnologias novas com as antigas: da convocação de pessoas por estações de rádio a divulgação de notícias via internet e celular.

²⁸ O livro *African Media and the Digital Public Sphere* (2009), a partir de perspectivas teóricas e empíricas, faz reflexões sobre as alegações de que NTIC são catalisadores de mudança democrática na África.

África, o problema em geral se encontra nas estruturas políticas tradicionais, cujas decisões são centralizadas em círculos de fiéis ao partido no poder – muitas vezes avesso à tendência descentralizadora das novas tecnologias.

No Zimbábue, nação em grave crise política/econômica desde 2000 e com regime ditatorial desde 1987, apesar de existirem sites que denunciem a má governança política e a violação de direitos humanos, o domínio destes fica nas mãos de poucos. Análise de conteúdo de *websites* no Zimbábue (MOYO, 2009) apontou que o controle da internet permanece sob o domínio de uma minoria, com o governo e a elite econômica promovendo discursos que giram em torno dos próprios interesses, reproduzindo ideologias dominantes. Uma das conclusões preocupantes de Moyo é que enquanto os fóruns de *e-mail* e bate-papo são parte central da democracia digital nascente no Zimbábue, a internet ainda é, no geral, apenas para os zimbabuanos ricos e os que moram fora do país.

As NTIC também podem servir para fins “maléficos” em países como o Quênia, sendo utilizadas para a manutenção de grupos dominantes segundo relatórios das principais ONGs do país (ABDI e DEAN, apud MOYO, 2009). Dessa forma, no continente mais pobre do globo, estudos de caso apontam que em várias nações o acesso à internet é para poucos e o controle pertence às confrarias dominantes.

No Brasil, elites políticas tradicionais, proprietárias dos grandes conglomerados de comunicação nacionais, também continuam controlando o conteúdo lido na internet e orientando as pautas dos assuntos virtuais, como aponta reportagem da Folha de São Paulo²⁹. Segundo a matéria, a produção de jornais, TVs e portais brasileiros dominou os compartilhamentos em redes sociais durante os protestos de junho de 2013 no Brasil. Entre 6 e 22 de junho, “links da mídia brasileira responderam por 80% dos endereços de maior alcance nas principais *hashtags* (palavras-chaves que viram hiperlinks na web) das manifestações do *Twitter*. Só 5% eram postagens de blogs”, destaca a matéria. No *Facebook*, o domínio se manteve.

1.3 - NTIC no Brasil

Esta seção está dividida em duas partes. A primeira mostra um panorama geral do

²⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1305911-jornalismo-domina-rede-social-durante-protestos-pelo-pais.shtml>>. Acesso em 23.11.2015.

acesso à internet do Brasil. Depois, alguns dados do alcance das redes sociais virtuais no País, com destaque para a capacidade de mobilização de pessoas. Serão exploradas duas pesquisas: a (I) “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) - acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal (2015)” e a (II) “Democracia e consumo (2015)”, realizada pela F/Nazca Saatchi & Saatchi em parceria com o Instituto Datafolha. Embora os recortes temporais sejam distintos, a Pnad exibe dados de 2013 e a F/Nazca Saatchi & Saatchi de 2015, ambas ajudam a compreender melhor o alcance das NTIC no Brasil.

1.3.1 - Panorama geral da internet no Brasil e Recife

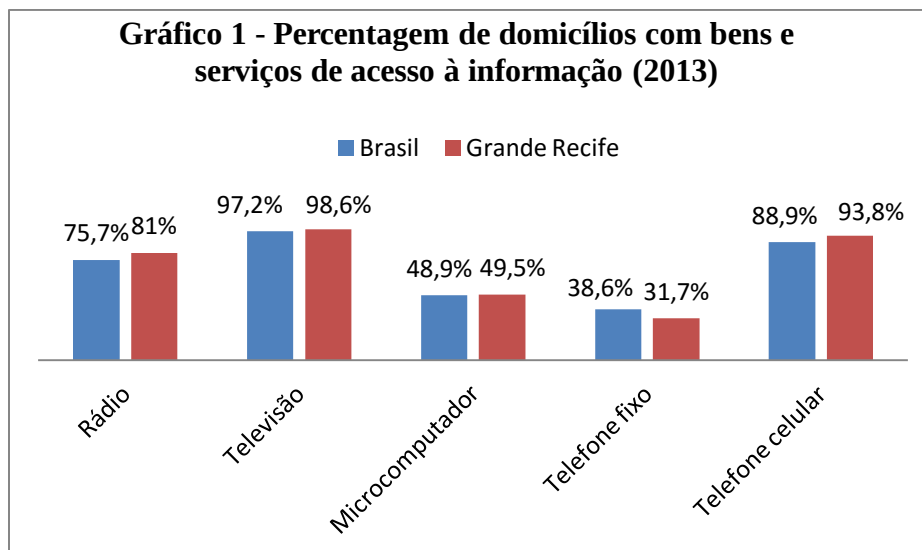
O último Pnad³⁰ específico sobre o tema, divulgado em março de 2015, apontou que em 2013 a utilização da internet por meio de diversos equipamentos eletrônicos (microcomputador, celular, *tablet* e outros) era de 85,6 milhões (49,4% da população) no Brasil. Entre os 65,13 milhões de domicílios particulares permanentes³¹ existentes na época, 31,8 milhões possuíam microcomputadores, 25,1 milhões telefone fixo convencional e 58,4 milhões celulares³². Nesses domicílios, 31,2 milhões tinham acesso à internet.

Na Região Metropolitana do Recife (RMR), onde o DU é preponderantemente atuante, o Pnad divulgou os seguintes números. De um total de 1,25 milhão de domicílios particulares permanentes, 621 mil possuíam microcomputadores, sendo 539 mil ligados à internet. Em relação à telefonia, 398 mil domicílios tinham telefone fixo convencional e 1,17 milhão celulares.

³⁰ A pesquisa analisou o contingente de pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet, pelo menos uma vez, no período de referência de três meses (últimos 90 dias que antecederam ao dia da entrevista). A amostra foi de 362.555 pessoas.

³¹ Para o IBGE, domicílio é o local de moradia estruturalmente separado e independente, constituído por um ou mais cômodos. Domicílio particular permanente é o localizado em casa, apartamento ou cômodo, e destinado à moradia, ou seja, excluem-se os que não têm dependência destinada exclusivamente à moradia (tais como loja, sala comercial, prédio em construção etc.).

³² Outro destaque do levantamento foi a televisão, a NTIC mais preponderante na casa dos brasileiros, presente em 63,2 milhões de domicílios.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2013. Gráfico elaborado pelo autor.

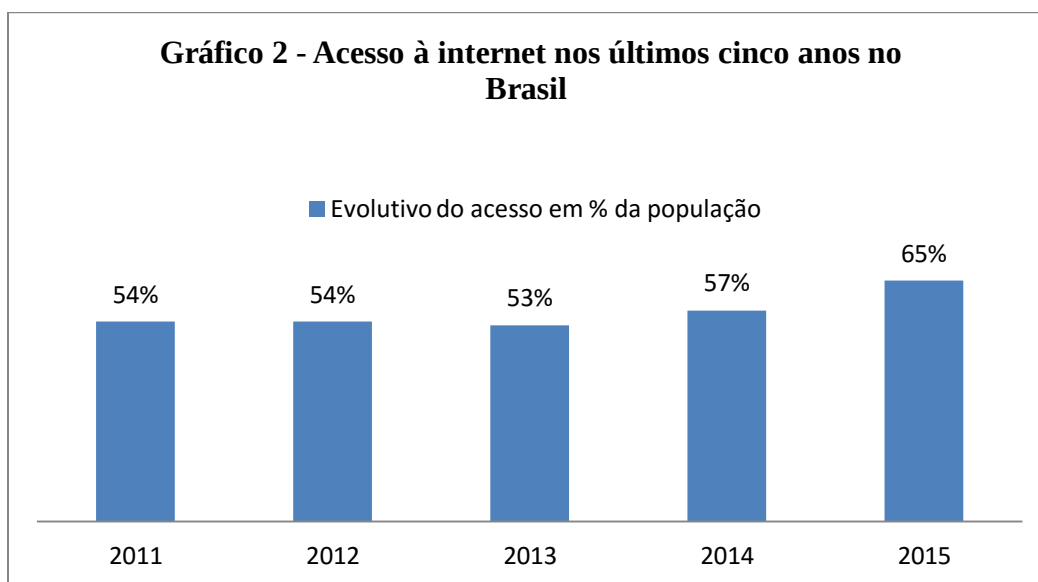
A pesquisa também revelou a utilização da internet segundo o sexo, grupos de idade e anos de estudo. No conjunto do País, em 2013 não havia diferença significativa entre os percentuais de homens (49,3%) e de mulheres (49,5%) que utilizavam a internet. Em relação à faixa etária, grupos mais jovens registraram os maiores percentuais de utilização da internet, com 75,7% de uso entre pessoas de 15 a 17 anos. Os percentuais decresceram com o aumento da idade, chegando a 12,6% entre pessoas com 60 anos ou mais.

A utilização da internet também comprovou ter forte relação com os anos de estudo dos brasileiros. Quanto maior o nível de escolaridade, maior o uso da ferramenta. O percentual de utilização mais elevado foi na população com 15 anos ou mais de estudo, 89,8%.

1.3.2 - O boom móvel e a mobilização de pessoas

Embora seja de 2013, e sabe-se que quando se trata de tecnologia os números ficam defasados rapidamente, a Pnad foi utilizada por ter informações oficiais do governo brasileiro e para contextualizar os dados que mostrarei a seguir – estes mais recentes, de

2015. A pesquisa F/Nazca Saatchi & Saatchi com a Datafolha³³ constatou um significativo crescimento da internet em relação a 2013. Em 2015, 65% da população brasileira com mais de 12 anos estava na internet, ou seja, 107 milhões de pessoas. Desse total, 87 milhões acessavam a internet pelo celular.

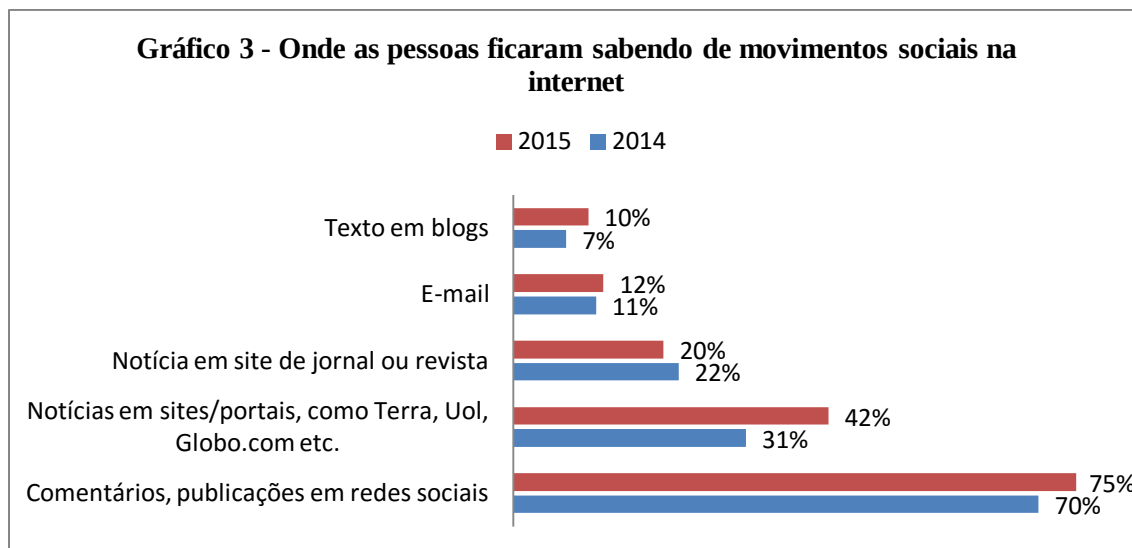


Fonte: F/Nazca Saatchi & Saatchi e Datafolha. Gráfico elaborado pelo autor.

Boa parte desta pesquisa foi dedicada ao tema mobilização, mostrando que 45 milhões de brasileiros já participaram de movimentos sociais, sendo 13,7 milhões *só pela internet*, 18,2 milhões *só presencialmente* e 13,1 milhões de *ambas as maneiras*. A maioria desses participantes de movimentos sociais pertence à classe C, 45%.

O estudo também identificou as redes sociais virtuais como sendo fontes substanciais de informação e conhecimento: sete, em cada 10 internautas, ficaram sabendo pela internet de movimentos sociais. O gráfico 3 indica os principais locais onde essas pessoas se informaram.

³³ Aplicaram-se questionários à população brasileira com 12 anos ou mais, pertencente a todas as classes econômicas. Foram realizadas 2.296 entrevistas em 144 municípios brasileiros. O nível de confiança, segundo os realizadores, é de 95%. O campo foi realizado entre os dias 11 e 13 de março de 2015.



Fonte: Fonte: F/Nazca Saatchi & Saatchi e Datafolha. Gráfico elaborado pelo autor.

Outros resultados interessantes da pesquisa são as opiniões dos entrevistados acerca do tema redes sociais virtuais. O levantamento demonstrou que seis, em cada 10 internautas, acreditam que as redes sociais virtuais contribuem para mudar de opinião em relação a problemas sociais; e que sete, em cada 10 internautas, acham que as redes sociais contribuem para a troca de informações sobre problemas do bairro, cidade ou País. Resumindo, eis os destaques da pesquisa:

- 107 milhões de brasileiros acessam a internet
- 45 milhões já participaram de movimentos sociais
- 31 milhões participaram presencialmente de movimentos sociais
- 27 milhões participaram de movimentos sociais via internet
- 6 em cada 10 internautas acreditam que as redes sociais contribuem para mudar de opinião sobre problemas sociais
- Melhoria das calçadas é mais importante para os brasileiros do que a reforma política ou reforma tributária
- Maioria dos brasileiros é favorável às manifestações de rua
- Maioria dos participantes de movimentos sociais está na classe C

A pesquisa também apontou que o *Facebook* é a principal rede social virtual utilizada por brasileiros, em seguida aparecem *Whatsapp*, *Google+*, *Instagram* e *Twitter*, respectivamente. Os dados explanados nesta seção foram importantes para a formulação do questionário e do roteiro de entrevista aplicados aos membros do DU, que serão detalhados no capítulo II.

1.4 - Movimentos sociais no Brasil

Desde logo é importante demarcar o que se compreende, aqui, por movimento social. Nesta pesquisa, o entendimento é parecido com o de Gohn (2011), que afirma:

Nós os encaramos [os movimentos sociais] como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas (GOHN, 2011, p. 335).

Tendo em vista o escopo e tamanho desta dissertação, não serão abordados os movimentos brasileiros do fim do século XX, como o dos indígenas, dos funcionários públicos, das mulheres, dos ecologistas, dos homossexuais, entre outros. Abarcar-se-á, sim, um cenário geral dos movimentos brasileiros do início do século XXI, período berço das mobilizações contemporâneas.

A primeira década deste milênio ficou marcada pelo crescimento de ONGs e entidades do terceiro setor (coordenadas por empresas, bancos, artistas famosos etc.). As ONGs, que antes serviam mais como apoio aos movimentos sociais populares, passaram a trabalhar junto a estes e em parceria com o Estado (GOHN, 2011). Tal fato enfraqueceu os movimentos tradicionais e, por conseguinte, as manifestações de rua diminuíram na primeira década do século XXI. Desse modo, iniciou-se um novo momento de associativismo no Brasil, adentrando em novas esferas públicas: o Estado alterou suas “relações com a sociedade civil organizada, impulsionando políticas públicas participativas, muitas delas coordenadas ou com a participação de antigas lideranças oriundas de movimentos sociais” (id., p. 356, 2011).

De acordo com Dagnino (2004), a hegemonia do projeto neoliberal no mundo teve consequências para as sociedades latino-americanas. No Brasil, a argumentação da autora é que houve uma confluência perversa entre, de um lado, um projeto político democratizante, participativo, e, de outro, o modelo neoliberal. Segundo Dagnino, o primeiro pode ser observado nos processos deliberativos relacionados a questões públicas, sendo o seu marco formal e consagrador o princípio de participação da sociedade civil, instituído na Constituição de 1988. Entre os espaços deliberativos implementados naquele período destacam-se os Conselhos Gestores de Políticas Públicas, instituídos por lei, e os Orçamentos Participativos³⁴. Já um exemplo para o modelo neoliberal, por vezes perverso para Dagnino, pode ser visto nas relações entre Estado e ONG.

Dotadas de competência técnica e inserção social, interlocutores ‘confiáveis’ entre os vários possíveis interlocutores na sociedade civil, elas [as ONGs] são frequentemente vistas como os parceiros ideais pelos setores do Estado empenhados na transferência de suas responsabilidades para o âmbito da sociedade civil. Esse deslocamento da noção de representatividade não é obviamente inocente nem em suas intenções nem em suas consequências políticas (DAGNINO, p.101, 2004).

Assim, os movimentos sociais brasileiros tiveram de se adaptar aos primeiros anos do século XXI. Porém, a crise financeira global de 2008, e, de tal modo, do modelo neoliberal, somados ao crescimento das NTIC parecem ter acrescentado novos ingredientes às mobilizações contemporâneas, sendo fatores decisivos para a emergência de movimentos sociais como os “Ocupes” brasileiros, junho de 2013 e os protestos pró-impeachment de 2015.

Quando a crise desembarcou no Brasil, acelerou-se o surgimento de grupos políticos e movimentos que passaram a questionar o modelo desenvolvimentista do PT, baseado no discurso do crescimento econômico ilimitado e no fortalecimento do mercado interno como mecanismo de inclusão social. O Direito Urbanos/Recife surge nesse contexto, questionando o modelo desenvolvimentista do Estado de Pernambuco (OLIVEIRA, 2013), com a intenção de trazer à tona questões como o direito à cidade e à qualidade de vida.

Uma vez instalada o desgaste da democracia participativa no Brasil, multiplicaram-

³⁴ Implementados principalmente em municípios brasileiros governados pelo PT, os Orçamentos Participativos são instrumentos que permitem à população discutir investimentos e políticas públicas.

se movimentos do tipo “Ocupe”, com demandas diretas e alvos certos (poder público e iniciativa privada), tais como o Ocupe Estelita (Recife), o Ocupe Cocó (Fortaleza), o Ocupe Golfe (Rio de Janeiro), o Ocupe Cais Mauá (Porto Alegre), o Ocupe Parque Augusta (São Paulo), as ocupações das escolas estaduais de São Paulo, entre outros.

Ao fazer uma reflexão sobre esses movimentos, Rocha (2015), em artigo publicado no jornal *El País*, afirma que essas mobilizações refletem (e refletiram) um cenário de ameaça ao espaço público diante da “captura do Estado” pelo neoliberalismo e grandes corporações. Segundo a autora, para entender a crise da democracia representativa brasileira - que não é atual, vale frisar, porém cresceu nos últimos anos - é preciso ir mais longe. Ela aumentou fortemente com a redemocratização e a adoção de políticas neoliberais no Brasil, a exemplo das privatizações. Desde os anos 1980, entretanto, teve uma espécie de contraofensiva, uma “febre participativa” que emergiu ante a onda neoliberal, a qual explica em muito, esclarece Rocha, a eleição de candidatos do PT e de esquerda ou centro-esquerda desde lá.

De acordo com Rocha, essa “febre participativa” teria retardado a “formação do consenso neoliberal” no Brasil e, portanto, atrasado a “crise da democracia participativa”. Contudo, a recente estagnação econômica e seus efeitos políticos, como a enorme descrença nos partidos políticos e seus representantes³⁵, amadureceu esse desgaste da democracia representativa brasileira. Assim, segundo Rocha, manifestantes de novos e antigos movimentos sociais, observando que não há uma verdadeira participação cívica no sistema tradicional, voltaram a praticar a antiga tática de “ocupar” a cidade, sendo esta vista como um instrumento de luta.

No fundo, a luta pelo direito à cidade envolve disputas sobre diferentes modos de vida que podem ou não ser abarcados por ela. O Movimento Ocupe Estelita foi o ponto de convergência de bandeiras muito diferentes, de gays, lésbicas, transexuais, adeptos da bicicleta, do vídeo militante, da alimentação vegetariana ou vegana, de defensores dos animais e da descriminalização da maconha, dos trabalhadores do comércio informal e da moradia popular... Podemos então perguntar por que a cidade é imprescindível para cada uma dessas lutas. A resposta parece estar no direito à diversidade, frontalmente ameaçado pelo modo de vida burguês e sua fixação na dimensão privada da existência (ROCHA, artigo

³⁵ Após mais de 12 anos no executivo do comando nacional, o PT foi talvez o partido com a imagem mais afetada com a atual crise política brasileira. Como principal figura do partido, e um dos principais líderes políticos brasileiros da história, uma discussão interessante, a qual não será estendida, é sobre qual será o papel de Lula e os efeitos do lulismo (OLIVEIRA, 2011) no cenário político atual e futuro.

publicado no *El País*³⁶).

1.4.1- Teoria dos Movimentos Sociais e ação coletiva

Após abordar as NTIC e o cenário de movimentos sociais no Brasil contemporâneo, esta seção, mais teórica, trata brevemente algumas correntes da teoria dos movimentos sociais levadas em consideração nesta dissertação.

Vários autores concordam que os movimentos sociais precisam de uma estrutura e que são, até certo ponto, organizados. Durante o século XX surgiram inúmeras teorias para explicá-los, que levaram em consideração o tamanho, as ideologias, as bandeiras e as formas de atuação desses movimentos. Não se pretende, aqui, abordar todas essas perspectivas teóricas e as suas respectivas origens, devido ao escopo deste trabalho, mas sim revisar, teoricamente, quais fatores levam à mobilização. Atualmente, pesquisadores destacam a importância das NTIC nesse processo, como pondera Donk et al. (2004, p.20):

Qualquer que seja a definição preferida de um movimento social, é evidente que os movimentos sociais não podem existir sem interações sustentados tanto internamente como com os seus grupos de referência externos. Isso aponta para a centralidade da comunicação e, dado tanto a estrutura da rede de movimentos sociais e seus limitados recursos financeiros, para a atratividade de utilização das NTIC.

Ao se pensar nos movimentos sociais contemporâneos e no uso das NTIC é importante ter como pano de fundo algumas correntes teóricas que dialogam, de alguma maneira, com os objetos empírico e teórico deste trabalho. Nos anos 1970, desenvolvem-se três grandes famílias de teóricos de movimentos sociais (ALONSO, 2009) que ficaram conhecidas por romper com abordagens de que a mobilização coletiva eclodiria de fatores como a irracionalidade³⁷: a Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), a Teoria do Processo Político (TPP) e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS). Uma rápida revisão delas é importante, pois serviram para reflexões dos fenômenos sociais aqui tratados.

³⁶ Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/opinion/1448840154_656256.html>. Acesso em 03.01.2016.

³⁷ De uma maneira ou de outra, a explicação tinha pilares psicossociais, amparando-se em emoções coletivas.

A TMR - bem vigente nos anos 1970 nos EUA, respondendo a 56% dos artigos publicados nas principais revistas norte-americanas de sociologia e ciência política no período (MUELLER, 1992) - focou sobretudo na dimensão micro-organizacional e estratégica da ação coletiva. A decisão de agir, segundo a TMR, seria ato da deliberação individual como resultante de uma ação racional, ou seja, da relação entre custos e benefícios. A ação coletiva, contudo, só se realizaria na presença de recursos materiais (financeiros e infraestrutura), humanos (ativistas e apoiadores) e de organização (ALONSO, 2009). Para a nossa discussão, as ponderações da TMR servem para se pensar na racionalidade dos movimentos sociais, o que faz um contraponto a perspectivas que os consideravam resultantes do contágio entre atores, ideias discutidas por Tarde e Le Bon, por exemplo.

De acordo com a TMR, os grupos políticos poderiam ser comparados às atividades econômicas numa esfera competitiva, com recursos relativamente escassos. Administrá-los nesse cenário seria, então, o grande desafio. Mas a TMR tinha algumas lacunas. Um das críticas a ela é de que não enxergou a multidimensionalidade do movimento social, dedicando pouca atenção aos aspectos ideológicos e culturais sobre o funcionamento desses movimentos.

A TPP, em contrapartida, privilegiou exatamente o ambiente macropolítico e incorporou a “cultura” nas análises dos movimentos sociais (ALONSO, 2009). Uma das diferenças em relação à TMR, que enfatiza, como se viu, os recursos materiais à disposição, é que nessa escola o movimento social só se configuraria diante de oportunidades políticas favoráveis, priorizando uma estrutura de incentivos políticos (ou não) que delimitaria as possibilidades de escolha dos agentes para a ação. Assim, a TPP dá mais ênfase à maneira como os movimentos sociais interagem com outros grupos em certos contextos (aliados, adversários, autoridades do Estado, da mídia etc.), destacando a capacidade de o movimento agir de forma coordenada e coerente (DONK et al., 2004).

A TNMS, inversamente, acentuou aspectos simbólicos e cognitivos, – e mesmo emoções coletivas –, focando numa teoria da mudança cultural na própria definição de movimentos sociais. Em compensação, deu menor relevo ao ambiente político em que a mobilização transcorre e aos interesses e recursos materiais que envolve. Sobre a TNMS, Alonso (2009) afirma que Touraine, Habermas e Melucci, três expoentes dessa família,

possuem teorias particulares, porém todas confluem para a especificidade dos movimentos sociais da segunda metade do século XX.

Segundo Alonso, para esses autores as formas de dominação teriam mudado no mundo (devido, por exemplo, às inovações tecnológicas e científicas), o que alterou as distinções entre o público e privado, resultando numa nova zona de conflito e de mudanças na subjetividade. Esses autores compartilhariam, portanto, da opinião de que as “reivindicações teriam se deslocado dos itens redistributivos, do mundo do trabalho, para a vida cotidiana, demandando a democratização de suas estruturas e afirmando novas identidades e valores” (ALONSO, 2009, p.67).

Na segunda metade do século XX, de acordo com a TNMS, os movimentos de classe dariam lugar a novos movimentos expressivos, simbólicos e identitários, casos do feminismo, pacifismo, ambientalismo e movimento estudantil. A questão do conflito, antes mais restrita ao plano econômico, avançaria para a vida privada (família, educação, sexo), ganhando novas dimensões e mudando os protestos vindouros, a exemplo das mobilizações contemporâneas que passaram a envolver temas mais transnacionais.

Diante dessas três grandes teorias, foram feitas algumas reflexões em torno dos movimentos sociais do século XXI. A TMR serviu para se pensar na estrutura e recursos desses movimentos; a TPP para refletir acerca (I) das condições políticas necessárias para a ação coletiva e (II) do relacionamento entre distintos grupos políticos; a TMNS, por último, para considerar a multidimensionalidade e transnacionalidade desses novos movimentos sociais.

1.5 - Sociedade em rede, uma revisão da literatura

Desde o início desta dissertação tento mostrar a relevância da internet e das NTIC para as organizações sociais em rede, que, por sua vez, são fundamentais para se compreender a interação entre indivíduos. Mas o que seriam essas redes? Uma rede pode ser interpretada como uma maneira de representar padrões de conexão de um grupo social, sendo vista como um conjunto de dois elementos principais, “os atores (pessoas, instituições ou grupos; os “nós” da rede) e as suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2009, p. 24).

Mais antiga do que a internet, a rede social é além de tudo um tema multidisciplinar.

Autores de áreas diversas - como sociologia, matemática, antropologia e psicologia social - contribuíram para o desenvolvimento dessa ciência, tais como Euler (com a formulação da teoria dos grafos), Moreno (criador da sociometria), Paul Erdős e Alfred Rényi (desenvolvimento das redes aleatórias), Stanley Milgram (estudo dos “seis graus de separação”) e Granovetter (estudo dos laços fortes e fracos). Entre as escolas sociológicas, deram importantes contribuições as de Chicago e Manchester (FONTES, 2012; BARABÁSI, 2009). A partir dos anos 1970, no entanto, pesquisas com redes sociais cresceram mais intensamente, sobretudo com o desenvolvimento dos modernos softwares (SCOTT, 2000; DE DENNE; FORSÉ, 1999).

Mas qual a importância de se estudar as redes sociais virtuais e os movimentos populares contemporâneos? Diante dos efeitos da globalização³⁸ e de uma sociedade cada vez mais conectada, agora também no mundo virtual, é fundamental investigar o papel dessas novas esferas públicas na mobilização de pessoas, pois, entre outros fatores, as redes sociais virtuais são instrumentos capazes de organizar, informar e mobilizar pessoas, tanto no ambiente real como virtual. A relação entre redes sociais virtuais e ação coletiva permeia todo este trabalho e será abordada mais adiante. De momento, serão destacadas algumas das regras que regem as redes para uma melhor compreensão de como são vistas aqui e de seu funcionamento.

Resultados de estudos de Christakis (2009), que realiza pesquisas dos efeitos de contágio em áreas como a saúde, mostram que se “um amigo do seu amigo ganha peso, você também ganha peso”, ou “se um amigo do amigo de seu amigo para de fumar, você também para de fumar”. Mas como esse contágio acontece? Para o autor, a chave para responder a essa pergunta é compreender os laços entre as pessoas. “Assim como os cérebros podem fazer coisas que um solitário neurônio não pode fazer, as redes sociais podem fazer coisas que uma única pessoa não pode fazer³⁹” (CHRISTAKIS, 2009, p. viii). Nessa linha de pensamento, a rede social poderia ser vista como uma espécie de superorganismo humano, para lá de complexo. Numa busca para ilustrá-lo, Christakis (id.,

³⁸ O fenômeno da globalização - sendo visto como um processo de aprofundamento internacional de integração econômica, cultural, social e política - é importante ser estudado em redes sociais virtuais principalmente por favorecer o desenvolvimento dessas redes, com novas possibilidades de ferramentas tecnológicas e de trocas comunicacionais para os usuários. Discussões sobre as causas e desdobramentos da globalização podem ser vistas em Canclini (2007), Haynes (2003), Marchetti (2009) e Quijano (2002).

³⁹ Tradução do autor: “Just as brains can do things that no single neuron can do, so can social networks do things that no single person can do”.

p. 17-26) aponta as cinco regras que regem uma rede.

Na regra 1, *nós damos formas a nossa rede*, os seres humanos podem fazer e refazer as suas redes sociais o tempo todo⁴⁰, atuando em aspectos como a densidade e centralidade da rede⁴¹. A regra 2, *a nossa rede nos molda*, mostra que os contatos dos nossos amigos e familiares são relevantes para a situação dentro da rede, podendo reduzir o número de “saltos” para o acesso a outras pessoas ou recursos. Na regra 3, *nossos amigos nos afetam*, os exemplos de Christakis são os estudantes que, com colegas de quarto estudiosos, tornam-se mais disciplinados, ou os proprietários de casas que, com jardins bem cuidados, influenciam os seus vizinhos a fazerem o mesmo. A regra 4 é *os amigos dos amigos dos nossos amigos nos afetam*; em resumo, entre os cerca de seis graus de separação que nos ligam a qualquer outra pessoa do planeta (MILGRAN; TRAVERS, 1969), apenas até três nos influenciam.

A regra número 5 é *a rede tem uma vida própria*. Ao explicá-la, Christakis recorre à teoria dos enxames (*swarms*⁴²), perspectiva teórica, também explorada por Watts (2009) e Thacker (2004), que vê o comportamento de um organismo como sendo consequência da intersecção entre indivíduo, grupo e meio ambiente. Na teoria dos enxames, modelos matemáticos de bandos de aves e insetos sociais mostram que os movimentos de grupos, aparentemente orquestrados e sem nenhum controle central, têm sim um tipo de inteligência coletiva (FERREIRA; FONTES, 2015).

Além das regras que as regem, as redes também crescem de tamanho. Mas como se desenvolvem? Segundo Barabási (2009), que deu importantes contribuições ao tema ao explorar o conceito de redes dinâmicas (ante o conceito de redes estáticas), cada rede parte de um pequeno núcleo (geralmente bem complicado de ser identificado), que cresce com a adição de novos “nós”. Quando decidem com quem se conectar, esses “nós” optam pelos que possuem maior número de links, e é nesse ponto que Barabási faz uma analogia com o ditado “ricos ficam sempre mais ricos” (id, p. 72), refletindo o fato de que numa rede há

⁴⁰ Christakis (2009) pondera, no entanto, que nem sempre as redes formadas são apenas uma questão de escolha do ator. O ambiente frequentado por ele pode ter bastante relevância, a exemplo de quando se vive em regiões mais favoráveis à amizade.

⁴¹ Densidade e centralidade são dois conceitos chaves na ARS. A densidade faz uma relação entre o número de ligações diretas existentes de um “nó” e o número total de ligações possíveis, descrevendo a coesão. Já a centralidade mostra a posição do indivíduo na rede, supondo proximidade e intermediação.

⁴² Estudar enxames é um exercício para se buscar possibilidades e padrões de redes. Predominantemente biológico, o conceito é antigo e suas raízes se encontram na etologia (estudo do comportamento animal).

atores altamente conectados que aumentam de tamanho e controlam o fluxo de informações.

Esse modelo sugere que há uma distribuição de forças desiguais na articulação de redes, indicando que a posição central de um ator determina a chance de ter mais ou menos acesso a recursos.

1.6 - Mobilização e coordenação

Eichner et al. (2015) apontam para uma tensão existente, numa rede social, entre a mobilização e a coordenação, forças presentes e com grau de importância, maior ou menor, na ação coletiva. A literatura aqui abordada aponta que, mesmo com objetivos únicos, ou talvez idênticos, apenas um coletivo de indivíduos não é suficiente para promover a ação coletiva, que depende de fatores como a capacidade de mobilização de recursos, os custos, o empenho dos atores envolvidos na ação e um discurso sólido e convincente. A falta de um desses requisitos já pode gerar obstáculos à mobilização.

Assim, Eichner et al. explicam que na fase de planejamento da ação coletiva é necessário cooptar recursos (humanos e financeiros, por exemplo) para o sistema social se abrir ao exterior. É nesse momento que os laços fracos⁴³ (GRANOVETTER, 1973) têm papel fundamental, pois a capacidade de *bridging/brokerage* dos mesmos, isto é, de fazer ligações com o exterior, vai permitir o crescimento do sistema social - com o acesso a recursos potenciais, tais como informações e ideias (muitas vezes até desconhecidas) - e a indivíduos com as mais variadas formações. Sem a existência dos laços fracos, portanto, diferentes *clusters* (grupos sociais reduzidos, também conhecidos como “panelinhas”) presentes numa rede não teriam acesso aos recursos dos outros.

Em contrapartida, um sistema social com maior capacidade de coordenação é composto por “redes coesas”, as quais os atores estão ligados entre si por laços fortes. O risco de sanções nessas redes com densidades altas, mais coesas, é mais elevado à medida que os custos de não respeitar as regras são maiores.

⁴³ Granovetter aponta para a importância dos laços fortes (*strong ties*) e fracos (*weak ties*) numa relação social. Os primeiros são aqueles caracterizados pela proximidade (muitas vezes as interações não são orientadas por um telos, mas simplesmente acontecem, como é o caso dos campos interativos familiares) entre pessoas, enquanto os segundos são um contato que vemos menos, com relações mais tênues e com pouca intimidade. Segundo Granovetter, os laços fracos seriam mais importantes para a alocação de recursos, pois evitam a redundância de informações.

O problema é que essa coesão pode implicar também na diminuição da capacidade de *bridging/brokerage* de um sistema social ou *cluster*. Afinal, como vimos, os laços fracos são fundamentais para a disseminação da inovação. O resultado: quanto menos laços fracos existirem num sistema social estruturado em *clusters*, menos *bridges* e menos inovação. Granovetter (1973) ilustra essa situação abordando pesquisas sobre a saúde pública nos EUA, destacando que atores centrais, tais como médicos renomados, em estudos científicos seguros e não controversos lideram a adoção de novos medicamentos. Em contrapartida, por terem de “preservar” a reputação, em estudos controversos e polêmicos não lançam a inovação, que ficaria sob a responsabilidade de atores menos centrais, como “pouco” a perder.

Voltando à coordenação e à mobilização, a conclusão de Eichner et al., a qual compartilho, é que a harmonia dessa relação vai permitir o sucesso de um sistema social: a “superação destas tensões, ou seja, mobilizar através de laços fracos (*bridging/brokerage*) e coordenar fechando a rede (*closure*) através de laços fortes, é que permite que um sistema social se desenvolva e se mantenha no tempo” (EICHNER et al., 2015, p. 50).

1.7 - Lideranças e ação coletiva

A partir daí surge uma das questões chaves deste trabalho: qual a importância dos atores mais centrais, o que na linguagem popular por vezes são chamados de líderes, na mobilização de pessoas? É necessário um indivíduo - ou grupo de pessoas - que assuma um papel de liderança para a existência da ação coletiva? Empiricamente, nota-se que, com uma liderança competente, as pessoas se sentem estimuladas e mais dispostas a arriscarem. E já foram explorados aqui movimentos sociais contemporâneos que funcionam/funcionaram sem a existência de lideranças formais (compreendidos, nesta pesquisa, como aqueles que não possuem uma estrutura rígida e tão verticalizada, a exemplo do *Occupy Wall Street* e do Indignados). Contudo, a literatura de rede a qual compartilho mostra que não existem sistemas sociais sem atores centrais (BARABÁSI, 2009). Pode, sim, haver uma busca pela horizontalidade, mas ela nunca será completa.

Em contextos organizacionais as lideranças trazem benefícios, como o reconhecimento, “o estatuto social para além das potenciais recompensas econômicas e financeiras, mas, em outros contextos pouco estruturados [...] pode ter mais custos que

benefícios” (EICHNER et al., p.51). De acordo com Eichner et al., nesses contextos pouco estruturados, as lideranças informais, mesmo em geral aplicando maior esforço, não conseguem os mesmos benefícios aos habituais “contextos organizacionais”. Entre os motivos para isso estão que esses líderes não possuem incentivos materiais nem conseguem acionar meios de coerção sobre quem não segue o projeto coletivo. Assim, necessitam de “estratégias psicológicas e de motivação para a cooperação que são mais difíceis de concretizar” (id.).

Valente (apud KAUFMAN, 2012), aborda o impacto da influência externa e de opinião de líderes no processo da difusão de inovações. Para Valente, diante da incerteza ou percepção de risco, “a tendência é buscar referências com os indivíduos que tenham tido experiência prévia com o tema ou objeto” (KAUFMAN, 2012, p.210).

De acordo com Marwell e Oliver (1989), a alta centralidade da rede, ou seja, a distribuição de laços concentrada em poucos atores, pode ser benéfica para a ação coletiva, devido à capacidade dos organizadores de movimentos sociais (na ARS, organizadores/líderes de sistemas sociais pode ser identificados através da posição central na rede) de serem seletivos na escolha dos alvos para a organização. Em outras palavras, devido à habilidade de concentrar seus esforços na mobilização de indivíduos cujas contribuições (recursos) são o maior potencial. Nessa linha de raciocínio, uma organização bem sucedida, o que interessa nessa discussão, seria mais uma questão de “quem você pode mobilizar” do que “quantas pessoas você consegue reunir”.

Assim, os líderes podem desempenhar, sim, um papel fundamental na promoção da ação coletiva. Para compreendê-los, devem-se ponderar fatores como os recursos do organizador, o tamanho da rede do organizador e os recursos dos membros da rede dele. “Para a ação coletiva ocorrer, o grupo deve conter pelo menos uma rede [de organizador] com número suficiente de pessoas com recursos que a soma de suas contribuições constituam um contrato viável⁴⁴” (MARWELL; OLIVER, 1989, p. 520).

Ganz (2008) também ressalta a importância do organizador/líder no movimento social. Segundo ele, a eficácia da organização muitas vezes depende do amplo desenvolvimento de lideranças, ou grupos de indivíduos, que devem assumir o papel de

⁴⁴ Tradução do autor: “For collective action to occur, the group must contain at least one organizer network with enough resourceful people that the sum of their contributions forms a workable contract”.

líderes por terem interesse especial no projeto coletivo. Entre outras atribuições, Ganz aponta que os líderes bem sucedidos devem assumir riscos, cultivar a experiência de valores compartilhados, motivar outras pessoas e construir narrativas públicas. A aplicação de recursos (conhecimento, experiência, materiais etc.) dos líderes pode ser feita através do capital social do ator, que, gerado a partir de interações, pode facilitar a ação colaborativa de todos os tipos (PUTNAM, 2000).

Diante da importância das lideranças no processo de mobilização, tentarei responder nesta pesquisa de que maneira os internautas são mobilizados pelas pessoas centrais de um grupo virtual. No que se refere à ARS, aponto três características fundamentais para aplicá-la em estudos de movimentos sociais na era da informação: verificar os laços sociais do grupo (densidade total ou frequência dos laços⁴⁵), a centralização (na medida em que as redes são centralizadas em poucos indivíduos) e o custo para se comunicar. Essas três questões podem ser investigadas através da ARS e serão vistas no capítulo seguinte, o qual fará uma distinção mais clara entre os objetos empírico e teórico, descrevendo os caminhos percorridos até chegar à construção do corpus desta pesquisa.

⁴⁵ Conforme Marwell e Oliver (1989), essas questões eram importantes até mesmo para Marx, que argumentou que os funcionários em contato regular com outros iriam desenvolver um “hábito de cooperação”, sendo mais propensos a agir coletivamente do que os empregados que trabalham isolados.

2 – Compreendendo mobilizações contemporâneas a partir do Direitos Urbanos/Recife

2.1 – O Facebook e a escolha do DU

O século XXI trouxe novos ingredientes ao complexo e por vezes enigmático jogo da ação coletiva. As formas de interação entre seres humanos se transformaram com o desenvolvimento das NTIC, o que fez com que o assunto necessitasse de novos estudos empíricos. O tema vem despertando interesse de estudiosos, mas ainda é incipiente, sobretudo por conta da “idade” desses novos movimentos e da “novidade” dos meios tecnológicos utilizados na mobilização (*Facebook, Whatsapp, Youtube, Twitter* etc.), cujas funções e possibilidades ainda estão sendo descobertas pelos internautas.

Diante desta realidade, é importante esclarecer duas escolhas metodológicas da presente pesquisa. A primeira é o porquê de se estudar a atuação de um grupo virtual apenas no *Facebook*⁴⁶, ante tantas novas redes virtuais. A segunda é explicar por qual motivo o DU foi o grupo eleito. Começo pela primeira, pois a segunda demandará mais tempo.

Lançado em 2004, o *Facebook* é gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo banners e destaques patrocinados no “*feed* de notícias” (lista com atualizações permanentes de “histórias” da rede de contatos e das páginas que o usuário segue, tais como atualizações de fotos, vídeos e gostos). Entre dezenas de outras empresas, a rede norte-americana também é proprietária do *Whatsapp* e *Instagram*⁴⁷.

A relevância científica em estudar um grupo no *Facebook*⁴⁸ se dá devido ao tamanho e alcance da rede virtual, que atualmente é a mais usada no Brasil e no mundo. Em junho de 2015, o *Facebook* possuía⁴⁹:

⁴⁶ Para compreender melhor como funciona operacionalmente o *Facebook*, bem como as ferramentas de curtir, compartilhar, cutucar etc., olhar Sandra Mazzocato (2014).

⁴⁷ O *Whatsapp* e o *Instagram* estão entre as redes sociais que mais crescem no mundo. Em novembro de 2015, Mark Zuckerberg divulgou que o *Whatsapp* possuía 900 milhões de pessoas trocando mensagens todos os meses e que 80 milhões de fotos por dia eram postadas no *Instagram*. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/facebook/88949-facebook-revela-numeros-esmagadores-receita-videos-usuarios-diarios.htm>>. Acesso em 01.02.2016.

⁴⁸ Vale lembrar que embora proporcione as mais variadas formas de ciberativismo, o *Facebook* é uma empresa privada que lucra com inserções publicitárias. Pesquisa (CANAVARRO, 2014) com a rede gerada pela página “Rio na Rua”, presente no *Facebook*, que cobre manifestações populares no Rio de Janeiro, mostrou que as interações dos usuários geram redes dentro de redes. Diferente das mídias tradicionais - como

- 1,49 bilhão de usuários ativos mensais no mundo (acesso à rede ao menos uma vez por mês)
- 968 milhões de usuários ativos diários no mundo (acesso ao menos uma vez por dia)
- 96 milhões de usuários ativos mensais no Brasil⁵⁰
- 67 milhões de usuários ativos diários no Brasil

No decorrer dos anos, as formas de uso do *Facebook* sofreram transformações. Antes utilizado preponderantemente para a manutenção de contato entre “amigos”, com o tempo o *Facebook* passou a ser visto pelos próprios usuários como uma ferramenta de articulação, denúncia e protesto. A partir daí, multiplicaram-se as mobilizações sociais organizadas via *Facebook* no mundo e, junto a elas, o número de pesquisadores interessados na rede.

Estudo com grupos do *Facebook* no Chile (ELGUETA et al., 2011) concluiu que as redes sociais na internet são principalmente uma amplificação do nosso círculo social imediato, fortalecendo laços já existentes, mais do que criar novos. Além disso, o mesmo estudo apontou para a natureza estrutural “anárquica”, horizontal⁵¹ e para a falta de controle dos milhões de “nós” que formam a rede.

Outra pesquisa (NANSU PARK et al., 2009) com 1.715 estudantes universitários buscou identificar os motivos que fazem as pessoas ingressarem em grupos no *Facebook*, verificando benefícios como gratificação e recompensa. Quatro necessidades foram as mais encontradas para explicar essa participação: sociabilidade, entretenimento, busca por status social e procura por informação. Essas gratificações variaram de acordo com características

TV e jornal -, o *Facebook* precisa que os seus usuários produzam conteúdos e redes (sem cobrar pelo serviço), para que a publicidade vendida pela empresa seja direcionada a perfis específicos de usuários.

⁴⁹ Dados oficiais divulgados pelo *Facebook*. Disponíveis em: <<http://br.newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em 29.01.2016.

⁵⁰ Esse número merece destaque. Mostra que quase 50% da população brasileira entra no *Facebook* ao menos uma vez por mês.

⁵¹ Vale ressaltar que a horizontalidade de uma rede social virtual, caracterizada por permitir a existência de poucos ou, utopicamente, nenhum nível hierárquico, é um tema polêmico, o qual autores divergem sobre o assunto. O que se sabe é que, conforme já debatido no capítulo I, a grande mídia, financiada por grupos políticos tradicionais, continua pautando e dominando o debate político em várias esferas, inclusive no ambiente virtual (HEBENBROCK, 2014; MARQUES, AQUINO e MIOLA, 2014).

socioeconômicas e demográficas dos usuários, tais como sexo, cidade natal e anos de estudo.

Além de contribuir como mais uma pesquisa realizada no *Facebook* (objeto de estudo em expansão no mundo acadêmico), a rede americana foi escolhida porque observei *a priori*, e posteriormente durante a pesquisa, que as mobilizações sociais do DU, bem como de outros movimentos sociais brasileiros, estão sendo organizadas via de regra no *Facebook*⁵² (ao menos na esfera pública virtual⁵³, lembrando que os encontros face a face continuam importantes nesse processo).

Por acreditar que os fenômenos de mobilização e articulação devem ser compreendidos, também, a partir de recortes locais, o DU é um apropriado ponto de referência para se buscar compreender as questões aqui levantadas. O alcance e o papel de protagonista que o grupo atingiu em discussões políticas no Recife o fizeram ser escolhido como objeto de estudo. Ademais, o DU tem algumas características inerentes aos movimentos contemporâneos abordados nesta pesquisa. É organizado principalmente pela internet, utiliza-se do *Facebook* como principal ferramenta de comunicação/mobilização e declara-se institucionalmente não ter líderes. Portanto, o DU é um objeto de estudo pertinente para se verificar algumas maneiras de organização/atuação dos novos grupos políticos em rede brasileiros – tema de grande valor à sociologia.

2.2 - Os alicerces do DU

Há alguns trabalhos que contam detalhadamente a história do DU, como os de Oliveira (2013) e Batista (2015), por isso esta seção não se estenderá muito nessa questão, e

⁵² Outra rede social que vem ganhando bastante importância no processo de articulação e mobilização de pessoas na internet é o *Whatsapp*. Porém, a ferramenta ainda passa por uma fase de descobrimento e exploração por parte de usuários e pesquisadores.

⁵³ Esfera pública virtual é entendida aqui como a dimensão - nesse caso, a internet - na qual os assuntos públicos são discutidos pelos atores públicos e privados. Um tema ligado à esfera pública virtual que vem ganhando relevância no mundo, e o qual este trabalho também por vezes se debruça, é a democracia digital (FUNG, 2006), termo geralmente empregado para ligar a aplicação das novas mídias ao aumento da participação pública e melhora no sistema de governo representativo. Alguns desafios para essa democracia seriam (1) o desconforto de representantes políticos de compartilharem uma parcela do poder com os cidadãos; 2) os custos de implementação de experiências e 3) a configuração das ferramentas digitais, que muitas vezes não são adequadamente pensadas (MARQUES, apud SAMPAIO, 2011, p. 124-125). Dessa forma, as atenções se voltam não apenas para o que essas novas mídias são capazes, mas também para a maneira como são utilizadas, tanto pela sociedade civil como pelo Estado.

sim descreverá brevemente como o DU surgiu e como se define, para depois fazer uma contextualização com o objeto teórico.

A origem do DU remete ao início de 2012. À época, algumas pessoas se reuniam para discutir o projeto de Lei conhecido como Marília Arraes, que pretendia proibir o consumo de bebida alcoólica nas ruas recifenses e limitava o horário de funcionamento de bares como medida de combate à violência. Outras pessoas, também desse pequeno grupo, faziam parte de um coletivo menor, o Salve o Caiçara, contra a derrubada de um prédio histórico do Recife que daria lugar a um “espigão”.

De encontros entre integrantes desses dois grupos, iniciou-se o debate acerca de uma grande obra a ser erguida numa área histórica da cidade: o Projeto Novo Recife (PNR), mega complexo empresarial, comercial, hoteleiro e residencial que pretende ser implementado numa área de 100 mil m². O PNR - hoje modificado após pressões populares, porém igualmente criticado - prevê a construção de ao menos 12 torres, algumas com mais de 40 andares, no Cais José Estelita.

Em 2012, cinco ou seis pessoas, conforme relataram os entrevistados desta pesquisa, foram as responsáveis por articular, junto ao Ministério Público e a um vereador, uma audiência pública para discutir o PNR em janeiro daquele ano.

Nessa audiência é que a gente anunciou que o DU tinha sido criado, porque a gente percebeu que os grupos anteriores, o de Marília e o Caiçara, estavam funcionando como receptores de um conjunto de demandas que tinha desrespeito à cidade como um todo, e não só aos temas específicos desses grupos. Então a gente já vinha debatendo a necessidade de se criar um grupo, uma plataforma, um ambiente que permitisse discutir a cidade toda, e aí nessa audiência [...] a gente já foi apresentado como o DU (fala de Apau, uma das fundadoras do DU).

Pouco tempo depois de criado, o DU começou a articular o #OcupeEstelita na internet, com uma série de atividades para divulgar a importância cultural/histórica do Cais José Estelita. A mobilização chamou a atenção dos principais jornais da cidade e a importância de se discutir o PNR, a ser realizado por um consórcio de gigantes do setor imobiliário, composto por Moura Dubeux, Queiroz Galvão, GL Empreendimento e Ara Empreendimentos. Essas empresas adquiriram o terreno para a obra da União em 2008,

através de um leilão que a Polícia Federal diz ter sido fraudulento, sendo a área supostamente subfaturada em R\$ 10 milhões⁵⁴.

Com o Ocupe Estelita, o DU ganhou corpo e força, até chegar aos dias atuais, os quais boa parte das discussões políticas sobre os rumos da Região Metropolitana do Recife passa pela sua página no *Facebook*, que, com mais de 31,6 mil participantes, tem advogados, sociólogos, arquitetos, médicos, jornalistas, estudantes, profissionais liberais, políticos etc. Além do grupo de discussão no *Facebook*, O DU possui blog, comunidade no *Facebook* e contas no *Youtube* e *Flickr*.



URBANISMO O Projeto Novo Recife, um complexo com hotéis, flats, empresariais e residenciais no Cais José Estelita (acima) foi aprovado ontem pelo CDU, depois de muitas divergências, e voltará à Dircon para últimos acertos. Grupos contrários ainda podem recorrer. © cidades 5

Figura 5 – Redesenho do Projeto Novo Recife apresentado em 5 de novembro de 2014. O consórcio imobiliário garante que o projeto vai revitalizar a região, enquanto o DU diz que é excludente e beneficia apenas os mais ricos. Fonte: Imagem extraída do Jornal do Commercio⁵⁵.

⁵⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pe/pe-noticia/2015/09/pf-confirma-fraude-no-leilao-do-terreno-do-cais-jose-estelita-no-recife.html>>. Acesso em 04.01.2016

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1575846&page=5>>. Acesso em 06.01.2016.



Figura 6 – Grupo de estudantes contrários ao PNR em abraço simbólico no Cais José Estelita. O DU foi um dos movimentos que organizou o protesto. Foto: Ytallo Barreto/Ocupe Estelita⁵⁶.

Na descrição do DU, presente no *Facebook*, o grupo se define assim:

Hoje, o DU está ao lado dos grupos, coletivos, movimentos e setores da sociedade que defendem intransigentemente a democracia, seus princípios, valores e instituições. Junto com estes grupos, estamos dando continuidade ao esforço de debate e articulação política para compreender e atuar nessa nova conjuntura, por meio da página do grupo, da *fanpage* e do blog, utilizados como lugares de compartilhamento e enriquecimento deste debate e das propostas de ação.

O DU é um grupo aberto, mas não é o fórum de todas as correntes ideológicas possíveis, de todas as posições possíveis sobre os mais variados temas. Não. Não admitimos entre nós a defesa de bandeiras que implicam, na verdade, na supressão do debate, da tolerância, da diversidade de opiniões. Somos completamente intolerantes com a intolerância. Além disso, o DU é um movimento social, reconhecido como tal por diversas instituições e que deverá ter assento no Conselho da Cidade⁵⁷. Não é um mero fórum virtual.

Utilizamos a internet como um meio para atuar, obter e processar informações, articular e incorporar mais gente. Mas a horizontalidade não significa falta de pautas e princípios. Independentemente da terminologia utilizada, a pauta do DU é claramente uma pauta de esquerda: defesa da democracia, da justiça social, da diversidade, das minorias, da inversão das prioridades no processo de urbanização, na mobilidade, defesa da transformação da cidade e do país e não do

⁵⁶ Disponível em: <<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2014/11/24/david-harvey-ocupe-estelita/>>. Acesso em 06.01.2016.

⁵⁷ Atualmente o DU conseguiu um assento no Conselho da Cidade do Recife.

retrocesso, do preconceito, do conservadorismo, do aprofundamento das desigualdades sociais⁵⁸.

Entre 2012 e 2014, o DU realizou ao menos 15 eventos no Recife, sendo oito relacionados ao PNR (BATISTA, 2015). Além dos já abordados Ocupe Estelita e Salve o Caiçara, outros foram o Ocupe Prefeitura (contra a tentativa de o Conselho de Desenvolvimento Urbano do Recife aprovar o PNR), o Ocupe Agamenon (contra a construção de quatro viadutos sobre a Avenida Agamenon Magalhães, a mais movimentada do Recife) e o Ocupe São Luís (ato cultural que promoveu a exibição de filmes sobre o crescimento desordenado das grandes cidades). Além disso, o DU colaborou de maneira indireta para a divulgação de vários protestos, sendo um espaço virtual de divulgação de vídeos, textos e imagens.

Em relação à imagem do DU, há certa desconfiança por parte de alguns veículos da imprensa pernambucana, que o consideram partidário. O Blog do Jamildo, alocado em um dos maiores portais de notícias do Nordeste, o NE10⁵⁹, publicou algumas matérias provocando o DU, a exemplo da reportagem intitulada “Certidão de nascimento do site Direitos Urbanos revela embuste original. Fazer barulho e tentar se passar por povo”. Abaixo, segue parte dessa reportagem publicada em 7 de maio de 2015:

Porque os militantes [do DU] não se admitem teleguiados políticos? Simples. Se o fazem, perdem a aura de idealistas e a massa de manobra que os seguiria, sem questionar nada, seria incontavelmente menor. Um destes políticos que o blog já tratou chama-se Lcis e trabalha no gabinete do deputado estadual Edilson Silva, do PSOL. Como já escrevi aqui, será uma das apostas do partido para as eleições municipais do próximo ano. São os éticos, que não têm atuação partidária. Não foi eleito para nada e vive ditando regras para a cidade.

E porque as empreiteiras pagam o pato? Não tem nada a ver com a operação Lava Jato. Trata-se de uma estratégia da esquerda internacional, contra o capital. O urbanismo.

Como a maioria das pessoas hoje vive nas grandes cidades, esqueceu-se a luta no campo... reforma agrária. O que causa fricção mesmo é o urbanismo. Que ambiente maravilhoso para jogar ricos contra pobres, não? Mesma ideologia velha, travestida de nova. Por isto, o Blog de Jamildo, que defende a livre

⁵⁸ Descrição do DU disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/direitos-urbanos-recife/descrição-e-pautas-do-grupo-direitos-urbanos/443429635754621>>. Acesso em 03.02.2016.

⁵⁹ O NE10 é o portal virtual do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, conglomerado de empresas de comunicação que possui, entre outras coisas, rádio, TV e jornal impresso.

iniciativa e a liberdade de opinião, sempre denunciou a instrumentalização política do tema da verticalização na cidade.

Derruba, estelita!

Como já disse aqui esta semana, este assunto do Ocupe Estelita ficou tão enfadonho e ridículo que não vale nem a pena comentar. Mantenho o meu entendimento original, de que não passam de playboys desocupados, a serviço de um projeto eleitoreiro, disfarçado de popular, instrumentos de politicagem de grupos radicais⁶⁰.

A opinião de Jamildo acerca da importância da “livre iniciativa” privada e da suposta “desocupação” dos membros do DU contrários ao PNR é compartilhada por alguns setores da sociedade pernambucana que se dizem favoráveis ao projeto, alegando que este daria vida à região. Os comentários dos internautas da reportagem acima refletem essa divergência de opinião entre os “pró-DU/Estelita” e os “contra”. Neles, há os que chamam a matéria de “ridícula” e os que elogiam o blogueiro Jamildo, acusando, entre outras coisas, os defensores do Ocupe Estelita de “PeTelhada comunista”.

2.3 - O DU em estudo

Antes de se estudar qualquer objeto, conforme prega o rigor científico, é fundamental buscar outras pesquisas realizadas sobre o assunto. Como dito, o DU vem atraindo a atenção de alguns pesquisadores, principalmente das áreas de ciências sociais e comunicação. Duas pesquisas realizadas com o DU contribuíram especificamente para o meu trabalho, a de Batista (2015), cujo objetivo foi investigar as possibilidades e os limites das trocas comunicacionais em ambientes *on-line*⁶¹, e a de Oliveira (2013), que investigou as possibilidades de articulação de identidades políticas a partir das redes sociais na internet⁶². Batista dedicou-se mais às redes dentro do DU, enquanto Oliveira deu ênfase ao discurso do grupo.

⁶⁰ Matéria completa disponível em: <<http://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2015/05/07/certidao-de-nascimento-do-site-direitos-urbanos-revela-embuste-original-fazer-barulho-e-tentar-se-passar-por-povo/>>. Acesso em: 04.01.2016.

⁶¹ O estudo de Batista se utilizou de três métodos de pesquisa: netnografia com observação participante, ARS e entrevistas em profundidade via *chat* no *Facebook*.

⁶² A pesquisa de Oliveira ocorreu a partir de observações na página do DU no *Facebook*, do levantamento de textos publicados no blog, de observações participantes em cinco ocupações e de doze entrevistas presenciais com membros do DU.

Entre os resultados, Batista apontou que: (I) os moderadores do DU agem comunicativamente para manter a coesão do grupo; (II) o DU é, no geral, uma rede pouco viva e fragmentada⁶³; (III) o fluxo rápido de funcionamento do DU faz com que muitas informações se percam no tempo, porém também o ajuda a agir rapidamente; e, em termos de comunidade, o DU fortaleceu (IV) os laços existentes e novos entre atores, tendo aproximadamente 200 integrantes que possuem laços mais fortes. Dos resultados de Batista, dois foram mais importantes nesta pesquisa. A relevância dos moderadores para manter a coesão do grupo (o que leva a minha hipótese de que os líderes têm papel fundamental na mobilização de pessoas) e o fato de o DU possuir um núcleo de até 200 pessoas com laços mais fortes (vários desses ancorados também em encontros face a face).

Em relação ao trabalho de Oliveira, destaco duas principais contribuições: (I) ter observado como o discurso do “desenvolvimento” e da “atuação eficiente”, presentes nas gestões estadual e municipal de Pernambuco, foram questionados pela pluralidade de visões do DU; e (II) a maneira como a autora utilizou a TD para compreender as articulações do grupo. A primeira contribuição fortalece o que também identifiquei na pesquisa, que a origem do DU (e respectivo crescimento) aumentou com o agravamento da crise do modelo hegemônico desenvolvimentista - não só em Pernambuco, mas também no Brasil e mundo - , que prega algo parecido com o ditado “crescimento a qualquer custo”.

A segunda contribuição de Oliveira me ajudou na análise dos resultados desta dissertação, pois considero que a TD foi bem utilizada pela autora. A partir da TD, Oliveira fez alguns questionamentos, tais como: em torno de quais pautas o DU articula as suas práticas? Quais são os adversários que emergem dessa disputa? De acordo com Oliveira, com esses questionamentos foi possível perceber a formação de um discurso uniforme em torno do tema “direitos urbanos”, que tem como antagonismo central o PNR, o representante do modelo de “gestão eficiente”. A partir daí, Oliveira mostrou que o discurso do PNR foi posto em xeque por diversas visões no espaço virtual do DU, o que desencadeou em articulações e mobilizações.

⁶³ Acerca de o DU ser uma rede pouco viva e fragmentada, a pesquisa de Batista apontou que poucos membros do DU são amigos no *Facebook* (os que possuem alguma relação de amizade se relacionam com apenas dois outros membros, em média), e que a interação entre usuários segue no mesmo sentido. Quem interage, seja curtindo ou comentando as postagens, o faz com apenas dois outros integrantes, em média. Segundo Batista, isso demonstra que são escassos os membros realmente ativos do DU. A maioria apenas curte a página e não a acompanha, sendo poucos os que curtem as postagens e menos ainda os que postam, refletindo que um pequeno grupo acaba pautando o debate.

2.4 - Teoria do Discurso, uma perspectiva pós-marxista

A TD foi escolhida como referencial analítico para analisar parte do discurso dos líderes e pessoas mais atuantes do DU no que se refere a duas questões principais, a articulação e a mobilização de internautas. A partir de agora se inicia um caminho necessário para mostrar como a teoria foi utilizada. Esse percurso começa com as premissas e os principais conceitos da TD, depois passa para os seus desdobramentos e, por último, para a aplicabilidade da TD, cujo desfecho é mostrar como foi usada neste trabalho.

Antes de iniciar esse caminho é importante fazer uma rápida distinção entre a Teoria do Discurso (TD) e a Análise do Discurso (AD), deixando claro qual a metodologia escolhida. Embora compartilhem de uma noção de linguagem que vai além do escrito e do falado (BURITY, 2007), a TD trabalha com a dimensão da linguagem na análise de objetos empíricos numa implicação mais política e ontológica, enquanto a AD se aplica melhor à linguística, não tendo maiores pretensões de fazer intervir hipóteses de como se constitui e transforma o social, ou atores sociais, ou mesmo de explicar o social através do discurso (id.). Segundo Burity, a TD faz uma distinção mais clara entre o discurso e o extra-discursivo, transcendendo o domínio da linguagem formal tal como abordada na linguística. Isso explica a adesão desta pesquisa à TD, que será utilizada como estrutura narrativa e conceitual de análise da política do DU e dos movimentos sociais contemporâneos.

Voltando às principais questões desta pesquisa, para entender a articulação tomou-se como referência teórica a compreensão de identidades políticas elaboradas num terreno pós-marxista, a partir do livro *Hegemonia e Estratégia socialista* (1987) e de desdobramentos posteriores. A maior contribuição de Laclau e Mouffe para o presente trabalho foi a possibilidade de redescobrir a lógica política - na qual os atores coletivos se constituem pelo antagonismo -, ao analisar um movimento social do século XXI.

Do ponto de vista teórico, três questões norteiam *Hegemonia e Estratégia socialista*: a crítica ao essencialismo filosófico, o papel da linguagem na estruturação das relações sociais e a desconstrução da categoria sujeito no processo de constituição das identidades coletivas. Esses três aspectos são importantes para se pensar nos movimentos sociais contemporâneos e foram fundamentais na construção dos conceitos desenvolvidos pela TD. Eles serão retomados ao fim desta seção. Primeiro, vamos a algumas categorias analíticas da TD utilizadas nas análises vindouras.

Laclau e Mouffe entenderam que as lutas sociais dos anos 1970 e 1980 geraram uma crise teórica, com interpretações equivocadas acerca da realidade social. Para isso, apontaram alguns caminhos a serem seguidos a partir do conceito de *hegemonia*, que, ressignificado, ajudaria a entender a *articulação* e o *discurso*, temas fundamentais nesta dissertação. Laclau e Mouffe defenderam uma melhor compreensão do *discurso* através das análises das práticas não discursivas e discursivas, destacando dois conceitos básicos: os *elementos* e os *momentos*. *Elementos* são todas as diferenças que não se articulam discursivamente, enquanto os *momentos* são as posições diferenciais que aparecem já no interior de um discurso.

Segundo Laclau e Mouffe, a *articulação* é toda a *prática articulativa* que estabelece uma relação entre *elementos* e *momentos*, e o *discurso* “a totalidade estruturada resultante da prática articulatória” (LACLAU; MOUFFE, p.176, 1987). Portanto, na *prática articulatória*, os *elementos* (não articulados e dispersos) precisam cancelar as suas diferenças e expressar algo subjacente a eles, equivalente, para assim buscar se tornarem *momentos*, o que já é um discurso.

Porém, a articulação só é possível porque essa formação discursiva nunca é uma totalidade terminada, o que faz com que a fixação dos *elementos* em *momentos* jamais seja completa. Esse reservatório de “excesso de sentido” presente nas práticas discursivas é chamado pelos autores de *campo da discursividade*, isto é, as possibilidades que o discurso exclui.

Essa impossibilidade da fixação completa do sentido também resulta em outro conceito fundamental para os autores: os *pontos nodais*, temas discursivos privilegiados da fixação parcial.

A prática da articulação consiste, portanto, na construção de pontos nodais que fixam parcialmente o sentido; e o caráter parcial desta fixação dá início à abertura do social, resultante do constante transbordamento de todo discurso pela infinitude do campo da discursividade⁶⁴ (id., p.192).

⁶⁴ Tradução para: “la práctica de la articulación consiste, por tanto, en la construcción de puntos nodales que fijan parcialmente el sentido; y el carácter parcial de esa fijación procede de la apertura de lo social, resultante a su vez del constante desbordamiento de todo discurso por la infinitud del campo de la discursividad” (p.192, Laclau e Mouffe).

Para Laclau e Mouffe, à medida que em todo discurso há um *campo da discursividade*, com a transição de *elementos* em *momentos* nunca completa, o status dos *elementos* torna-se um *significante vazio*, ou seja, há uma não fixação absoluta a nenhum significado devido à polissemia, responsável por articular e desarticular uma estrutura discursiva. O que os autores querem mostrar é que não existem significados universais, mas sim um sistema de significações que, articulado, dá sentido a um discurso.

Por fim, para a nossa discussão, é importante o conceito de *cadeia de equivalência*.

Em certos momentos, um grupo é capaz de produzir uma ‘cadeia de equivalência’, ou seja, é capaz de fazer coincidir dimensões de seus projetos particulares com os projetos de outros grupos, realizando, assim, uma ‘articulação’ provisória e instável, entre interesses distintos. Essa articulação é conquistada discursivamente pela atribuição de um significado instável àquilo que os autores denominam ‘significante vazio’, e, assim, permitindo que um grupo abrigue, sob seus interesses particulares, as demandas de outros grupos como se fossem equivalentes. Essa é a essência da hegemonia. (CAZELOTO, 2010, p.157)

Nesse sentido, a estratégia de articulação utilizada por um grupo de pessoas pode ser vista como a construção de uma relação de equivalência (“nós”) entre diferentes sujeitos políticos e em torno de um *ponto nodal* (espécie de centro hegemônico de um discurso), de modo a se construir um projeto contra-hegemônico, um “nós” antagônico a um “eles”⁶⁵. Lembrando que, para equivaler-se, tem de haver a diferença, caso contrário é uma unidade.

Laclau e Mouffe também explicam que o campo da emergência da *hegemonia* são as *práticas articulatórias*, que, como vimos, é o campo onde os *elementos* não são cristalizados em *momentos*. Para que ocorra a *hegemonia*, não é suficiente apenas o momento articulatório, mas também um enfretamento das *práticas antagônicas*, ou seja, a presença de forças antagônicas e a instabilidade das fronteiras que as separam. “Sem equivalência e sem fronteiras não se pode estritamente falar-se de hegemonia”⁶⁶ (LACLAU; MOUFFE, 1987, p.231). Daí o papel relevante do dissenso, uma vez que toda identidade constituída por uma articulação discursiva se dá a partir do seu próprio recorte antagônico, do que o discurso exclui para o *campo da discursividade*.

⁶⁵ Reflexões teóricas e metodológicas sobre estratégia de articulação e estratégia de aliança na luta política, com movimentos sociais brasileiros, podem ser vistas em Costa e Prado (2011).

⁶⁶ Tradução para: “Sin equivalencia y sin fronteras no puede estrictamente hablarse de hegemonia”.

Até agora foram explicados os principais conceitos da TD que foram utilizados nesta dissertação. Acredito que para melhor entendê-los é importante ver quais os desdobramentos teóricos deles e como podem ser utilizados na prática.

2.4.1 - Em busca de uma nova forma de democracia

Diante desses conceitos, Laclau e Mouffe propõem uma *democracia plural e radical* como uma proposta de luta da esquerda, a exemplo da construção de *cadeias de equivalências* democráticas frente à ofensiva neoconservadora. Ao propor essa forma de democracia, Laclau e Mouffe fazem reflexões acerca de, como dito no início da seção anterior, três problemas históricos para as ciências sociais: a (I) crítica ao essencialismo filosófico, o (II) papel da linguagem na estruturação das relações sociais e a (III) desconstrução da categoria sujeito no processo de constituição das identidades coletivas. Mas em quais aspectos essas reflexões podem contribuir para esta pesquisa? O problema II, relativo ao papel da linguagem, está presente em toda a formulação das categorias analíticas supracitadas - *momentos, elementos, campo da discursividade, pontos nodais* etc. -, e sugere exatamente tentar extrair o que está no interior e exterior da linguagem, o que será realizado em alguns momentos no capítulo IV desta dissertação.

Quanto ao problema III, que trata da desconstrução da categoria sujeito, as ponderações de Laclau e Mouffe servem, entre outras coisas, para uma melhor delimitação do objeto empírico de um pesquisador social (o qual me incluo), pois vale destacar que os autores, sempre que se referem à categoria sujeito, o fazem no sentido de posições do sujeito no interior de uma estrutura discursiva, o que provoca algumas consequências. Uma delas é que ao se pensar nas identidades coletivas, ou seja, no conjunto de atores/sujeitos em torno de *pontos nodais*, Laclau e Mouffe concebem o *povo* como uma categoria política. E assim, a análise mínima de uma pesquisa não seria o grupo, mas sim as suas demandas sociopolíticas, pois não haveria sentido em perguntar “de que grupo social estas demandas são expressão?”, uma vez que “a unidade do grupo é simplesmente o resultado de um somatório de demandas sociais” (LACLAU, 2005, p. 10).

Por fim, explico melhor o problema I, relativo à crítica ao essencialismo⁶⁷, a partir de um exemplo prático. Em *Feminismo, ciudadanía y política democrática radical* (1993), Mouffe afirma que uma interpretação anti-essencialista pode gerar bons frutos à elaboração de uma política feminista inspirada num projeto de *democracia radical*. Embora acredite que o essencialismo não implique necessariamente numa política conservadora, a autora apresenta algumas deficiências de abordagens essencialistas que interferem na construção de uma alternativa democrática, cujo “objetivo seja a articulação de distintas lutas ligadas a diferentes formas de opressão” (MOUFFE, 1993, p.4). A visão essencialista feminista da realidade social não permitiria, por exemplo, uma nova maneira de cidadania e de combate à opressão, pelo menos não dentro das propostas dos autores da época, o que Mouffe explica através de um duplo movimento.

Por um lado, há uma descentralização que evita a fixação de um conjunto de posições em torno de um ponto pré-constituído. Por outro, e como resultado dessa instabilidade, se desenvolve um movimento contrário: as fixações provisórias de sentido, os *pontos nodais*. Ambos os movimentos, no entanto, só são possíveis porque a estabilidade não está dada, porque nenhum centro de subjetividade precede às identificações do sujeito, isto é, não há particularidades essenciais nesse processo.

Para Mouffe (1993), havia uma grande preocupação entre as feministas de fundar uma política feminista, devido à existência das “mulheres como mulheres” ser posta em dúvida ao longo do tempo. Contudo, o argumento da autora é que, para as feministas comprometidas em um projeto político contra diferentes formas de subordinação, e não só àqueles contra o gênero, uma interpretação que permita compreender como é construído o sujeito por meio de “diferentes discursos e posições de sujeito é certamente mais adequada que uma interpretação que reduz nossa identidade a uma posição singular - já seja de classe, raça ou gênero” (id., p.24). Assim, a ausência de uma identidade essencial feminina prévia não impede a construção de formas de unidade e ação comum, e a criação de *pontos nodais* em torno da categoria mulher pode promover a base para uma identidade e luta feminista. Desse modo, essa reflexão sobre o essencialismo pode ser aplicada a outros assuntos

⁶⁷ O essencialismo é uma doutrina filosófica antiga, a qual as primeiras ideias vêm do período clássico da Grécia. Sob essa abordagem, os particulares (humanos, objetos, números etc.) possuem ao menos algumas características essenciais, básicas - e não poderiam existir sem elas.

transnacionais, podendo ajudar o pesquisador social a entender e a ressignificar alguns fenômenos contemporâneos.

2.4.2 - A aplicabilidade da TD em estudos contemporâneos

Os conceitos da TD foram úteis tanto para reflexões acerca dos movimentos sociais contemporâneos como por serem considerados eficientes para se estudar grupos políticos atuais e os seus atores. Como vimos, Laclau e Mouffe sustentam que o tipo de teoria política democrática dominante não ajuda a entender a importância do dissenso numa sociedade democrática. Para isso, propõem uma nova abordagem para a esfera pública e para a democracia.

Admitir a existência de relações de poder e a necessidade de transformá-las, enquanto se renuncia à ilusão de que poderíamos nos livrar completamente do poder, é a especificidade do projeto de ‘democracia radical e plural’ que delineamos em *Hegemony and Socialist Strategy* (MOUFFE, 2003, p. 11).

Na abordagem da democracia de Laclau e Mouffe, o conflito se torna um aspecto fundamental e aceitar o seu hibridismo ajuda a criar identidades separadas, dissolvendo o potencial de violência que há na construção de identidades coletivas e criando condições para o *pluralismo agonístico*. Realizando distinções entre adversários e inimigos, o conceito de *pluralismo agonístico* está “ancorado no reconhecimento da multiplicidade de cada um e das posições contraditórias a que esta multiplicidade subjaz” (id., p. 19).

Ilustrando um exemplo prático da aplicação da TD, Howard (2005) dá o exemplo dos anos 1970 nos EUA, quando intelectuais e ativistas da Consciência Negra de diferentes escolas e pensamentos se propuseram a formar *cadeias de equivalência* que unissem todos os grupos negros, e até outros grupos sociais, contra os brancos racistas. Isso ocorreu articulando e reiterando o discurso da Consciência Negra, que valorizava a identidade e cultura negra, ao par que negava o racismo branco em suas diversas formas.

A TD, portanto, propõe aos pesquisadores de movimentos sociais uma reflexão política sobre a circulação e articulação de significados, respondendo a algumas das questões deixadas em aberto pela Teoria de Redes. Uma dessas respostas é “a percepção de

que a realidade social é constituída de significados, de sentido, e não apenas de padrões” (FERREIRA; FONTES, 2014).

Segundo Howard (2005), um dos objetivos centrais da TD é esclarecer os objetos de estudos problematizados, “mediante sua descrição, compreensão e interpretação” (id, p.43). Para o autor (id, p.46), o objetivo principal da TD:

Não é só revelar novas descrições ou feitos sobre os objetos específicos da investigação, mas também produzir novas interpretações, seja revelando fenômenos visíveis não detectados anteriormente pelos enfoques teóricos predominantes, ou problematizando as descrições existentes e articulando explicações alternativas⁶⁸.

Acredito que o discurso, conforme preconizam Laclau e Mouffe, não pode ser entendido apenas como um simples conjunto de textos, mas sim como uma categoria de práticas e ações que podem ser analisadas, “a teoria do discurso [de Laclau e Mouffe] visa a compreensão do social como uma construção discursiva em que, a princípio, todos os fenômenos sociais podem ser analisados por meio de ferramentas de análise de discurso” (PHILLIPS; JORGENSEN, 2002, p. 24)⁶⁹. Portanto a TD, em paralelo à ARS, pode ser útil no estudo de identidades políticas, de práticas de articulação entre discursos e na construção de antagonismos sociais.

2.5 - Análise de Redes Sociais

A ARS vem crescendo na sociologia⁷⁰. De acordo com Rodríguez (1995), a ARS não é uma técnica mais ou menos sofisticada de análise de fenômenos sociais, mas sim uma nova aproximação teórica. A metodologia da ARS considera a estrutura da relação entre

⁶⁸ Tradução do autor: “No es sólo proveer nuevas descripciones o hechos sobre los objetos específicos de investigación, sino producir nuevas interpretaciones ya sea develando fenómenos visibles no detectados anteriormente por los enfoques teóricos predominantes, o problematizando las descripciones existentes y articulando explicaciones alternativas”.

⁶⁹ Tradução do autor: “Discourse theory aims at an understanding of the social as a discursive construction whereby, in principle, all social phenomena can be analysed using discourse analytical tools”.

⁷⁰ Segundo Rodríguez (1995), os estudos sociológicos que utilizam a ARS se multiplicaram a partir de 1978, sobretudo com a criação do *International Network for Social Network Analysis* (INSNA) e suas revistas de divulgação.

atores e o posicionamento do ator na rede características importantes para o comportamento, percepção e atitude das unidades individuais e do sistema em seu conjunto.

Na ARS, os atributos dos indivíduos são secundários e as relações entre os atores são o principal (estas explicam os processos e comportamentos sociais com base nas conexões sociais, assim como com base na densidade, centralidade⁷¹ etc.). Para Rodríguez, numa investigação de redes os elementos fundamentais são: a) a escolha da unidade amostral (o objeto de estudo, ou seja, os atores da rede ou tipos de relações mais relevantes para a pesquisa), b) as formas de relação (intensidade da união entre atores ou nível de participação nas mesmas ações), c) conteúdo relacional (relações de poder, instrumental, sentimental etc.) e d) níveis de análise (redes egocêntricas, díades, tríades etc.). Essas ponderações foram importantes para a definição do objeto e problema desta pesquisa⁷².

Em *Netnography*⁷³, obra dedicada para estudantes e pesquisadores de mídias digitais, Kozinets (2010) pontua que a ARS é adequada para pesquisas sobre culturas e comunidades *on-line* que buscam, entre outras coisas, (I) discutir padrões de relações sociais e laços, (II) aprender sobre a estrutura comunicacional entre integrantes de comunidades *on-line* e (III) estudar os fluxos de comunicação e conexão entre as diferentes comunidades *on-line*. Uma descrição mais bem elaborada de como a ARS foi utilizada nesta pesquisa segue no capítulo III.

2.6 - As bases de uma pesquisa

Estudar os movimentos sociais em rede é um desafio. Neste trabalho uso duas metodologias, a ARS e a Teoria do Discurso, conforme elaborada por Laclau e Mouffe, para melhor entendê-los. Como alertam Ferreira e Fontes (2014), a ARS, quando limitada apenas aos fluxos interativos entre atores, pode resultar em generalizações abusivas, pois

⁷¹ Além de centralidade e densidade, alguns conceitos-chaves da ARS são: acessibilidade (capacidade de uma rede em permitir o acesso de uns “nós” a outros); rango (número de vínculos de um ator); conteúdo (tipo da relação, tais como de amizade, ajuda mútua, informação etc.); direção (sentido de uma relação), durabilidade (período de vigência de uma relação); intensidade (valor atribuído pelos atores a uma relação); frequência (número de relações em um período determinado).

⁷² Descrições metodológicas de estudos de casos que se utilizam da ARS podem ser vistas em *A QAP Network Analysis of Intergovernmental Cooperation between Swiss Cantons* (Daniel Bochsler) e *Social capital and Health* (Ichiro Kawachi).

⁷³ Netnografia é uma abordagem participante/observacional *on-line* que segue um conjunto distinto de procedimentos e protocolos. É apropriada para o estudo de comunidades *on-line* e interações sociais virtuais (KOZINETTS, 2010).

dessa maneira ignora os conteúdos das relações (tarefa em que a TD pode ajudar a esclarecer).

Hollstein (2012) também destaca a importância de unir métodos qualitativos à ARS, à medida que a pesquisa qualitativa oferece ferramentas para fazer frente aos desafios enfrentados na pesquisa de rede, a exemplo de elucidar a complicada relação entre agência/estrutura e outras questões relativas à constituição e dinâmica das redes sociais. Além disso, métodos como entrevistas, observações, análise do discurso e documental podem servir para validar os dados da rede e descrever práticas e orientações desta (id.).

2.6.1 - O pré-campo: a marcha das Vadias

Antes de iniciar a pesquisa empírica, decidi fazer um pré-campo para testar o roteiro de entrevista aplicado aos membros do DU. A Marcha das Vadias - movimento transnacional que se espalhou pelo mundo, protestando, entre outras coisas, contra a crença de que mulheres vítimas de estupro teriam provocado a violência por seu comportamento - foi o grupo escolhido por ser recifense, ou seja, da mesma região que o DU, e por ter práticas *on-line* parecidas.

A origem da Marcha remete a 2011, quando, diante de vários estupros que aconteceram dentro de uma universidade canadense, um chefe de segurança proferiu uma palestra afirmando que se as mulheres evitassem se vestir como “vadias” os casos poderiam ter sido impedidos. À época, estudantes se mobilizaram e o Movimento *Slutwalk*, como a Marcha é conhecida em países de língua inglesa, ganhou várias cidades do mundo. No Recife, na página do grupo no *Facebook* há um texto com as principais reivindicações da Marcha, que se inicia assim:

O primeiro ponto de reivindicação é a ressignificação do termo ‘vadia’. Somos constantemente chamadas de vadias, putas e vagabundas pelo simples fato de exercermos nossa sexualidade livremente e por sermos seguras de quem somos. Se, no momento que nos declaramos livres, liberadas, felizes, conscientes e seguras sexualmente, somos vadias, então somos todas (e queremos ser todas) vadias, pois não existe nada mais libertador e bonito do que ser livre, ter amor próprio e consciência do próprio corpo. Ser mulher é uma luta diária em nossa sociedade machista⁷⁴.

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasRecife/timeline>>. Acesso em 05.01.2016.

O texto segue definindo várias das pautas da Marcha das Vadias em Pernambuco e citando alguns números da violência contra a mulher no Estado. A Marcha e o DU, no entanto, têm algumas diferenças. A primeira é em relação ao tamanho do grupo na web. No ambiente virtual, a Marcha das Vadias/Recife conta com aproximadamente 7.900 participantes, enquanto o DU tem mais de 31 mil. A segunda divergência é em relação à identidade e quantidade de pautas. A Marcha reivindica uma bandeira mais bem definida, o direto à liberdade do próprio corpo, enquanto o DU discute inúmeros problemas políticos/urbanos do Recife. Tendo consciência dessas diferenças, seguiu-se com o pré-campo.



Figura 7 – Print da comunidade oficial da Marcha das Vadias no Recife. Data do print: 06.01.2016.

Entrei em contato com a Marcha pelo *chat* do *Facebook*, identificando-me como mestrando do PPGS e explicando a pesquisa. Pedi para entrevistar alguma liderança da Marcha e indicaram-me a psicóloga WMar. A entrevista, que foi presencial, durou cerca de 20 minutos, sendo conduzida por um roteiro-guia que havia preparado para líderes do DU. Adaptado para entrevistar uma líder da Marcha, o roteiro-guia foi dividido em três partes: (I) a Marcha e as funções dos líderes no grupo, (II) relação com outros organizadores de movimentos sociais e influência sobre internautas e (III) resultados obtidos.

A primeira parte buscava compreender o entrevistado, avaliando as ações no grupo, se eram planejadas ou não, e quais as formas de atuação de cada organizador. A segunda procurava entender questões como a relação entre os líderes do grupo e com outros coletivos presentes no universo virtual, além de explorar temáticas acerca da força dos laços entre participantes e as estratégias para mobilizar pessoas. A parte três, referente aos resultados obtidos, trazia reflexões estruturais do grupo (se era um movimento horizontal ou vertical) e questões acerca da base de apoio (recursos humanos, financeiros, de comunicação etc.) e conquistas da Marcha. Além disso, procurou conhecer as qualidades e deficiências do coletivo.

Não realizei todas as perguntas, pois algumas fugiram ao tema. Outros assuntos importantes também não estavam naquele primeiro roteiro-guia.

2.6.2 - As contribuições do pré-campo

A entrevista serviu para pensar em alguns pontos cruciais da dissertação, dos quais três se sobressaíram. O primeiro foi que, diante da qualidade das respostas, fortaleceu a ideia de realizar as entrevistas com o DU de maneira presencial - antes a intenção era realizá-las pelo *chat* do *Facebook* ou via *e-mail*. O segundo ponto foi que serviu para aprimorar, reformular e acrescentar algumas perguntas. Nesse sentido, passaram a existir questões que buscavam a trajetória do líder/participante do DU e informações acerca de dados socioeconômicos dos entrevistados.

Havia abordado pouco esses aspectos com Wmar e depois percebi que seriam essenciais para entender alguns dos pontos de vista de cada líder, o que resultou em fazer uma distinção mais clara entre o que iria buscar no questionário e nas entrevistas. O resultado: o questionário passou a servir principalmente para extrair informações acerca das redes de contato dos entrevistados, enquanto as entrevistas visaram compreender a trajetória e as opiniões de moderadores e pessoas centrais do DU em relação a temas específicos.

Por fim, o terceiro ponto que o pré-campo elucidou foi reforçar a necessidade de se verificar a opinião de outros participantes atuantes em grupos *on-line*, ou seja, não apenas

escutar os moderadores e ex-moderadores⁷⁵ de um grupo no *Facebook*, o que era a ideia inicial. Afinal, é importante ouvir os dois lados de uma história. Por um lado, os moderadores e ex-moderadores atuantes, que planejam unir pessoas em torno de um projeto em comum e que geralmente investem mais recursos em prol deste; por outro, os participantes ativos que se identificam com uma causa e participam dela - entretanto, às vezes sob menos pressão e compromisso.

2.6.3 – O passo a passo de uma pesquisa

A parte empírica desta pesquisa levou em consideração os trabalhos de Castells (2013), Kozinets (2010), Rodriguez (1995), Sampaio et al. (2012), Eichner et al. (2015), Jaume e Río (2014) e Gómez e Verd (2013); além de teses e dissertações com pesquisas no *Facebook* e redes sociais virtuais, tais como as de Oliveira (2013), Batista (2015), Guedes (2013) e Mazzocato (2014).

O levantamento de dados foi feito em dois momentos. No primeiro, observei durante 30 dias (de 15 de julho a 13 de agosto de 2015), através de uma ficha pré-codificada, a dinâmica da página do grupo do DU no *Facebook*⁷⁶. Durante esse período, separei as cinco postagens, por dia, com maior número de curtidas. Depois esmiucei cada uma (ficha pré-codificada em anexo, p. 137), verificando pontos como: (I) assunto do post, (II) maneira como está exposto, (III) número de curtidas⁷⁷, (IV) número de comentários, (V) a pessoa que mais comentou, (VI) comentário mais curtido, (VII) autor do post e (VIII) horário do post. Esse procedimento serviu para entender melhor o funcionamento da página do DU e para identificar as pessoas mais atuantes e com maior alcance dentro do grupo durante o período acompanhado.

Num segundo momento realizei entrevistas semiestruturadas com seis moderadores (ou ex-moderadores) do DU - os quais eram possivelmente “líderes”-, escolhidos através da

⁷⁵ A função de “moderador” de uma página no *Facebook* pode ser oferecida pelo administrador desta. Entre algumas possibilidades de um moderador estão (I) enviar mensagens como o “grupo”, (II) eliminar e responder a comentários e publicações na página e (III) eliminar e banir pessoas da página.

⁷⁶ O DU possui um grupo no *Facebook* e uma *fanpage*. *Fanpages* são espaços de discussões mais gerais, os quais apenas moderadores postam e internautas seguem a partir do momento em que a curtem ou a acessam. Já nos grupos, hipótese que verifiquei no pré-campo, há uma interação maior. As pessoas participam mais e podem, também, postar neles. Por isso a escolha metodológica de acompanhar apenas o grupo do DU no *Facebook*.

⁷⁷ A opção de “curtir”, do *Facebook*, é um recurso onde os usuários podem indicar se gostaram de certos conteúdos.

técnica Bola de Neve, e quatro participantes atuantes do DU, identificados através do acompanhamento diário da página do DU no *Facebook*. A Bola de Neve é uma amostra onde os participantes iniciais indicam novos; estes, por sua vez, sugerem outros novos participantes, e assim sucessivamente, até que seja alcançado o ponto de saturação e o objetivo proposto. No decorrer da pesquisa, após a realização da sexta entrevista com um moderador do DU, as respostas começaram a se repetir, sem mais novidades e, assim, decidi que as informações necessárias para a análise haviam sido alcançadas.

Aos seis possíveis “líderes” do DU também apliquei um questionário fechado, dividido em duas partes. Na primeira foram recolhidas informações socioeconômicas dos líderes; na segunda, dados sobre as suas respectivas redes primárias. As informações obtidas no questionário e na ficha pré-codificada estão no capítulo III.

O objetivo geral do questionário foi identificar as redes primárias dos moderadores dentro do DU, verificando medidas de centralidade da ARS (que mensuram a centralidade e a influência de um determinado ator numa rede) e o papel do capital social para a mobilização. Além de centralidade, dentro da ARS foram explorados o conteúdo da relação (relação de amizade, de informação, de ajuda mútua etc.), a durabilidade (período de vigência de uma relação), a intensidade (valor atribuído pelos atores a uma relação) e a frequência (número de relações em um período determinado).

Para contribuir na interpretação dos dados da ARS, estes mais quantitativos, as entrevistas semiestruturadas buscaram compreender a trajetória de cada participante do DU e questões como: 1) as estratégias utilizadas pelos líderes do DU para mobilizar pessoas, 2) a construção e divulgação dos discursos colocados em debate e 3) as relações entre os organizadores e participantes do grupo. As respostas dessas questões foram utilizadas para esclarecer o problema central desta pesquisa, ou seja, a mobilização de internautas pelos atores centrais do DU. A TD, como já dito, serviu como referencial para analisar essas entrevistas.

Na ARS, foram utilizados o *software* Ucinet (versão 6.531) e o Netdraw para a análise do material coletado. Esses programas (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002) possibilitam a construção de sociogramas e a obtenção de representações numéricas para a ARS. No fim, acredito que as entrevistas e a análise do material coletado, somadas à

leitura de textos sobre o tema, foram suficientes para atender ao problema geral da pesquisa.

CORPUS DA PESQUISA

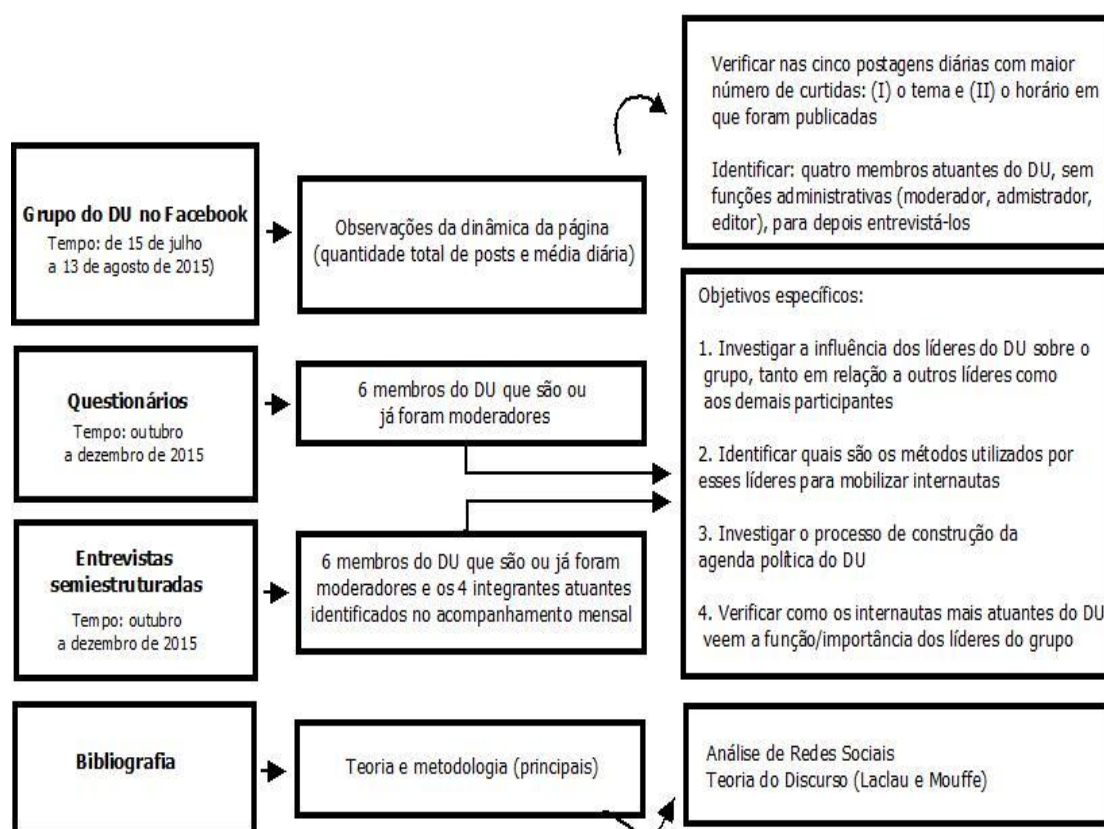


Figura 8 – O corpus da pesquisa. O esquema acima foi feito para responder ao objetivo geral deste trabalho: de que maneira os internautas são mobilizados pelos líderes do DU para reivindicar o direito à cidade e discutir política.

3 – O funcionamento do DU e os atores mais centrais

A partir de agora se inicia a exposição e análise dos resultados empíricos desta pesquisa. De início, este capítulo explora a dinâmica da página do DU no *Facebook*, com alguns números para facilitar a contextualização; em seguida, através de sociogramas e índices de centralidade, analisa algumas redes do DU a partir da ARS.

3.1 – A dinâmica de um grupo *on-line*

Conforme descrito na metodologia, nesta pesquisa se realizou um acompanhamento de 30 dias da página do DU no *Facebook*, selecionando as cinco postagens diárias com maior número de curtidas. Durante esse período, preencheu-se manualmente uma ficha pré-codificada abarcando nove aspectos, oito relacionados à categorização das postagens e um que mediu a quantidade de *posts* diários realizado na página do DU. Verificou-se de cada postagem:

1. Tema geral da postagem
2. Assunto específico
3. Número de curtidas
4. Número de comentários
5. Horário
6. Autor
7. O internauta que mais comentou (quando só houve um que comentou mais vezes⁷⁸)
8. De quem foi o comentário mais curtido (quando só houve um mais curtido⁷⁹)

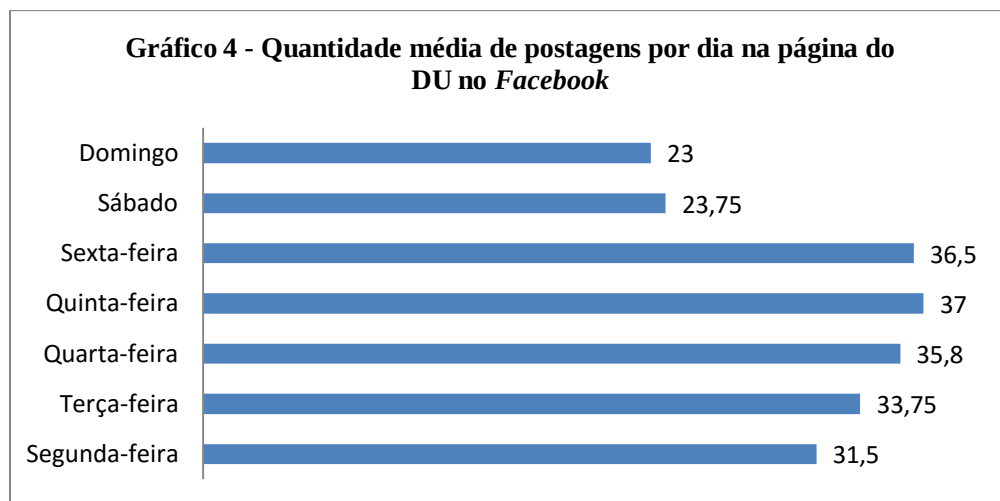
As questões de 1 a 6 buscaram entender melhor a dinâmica e identidade do DU no *Facebook*, observando as pautas que mobilizaram mais pessoas a partir da compreensão de que um grupo pode ser entendido por suas demandas sociopolíticas (LACLAU; MOUFFE, 1987). Por sua vez, os pontos 6,7 e 8 identificaram alguns dos internautas mais atuantes do DU durante o período analisado. Além de moderadores e ex-moderadores, essa etapa

⁷⁸ Para ilustrar essa categoria, numa hipotética postagem com dez comentários, todos feitos por membros diferentes, não existe um internauta que comentou mais vezes que os demais, assim nenhum ator era marcado nessa questão. Porém, se dentre essas dez postagens, o membro Lcis tivesse feito dois comentários e os demais apenas um, aí Lcis seria o “internauta que mais comentou”.

⁷⁹ O critério aqui foi o mesmo utilizado da nota acima, a 78.

identificou outros atores centrais do grupo. A seguir os resultados obtidos desse acompanhamento⁸⁰.

Entre 15 de julho e 13 de agosto de 2015 foram realizadas 958 postagens na página do DU no *Facebook*, média de 31,93 por dia. O dia da semana com maior média de postagens foi a quinta-feira (37 posts), enquanto o menor foi domingo (23 posts).



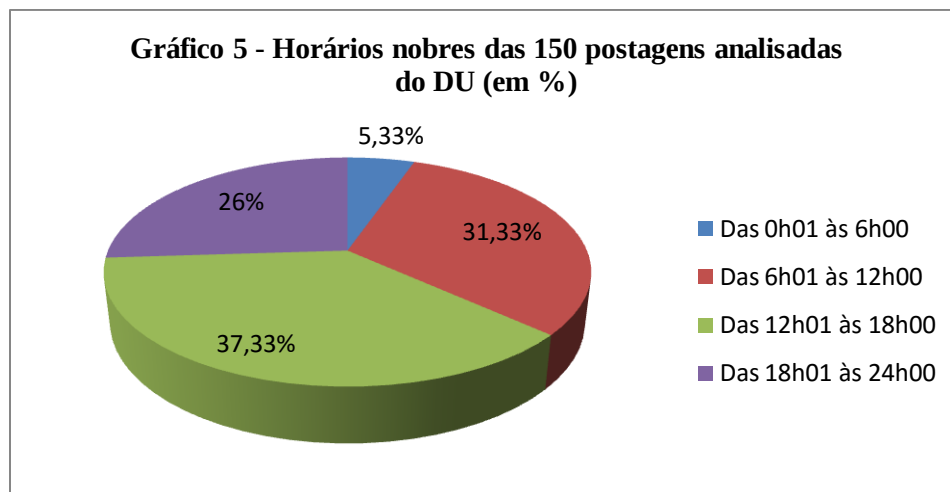
Fonte: Pesquisa realizada entre 15 de julho a 13 de agosto de 2015. Gráfico elaborado pelo autor.

Os resultados mostram que o DU é mais ativo durante a semana. Nos finais de semana, o grupo apresenta uma queda na atividade, a exemplo do que ocorre com outras mídias sociais no Brasil, conforme apontou pesquisa Scup⁸¹ sobre os dias e horários nobres das redes sociais.

As 150 postagens analisadas do DU nesta pesquisa receberam juntas 20.411 curtidas, média de 136,07 curtidas por cada. A faixa de horário que concentrou o maior número de postagens foi a tarde, entre as 12h01 e 18h.

⁸⁰ Vale ressaltar que no período analisado não houve nenhum fato muito atípico no Recife ou decisão polêmica em relação ao PNR. Assim que, embora não seja possível afirmar, imagina-se que em períodos pré ou pós-decisões polêmicas na cidade a atividade do grupo seja maior.

⁸¹ O estudo monitorou 170,7 milhões de posts do *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* durante um ano. Disponível em: <<http://scupideas.scup.com/ideas/horarios-nobres-redes-sociais#facebook>>. Acesso em 10.12.2015.



Fonte: Pesquisa própria. Gráfico elaborado pelo autor.

As postagens foram classificadas, por tema geral, em duas grandes áreas: “postagens de cunho informativo/reflexivo sobre acontecimentos gerais em qualquer lugar do mundo” (tema I) e “denúncias e queixas de irregularidades ocorridas em Pernambuco” (tema II). Houve uma tentativa de classificar essas duas temáticas de maneira mais específica, com maior número de subdivisões, entretanto não foi possível devido à variedade dos assuntos encontrados. No fim, enxergando o grupo como uma grande praça pública virtual - onde acontecem conflitos, denúncias e divulgações de inúmeras informações-, optou-se pela divisão atual: de um lado, as postagens que tratavam de “irregularidades”, de outro, as com assuntos mais “reflexivos” e formadores de opinião.

Entre as 150 postagens analisadas, o tema 1 obteve 100 postagens (66,66% do total) e o tema 2 teve 50 (33,33%). Esses números refletem que no DU há uma tentativa grande de conscientizar os seus membros acerca de assuntos relacionados ao direito à cidade, o que se viu principalmente nas postagens do tema 1.

Tabela 1 - As cinco postagens com maior número de curtidas do tema 1

Assunto específico	Nº de curtidas	Nº de comentários
1. Camisa do Ocupe Estelita aparece em programa da Globo	1.210	47
2. Instituto RioMar promove evento de conscientização do	564	35

ecossistema		
3. Verticalização no Recife	442	48
4. Novela se inspira no Ocupe Estelita	427	33
5. Calçada para cadeirante	375	24
5. Restauração de casarão no bairro da Várzea	375	19

Fonte: pesquisa própria. Tabela elaborada pelo autor.

As cinco postagens mais curtidas acima possuem características peculiares. A primeira e quarta divulgaram informações de que Ocupe Estelita esteve presente na televisão, mostrando o alcance e o “sucesso” do movimento. A segunda mais curtida trouxe reflexões acerca da ironia de o Instituto RioMar, braço de empresa responsável por construir o maior shopping do Recife⁸² às margens de um mangue (desabrigando algumas centenas de moradores que retiravam de lá boa parte da subsistência), promover palestra acerca do crescimento sustentável. As demais postagens tratavam do processo de gentrificação do Recife (terceira postagem mais curtida), do direito aos cadeirantes (quinta) e do patrimônio histórico da cidade (também quinta). O elevado número de curtidas dessas postagens indica que envolvem alguns dos assuntos que mais mobilizam internautas no DU, e os líderes mais bem sucedidos do grupo provavelmente estão cientes disso – tema abordado mais profundamente nas entrevistas.

Já as cinco postagens com maior número de curtidas do tema 2 revelam que o DU é também uma esfera pública virtual de reclamações, com constantes publicações sobre o crescimento desordenado do Recife, insegurança, buracos nas ruas etc.

⁸² Atualmente, o shopping inaugurado em 2012 está entre os cinco maiores do Brasil, com área construída de 295.000 m². Ficha técnica do RioMar disponível em: <<http://www.riomarrecife.com.br/#institucional?shopping>>. Acesso em 17.01.2016.

Tabela 2 - As cinco postagens com maior número de curtidas do tema 2

Assunto específico	Nº de curtidas	Nº de comentários
1. Foto artística denunciando o descaso com os mangues no Recife	660	23
2. Tempo de espera para pedestres em semáforo da Av. Rosa e Silva, Zona Norte do Recife	382	61
3. Insegurança no Recife Antigo	334	37
4. Pedra cai de construção no Recife	251	24
5. Alagamento do Túnel da Abolição, Zona Oeste do Recife	205	58

Fonte: Pesquisa própria. Tabela elaborada pelo autor.

A postagem mais curtida da tabela 2 foi uma imagem de um caranguejo no mangue, em primeiro plano, com um prédio desfocado no fundo da foto, denunciando a invasão de edifícios a áreas que deveriam ser preservadas, tais como os rios e mangues recifenses. A segunda mais curtida foi uma reclamação acerca de um semáforo de uma das principais vias da cidade, cujos pedestres estavam esperando quase sete minutos para atravessá-la. As outras postagens abordaram o crescimento da violência no Recife Antigo (terceira mais curtida), uma pedra que caiu de uma construção imobiliária (quarta) e o alagamento recorrente de um túnel para carros (quinta).



Figura 9 - *Print* da segunda postagem mais curtida do tema 2. Na imagem, membro do DU cronometra o tempo que esperou para um semáforo, em frente a um hospital, abrir para pedestres.

3.2 – Membros ativos no DU

No acompanhamento mensal da página do DU no *Facebook* foram criadas três categorias para identificar alguns dos internautas mais participativos do grupo. Em cada uma das 150 postagens mais curtidas se observou: a) *o internauta que mais comentou* (quando só houve apenas um que comentou mais vezes), b) *de quem foi o comentário mais curtido* (quando só houve apenas um comentário mais curtido) e c) *o autor do post*. A intenção não era necessariamente identificar todos os internautas “mais atuantes”, e sim alguns dos mais participativos durante o período analisado. Depois, somou-se o número de aparições de cada internauta nessas três categorias descritas acima e, posteriormente, foram entrevistados os com maior número de aparições.

Vale ressaltar que alguns moderadores e ex-moderadores se destacaram nessa lista - como Lcis, com 13 aparições, e Nfau, 10-, mas a ideia era exatamente encontrar outras pessoas centrais no DU, que não fossem moderadoras ou ex-moderadoras. Após identificar esses internautas por ordem de aparições, entrei em contato com eles pelo *Facebook*. Um não respondeu ao meu contato e outro pôde participar da entrevista apenas por *e-mail*.

Como já havia entrevistado três membros presencialmente e tinha as respostas para a maioria das questões levantadas, abri essa exceção. Lembrando que para garantir o direito do anonimato aos entrevistados, foram criados códigos, com quatro letras, utilizando os nomes e sobrenomes deles (por exemplo: Ctav, Apau e Lalv).

As entrevistas, que serão exploradas no capítulo IV (a partir da p.117), foram realizadas com Cmar (cinco aparições no acompanhamento mensal do DU), homem de 38 anos; Pgue (cinco aparições), homem de 30 anos; Bcam (cinco aparições), mulher de 38 anos; e Acla (quatro aparições), mulher de 41 anos.

3.2.1 - As lideranças do DU

Após observações da dinâmica do DU no *Facebook*, foi utilizada a técnica Bola de Neve para se chegar a uma lista com seis moderadores/ex-moderadores bem atuantes no grupo. O primeiro contato realizado foi através de Apau, intencionalmente escolhida por três aspectos: ser uma participante bastante presente na página do DU no *Facebook*, ser fundadora do grupo e ser um dos membros que representa o DU em entrevistas à imprensa. A Apau foi enviada a seguinte mensagem.

Olá, Apau, tudo bem?

Primeiramente, gostaria de me apresentar. Me chamo Davi Barboza e sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE.

Estou desenvolvendo uma pesquisa, financiada pela CAPES, sobre redes sociais virtuais e mobilização de pessoas. Resumindo, a pesquisa, que é um estudo de caso do DU, tem como objetivo verificar o papel das pessoas mais atuantes de um grupo virtual na mobilização de pessoas.

Gostaria de saber se você, como uma das 'lideranças' do DU, poderia participar dessa pesquisa. Venho fazendo um acompanhamento diário da página do grupo no *Facebook* e você é uma das pessoas mais ativas. Além disso, queria algumas informações do DU.

Essa conversa demoraria cerca de 1h/1h30 (entrevista + aplicação de um questionário). Preciso saber se tens disponibilidade para conversarmos, pessoalmente, nesta semana ou na próxima. Se puderes, será de grande ajuda.

Desde já, agradeço a sua atenção.

Atenciosamente,

Davi Barboza/Mestrando em Sociologia pelo PPGS

Fone: (81) 98678.5911

Com os nomes dos seis entrevistados em mãos, observei que embora todos fossem ativos no grupo, alguns haviam se afastado da função de moderador por, entre outros motivos, incompatibilidade com novos empregos⁸³. Desse modo, para não excluir membros que claramente ainda exerciam funções de liderança, houve a opção por considerar previamente “líder” tanto moderadores como ex-moderadores do DU.

A lista com possíveis líderes do DU foi composta por: Ctav, homem de 50 anos; Lalv, homem de 30 anos; Apau, mulher de 54 anos; Melr, homem de 31 anos; Nfal, mulher de 49 anos; e Clac, mulher de 36 anos.

Tabela 3 - Os moderadores e ex-moderadores entrevistados do DU

Nome/Apelido	Ctav	Lalv	Apau	Merl	Nfau	Clac
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
Idade	50 anos	30 anos	54 anos	31 anos	49 anos	36 anos
Nível de escolaridade	Superior completo	Superior completo	Superior completo (com doutorado)	Superior completo (mestrando)	Superior completo	Superior completo (com mestrado)
Posicionamento político	Progressista	Progressista	Progressista	Progressista	Progressista	Progressista
Classe social	Média	Média alta	Média	Média	Média	Média alta
Renda mensal da família (com salário mínimo a R\$ 788)	4 a 10 Salários mínimos	10 a 20 SM	4 a 10 SM	2 a 4 SM	Acima de 20 SM	Acima de 20 SM
Domicílio de nascimento	Recife	Recife	Recife	Recife	Recife	Recife

⁸³ Alguns membros do DU possuem contratos com órgãos públicos e outros começaram a trabalhar para políticos. Assim, acharam melhor se afastar da moderação em prol da manutenção da “imparcialidade” do grupo.

Região onde reside	Zona Norte do Recife	Zona Norte do Recife	Zona Norte do Recife	Zona Norte do Recife	Centro do Recife	Zona Norte do Recife
Estado conjugal	União estável	União estável	Solteira	Solteiro	União estável	Separada

Fonte: Pesquisa própria. Tabela elaborada pelo autor.

Nota: Dados coletados através de questionários para traçar o perfil dos entrevistados. Vale frisar que as respostas estão exatamente como os entrevistados responderam.

Analisando a tabela 3, algumas informações se sobressaíram. Primeiramente, destaque para o nível de escolaridade dos atores, todos com nível superior e alguns com mestrado e doutorado. Em segundo lugar, chamou atenção a região do Recife onde essas pessoas moravam, cinco na Zona Norte do Recife e uma na área central⁸⁴. Por último, destaque para a classe social dessas pessoas. Das seis, quatro disseram ser classe média e duas classe média alta, indício de que o “núcleo duro” do DU era composto por pessoas de classe média para cima.

3.3 – As redes dentro de um ecossistema de redes que se chama DU

A ARS permite conhecer algumas formas de interação entre indivíduos ou grupo de pessoas. Entretanto, após o pesquisador recolher os dados necessários para a ARS, que aqui foram obtidos através de questionário, é fundamental seguir algumas técnicas para ordenar as informações recolhidas, as quais podem ser transformadas em gráficos e índices (SANTOS, 1996). A partir de agora, inicia-se a ARS desta pesquisa, que trabalhou com sociogramas e índices de centralidade de seis moderadores/ex-moderadores do DU.

Antes de dar início às análises, no entanto, é importante ver rapidamente como se organiza uma rede, constituída por três elementos básicos: a) nós ou atores, b) vínculos ou relações e b) fluxos.

⁸⁴ Não encontrei outros estudos sobre o assunto, mas percebo empiricamente que no Recife, a exemplo de outras cidades, as regiões onde as pessoas residem refletem em alguma medida os seus gostos e personalidades; e, assim, as maneiras de ver/lidar com os problemas do município. Não tentarei aqui explicar o motivo, até porque foge ao escopo desta pesquisa, apenas achei relevante destacar essa informação.

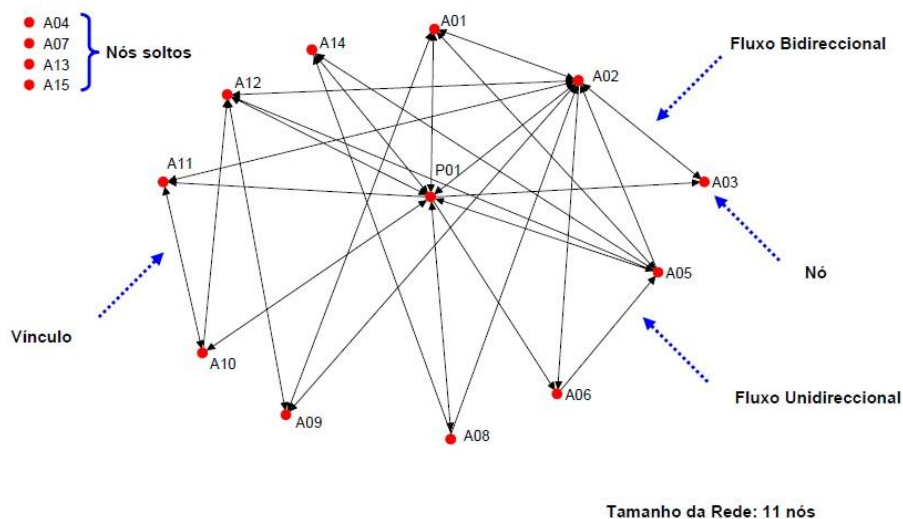


Figura 10 - Os elementos básicos de uma rede de interações. Nota: Acima, os três elementos básicos de uma rede: (I) os “nós” ou atores (onde “A” representa aluno e “P” professor), (II) os vínculos (laços estabelecidos entre atores) e (III) o fluxo da relação (que pode ser unidireccional, de apenas uma via, ou bidireccional, com reciprocidade entre os atores). Fonte: Manual introdutório à Análise de Redes Sociais (ALEZANDR; NORMAN, 2005).

Primeiramente serão exibidos os resultados de uma rede com os membros do DU mais próximos a cada um dos seis entrevistados, feita da seguinte maneira. Solicitou-se ao entrevistado que citasse até 15 pessoas com as quais mais se relacionasse dentro do DU (essa rede com os até 15 atores mais próximos ao entrevistado será chamada a partir de agora de “rede primária” do “nó”); a partir daí, gerou-se uma rede única com as redes primárias dos seis entrevistados. Depois de analisar essa rede única, serão exibidos dois sociogramas que representaram a percepção dos entrevistados em relação a: (I) quais os membros do DU possuem maior influência sobre as lideranças e decisões do grupo e (II) quais os membros do DU têm maior influência sobre os demais internautas.

Por fim, serão mostradas as redes primárias, com alguns atributos (características de um “nó” ou grupo de atores, por exemplo: idade, gênero, ocupação etc.), de três moderadores/ex-moderadores que se destacaram nos sociogramas exibidos, buscando entender com quem eles se relacionam no grupo e o motivo. A análise de todas essas redes deu ênfase a medidas de centralidade, uma vez que, tratando-se do estudo de lideranças, tinha interesse em saber a posição estratégica de um ator dentro das redes estudadas. Essas

posições mais centrais geralmente implicam em maior poder e controle dos fluxos de comunicação, fatores que facilitam a troca de recursos entre os “nós” (FONTES, 2012).

As medidas analisadas foram *grau de centralidade*, *grau de intermediação* e *centralidade do autovetor*⁸⁵:

- Grau de centralidade (*centrality degree*): Número de atores aos quais um “nó” está diretamente ligado, indicando, assim, quão central um ator é para a rede. Essa medida pode ser vista através do grau de entrada (*indegree*), que é a soma das interações que o ator recebe, ou grau de saída (*outdegree*), soma das interações que partem de um ator.
- Centralidade de autovetor (*eigenvector centrality*) - É a medida da influência de um “nó” na rede. Indica quão bem os atores estão conectados e o quanto podem influenciar outros atores da rede. Varia de 0 a 1.
- Grau de intermediação (*betweenness*) – É o número de vezes que um “nó” atua como uma “ponte” ao longo do caminho mais curto entre dois outros “nós”. Variando de 0 a 1, a medida exhibe a capacidade de intermediar as comunicações/interações entre pares de “nós”.

3.3.1 – Atores de destaque do DU

A primeira rede formada (figura 11) é dos membros do DU (até 15) que foram citados pelos entrevistados⁸⁶.

⁸⁵ Essas medidas são explicadas em detalhe no tutorial do Unicet feito por Hanneman e Riddle. Disponível em: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/>>. Acesso em 13.01.2016.

⁸⁶ A figura 11 foi feita a partir da questão: “cite até 15 pessoas com as quais você mais interage do DU”.

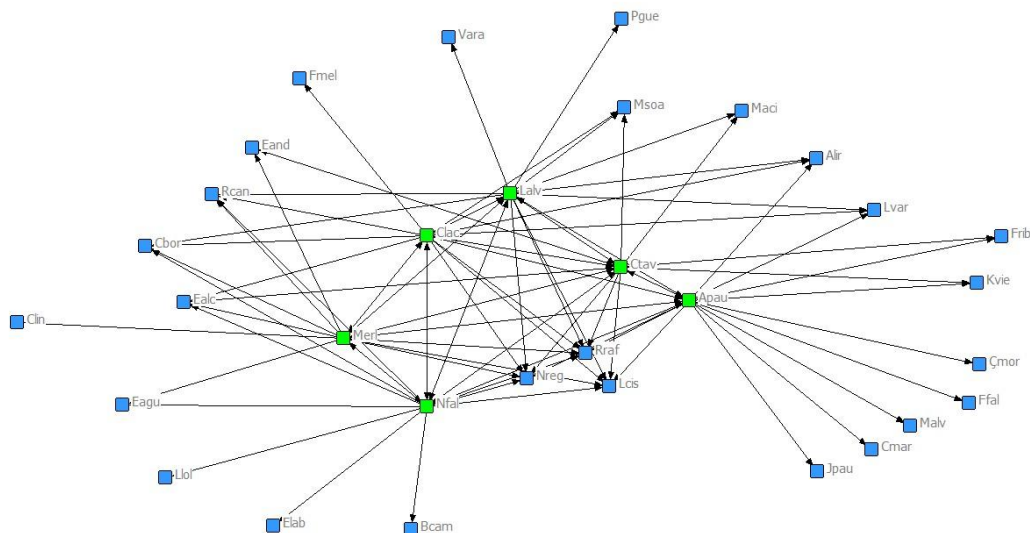


Figura 11 - Os internautas do DU que mais interagem com os líderes entrevistados. Nota: Nesta rede, os “nós” verdes são os entrevistados e, os azuis, os citados por eles. Fonte: Pesquisa própria. Sociograma elaborado pelo autor.

O primeiro indicador analisado foi o *grau de centralidade*. O interessante para esta pesquisa foi observar o *indegree* que os “nós” receberam, ou seja, quantas vezes foram citados por seus pares. O *outdegree*, soma das interações que partem de um ator, aqui não é relevante, uma vez que foi praticamente igual para os seis entrevistados (quatro citaram 15 nomes e dois citaram 14) e valor 0 para os não entrevistados, conforme a tabela 4.

Tabela 4 – Graus de centralidade de doze “nós” da figura 11

Nome do nó	Grau de saída	Grau de entrada
Lalv	15,000	5,000
Apau	15,000	5,000
Nfal	15,000	5,000
Ctav	14,000	5,000
Clac	15,000	4,000
Merl	14,000	3,000
Rraf	0,000	6,000
Lcis	0,000	6,000
Nreg	0,000	6,000
Cbor	0,000	4,000
Rcan	0,000	4,000
Ealc	0,000	4,000

Fonte: Pesquisa própria. Tabela elaborada pelo autor.

Na tabela 4, os seis primeiros “nós” foram os entrevistados, e do sexto ao décimo segundo estão os citados, por ordem, com maior *indegree*. Observa-se que, entre os entrevistados, Lalv, Apau, Nfal e Ctav (com *indegree* 5) foram citados por todos como “uma das pessoas que mais se relacionam dentro do DU”, indicando que são importantes no grupo e têm relevância para os atores que os citaram.

Entre os seis entrevistados, Merl foi citado apenas três vezes (*indegree* 3), mostrando que não foi tão lembrado por seus pares. A tabela 4 também mostra que os “nós” Lcis, Rraf e Nreg - todos com *indegree* 6 - foram lembrados pelos seis entrevistados desta etapa da pesquisa, refletindo que têm boa circulação e relacionamento no grupo.

A segunda medida de centralidade analisada foi o grau de intermediação (*betweenness*), o qual mensura a quantidade de vezes um “nó” pode intermediar relações.

Tabela 5 – Graus de intermediação da figura 11

Nome do nó	Grau de intermediação
Apau	31.000
Nfal	22.667
Lalv	17.333
Ctav	13.333
Clac	9.167
Merl	7.500

Fonte: Pesquisa própria. Tabela elaborada pelo autor

Diante dos resultados, percebe-se que Apau foi o ator com melhor *betweenness* (31.000) desta rede, podendo funcionar como “ponte” 31 vezes dentro dela. Apau é mais próximo a ao menos cinco “nós” cujos demais membros não citaram, indicando que o acesso a estes pode ser teoricamente facilitado com a sua ajuda. Abaixo, uma comparação baseada na figura 11, já exposta, com a presença de “Apau” e “sem Apau”.

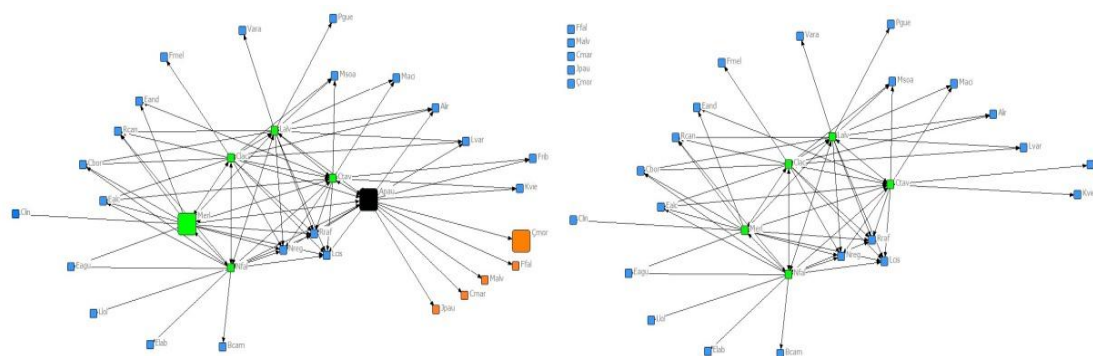


Figura 12 - Comparação entre a mesma rede “com” e “sem” a presença de Apau. Nota: à esquerda, a rede com a presença do “nó” Apau (quadrado preto) e com os cinco “nós” (cor de laranja) aos quais apenas Apau tem acesso. À direita, a mesma rede sem a presença de Apau e suas ligações. Fonte: Pesquisa própria. Sociograma elaborado pelo autor.

A figura 12 foi feita para ilustrar a importância de Apau na intermediação de relações da figura 11. Vale ressaltar que a saída de Apau não significa que o ator Merl (quadrado verde grande à esquerda da rede com Apau) não conheça Çmor (quadrado laranja grande à direita da rede com Apau), o que pode ser uma possibilidade, a qual os dados disponíveis não confirmam. Na verdade, o que se pode inferir dessa comparação é que, caso atores como Merl, Clac, Nfal, Ctav ou Lalv (os “nós” verdes) queiram ter acesso a Çmor, Apau poderia intermediar essa comunicação, sendo um “nó” facilitador.

Por último, vamos à terceira medida analisada, o *grau de centralidade de autovetor*, que indica o quão bem os atores estão conectados e o quanto podem influenciar outros. Nessa medida, os dois atores mais bem posicionados entre os entrevistados foram Clac e Lalv.

Tabela 6 – Grau de centralidade de autovetor da figura 11

Nome do nó	Eigenvector centrality
Clac	0,356
Lalv	0,353
Merl	0,336
Nfal	0,336
Apau	0,328
Ctav	0,328

Fonte: Pesquisa própria. Tabela elaborada pelo autor.

Outros “nós” de destaque que não foram exibidos na tabela 6 foram Rraf, Lcis e Nreg⁸⁷, todos com *grau de centralidade de autovetor* 0,226.

3.3.2 – Percepção dos mais influentes sobre o DU e demais internautas

O questionário aplicado com os moderadores/ex-moderadores do DU tinha outras duas questões distintas. Perguntava quem eram as pessoas que possuíam maior influência (a) *nas decisões e ações do DU* e (b) *maior influência sobre os demais membros do grupo*. Sabe-se, de início, que essas informações não confirmam quem são os internautas mais influentes do DU, mas dão alguns indícios. Restaria saber, por exemplo, se há essa percepção de influência por parte de outros membros que não fossem os moderadores/ex-moderadores contemplados nesta etapa – o que se buscou entrevistando membros do grupo que nunca tiveram função administrativa, informações exploradas no Capítulo IV.

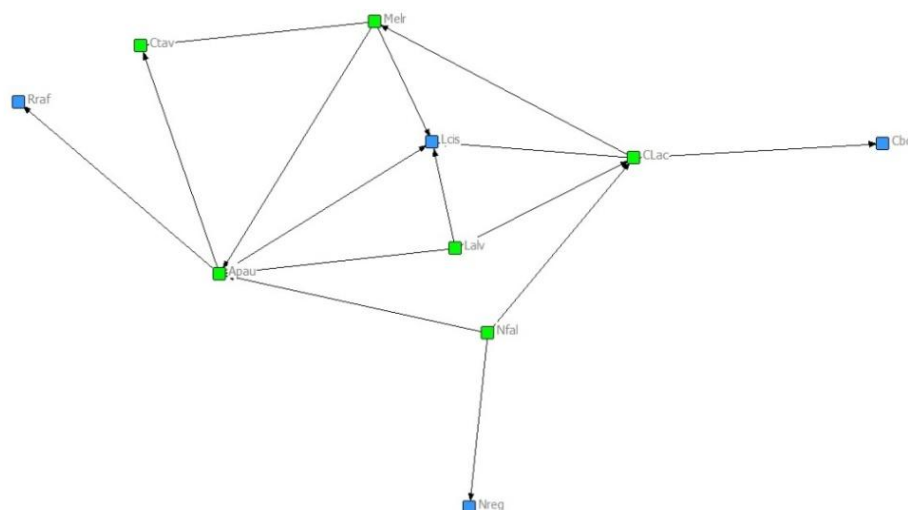


Figura 13 - Os atores mais influentes nas decisões e ações do DU segundo os entrevistados⁸⁸ (“nós” cor verde). Fonte: Pesquisa própria. Sociograma elaborado pelo autor.

⁸⁷ Durante as entrevistas descobri que Rraf, Lcis e Nreg são ex-moderadores do DU que se afastaram da moderação devido aos atuais empregos.

⁸⁸ Resposta à questão: em relação às pessoas presentes na sua lista de 15 pessoas, cite até três que tem, para você, maior influência nas decisões e ações coletivas do DU?

Na figura 13 verifiquei apenas os *indegrees*, os quais demonstraram os “nós” com maior prestígio entre os entrevistados, que foram Lcis (*indegree* 4), Apau (3), Ctav (2), Clac (2), Merl (1), Cbor (1), Nreg (1) e Rraf (1). Nessa questão, poderiam ter sido citados 18 nomes, uma vez que foi permitido aos seis entrevistados enumerar até três pessoas. Contudo, conforme a figura 13, de um total de 15 citados⁸⁹, oito atores diferentes apareceram como os mais influentes nas decisões e ações do DU. Quando questionados sobre quem tinha mais influência entre os internautas do DU, os entrevistados responderam um pouco diferente.

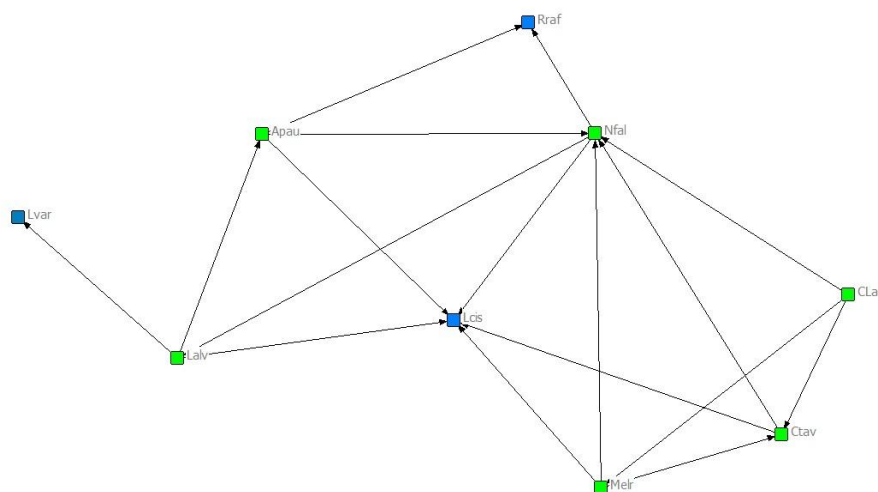


Figura 14 – Os internautas mais influentes sobre os membros do DU⁹⁰. Nota: Os “nós” cor verde são os entrevistados. Fonte: Pesquisa própria. Sociograma elaborado pelo autor.

A figura 14 teve algumas mudanças em relação à figura 13. No topo, com *indegree* 5, novamente se encontra Lcis, mas agora em seguida veio Nfal (4), que tinha obtido *indegree* 0 na figura 13. Na figura 14 apareceram novamente Ctav (2), Rraf (2), Apau (1) e Merl (1); as novidades foram Lalv (1) e Lvar (1).

Um fator que pode ter sido relevante para explicar os diferentes *indegrees* da figura 14, em relação à figura 13, é a intensidade da participação do “nó” no grupo do Facebook

⁸⁹ Ctav não citou nomes, afirmando que o DU nesse sentido é “horizontal”.

⁹⁰ Resposta à questão: em relação às pessoas presentes na sua lista de 15 pessoas, cite até três que tem, para você, maior influência internautas e demais integrantes do DU?

do DU por meio de postagens, comentários e curtidas. Nas conversas com os entrevistados, eles disseram que a influência sobre os internautas depende muito da visibilidade, dedicação e atuação do membro na página do DU no *Facebook*. Essas observações convergem com o fato de Lcis e Nfal, os dois atores que mais tiveram aparições nas 150 curtidas analisadas no início deste capítulo, serem exatamente os “nós” com maior *indegree* da figura 14.

Outro detalhe é que na figura 14 o único dos seis “nós” entrevistados com *indegree* 0 foi Clac, o que talvez tenha ocorrido devido às poucas postagens dela no DU. A própria Clac, que teve *indegree* 2 na figura 13, reconheceu na entrevista presencial que gosta mesmo é de atuar nos bastidores, sendo possivelmente por isso menos conhecida entre os membros do DU.

3.3.3 – As redes dos líderes mais lembrados

Nos sociogramas das figuras 13 e 14 os “nós” de destaque foram Lcis (quatro aparições na figura 13 e cinco na 14), Apau (três na figura 13 e uma na 14), Ctav (2/2) e Nfal (0/4). Com exceção de Nfal, que entrou pouco tempo após o surgimento do DU, os outros três “nós” mencionados acima são fundadores do grupo - o que indica que embora quem tenha entrado depois do surgimento do DU tenha obtido certo destaque, os fundadores continuaram desempenhando papel central.

Além dos dados analisados até agora, esta pesquisa buscou informações acerca dos atributos dos “nós” citados pelos entrevistados. A partir de agora, serão exibidas as redes de Apau, Ctav e Nfal - “nós” que se sobressaíram no quesito influência sobre o DU ou sobre os seus membros. A rede de Lcis, o “nó” de maior destaque nesta etapa da pesquisa, não foi possível porque o ator não foi entrevistado (após várias tentativas, não retornou o contato).

Alguns dos atributos analisados foram *gênero*, *faixa etária*, *tempo de relacionamento* e *frequência de contato* (virtual e presencial). Não foi possível representar todos os atributos em forma de gráfico, pois as informações ficaram difíceis de serem lidas, assim que os atributos não expostos nas redes foram explorados no texto.

As redes de Apau, Ctav e Nfal têm densidade 1, isto é, todo mundo se conhece, o que faz com que os índices de centralidade sejam todos iguais. Por isso, essa etapa se concentrou exclusivamente nos atributos desses atores, tendo o conhecimento prévio de que

na ARS os atributos são elementos secundários (MOLINA, 2001), complementares ao estudo das relações. Na figura 15 estão os atores mais próximos a Nfal.

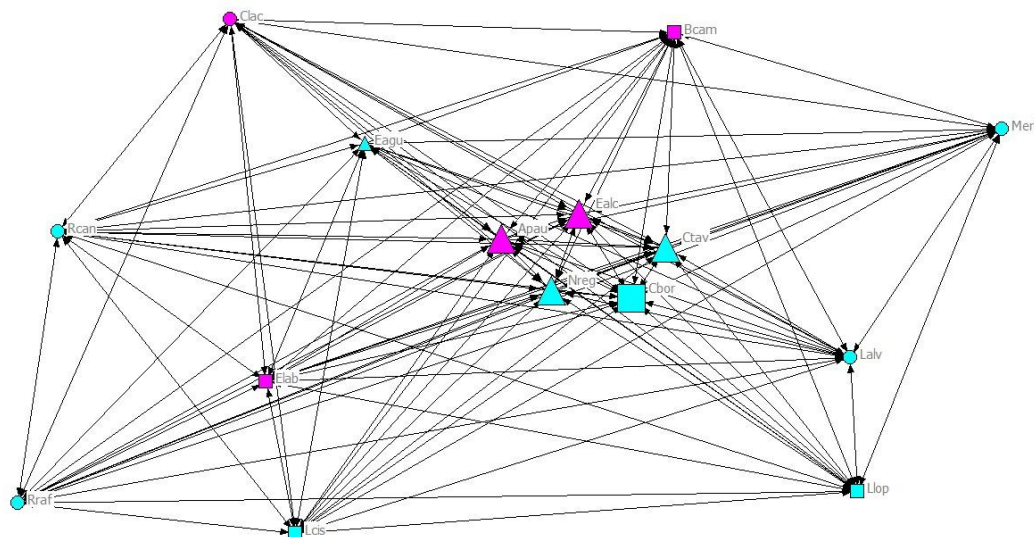


Figura 15 – Os atores mais próximos a Nfal do DU. Nota: os atributos dos “nós” foram separados por cor, tamanho e forma geométrica da seguinte maneira. **Gênero (cor):** quadrado azul (homem), rosa (mulher); **Tamanho maior (ao centro do sociograma):** entre os quinze, os cinco mais próximos a Nfal; **Faixa etária (figura geométrica):** círculo (25 a 34 anos), quadrado (35 a 44 anos) e triângulo (45 a 60 anos). Fonte: Pesquisa própria. Sociograma elaborado pelo autor.

Na rede de Nfal (mulher, 49 anos) se observa que fatores como *gênero* não foram tão importantes na constituição de sua rede, porém a *faixa etária*, sim. Perguntou-se a Nfal até cinco pessoas às quais considerava mais próximas a ela entre os 15 citados. Nfal indicou quatro membros com a sua mesma faixa etária, entre 44 e 60 anos.

Fatores como *lugar de residência* e *onde se conheceram* parecem não ter influenciado tanto para gerar uma maior proximidade com Nfal. *Tempo de relacionamento*, sim. Dos 15 “nós” citados por Nfal, oito ela conheceu há entre “1 e 3 anos” e outros sete há mais de “3 anos”, o que mostra que a rede tem tanto pessoas mais novas como mais antigas em seu círculo de amizades. Entretanto, entre as cinco pessoas do DU com as quais Nfal mais se relaciona, quatro ela conheceu há mais de “3 anos”, revelando que as pessoas mais antigas são as com maior proximidade a ela.

Nfal considera duas pessoas “amigas” de sua rede, as únicas com as quais ela, além de outros assuntos, discute acerca de *problemas pessoais* (como conselhos de relacionamento, trabalho etc.). Além desses dois amigos, os outros “nós” da rede de Nfal são, segundo ela, *conhecidos/colegas* (sete “nós”) e *colegas de trabalho* (seis).

A seguinte rede analisada foi a de Ctav.

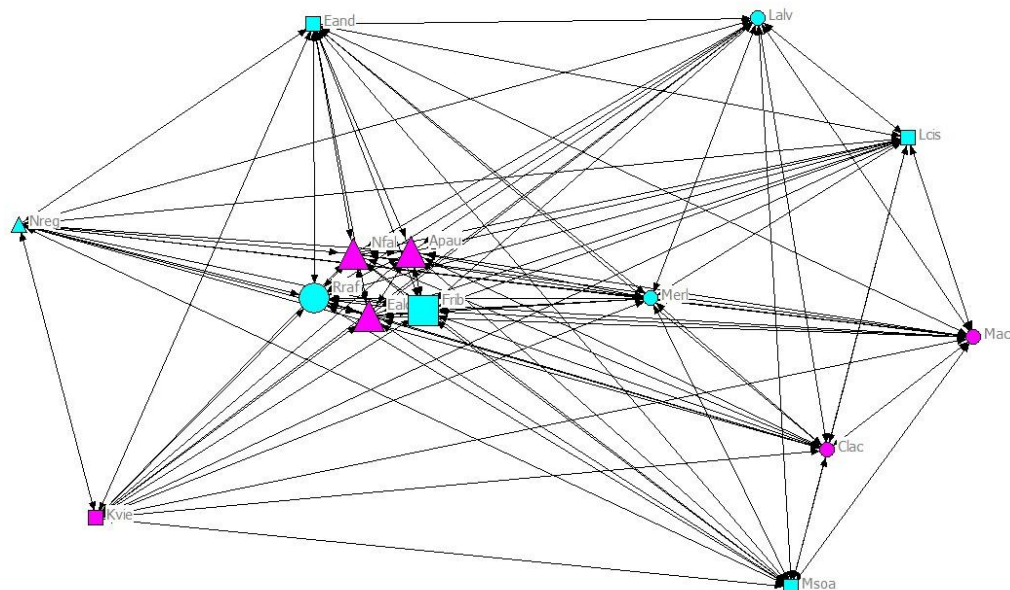


Figura 16 – Os atores mais próximos a Ctav no DU. Nota – **Gênero (cor)**: azul (homem), rosa (mulher); **Tamanho maior (ao centro)**: entre os quinze, os cinco mais próximos a Ctav; **Faixa etária (figura geométrica)**: círculo (25 a 34 anos), quadrado (35 a 44 anos) e triângulo (45 a 60 anos). Fonte: Pesquisa própria. Sociograma elaborado pelo autor.

A rede de Ctav (homem, 50 anos) também indica que a *faixa etária* foi um fator que parece ser importante. Em sua rede, há cinco “nós” que têm entre 25 e 34 anos, cinco entre 35 e 44 anos e quatro entre 45 e 60 anos, isto é, é bem eclética em termos de idade. Apesar disso, entre os cinco “nós” mais próximos a Ctav, três têm entre 45 e 60 anos, indicando que ele se relaciona mais com pessoas da sua mesma *faixa etária*. Da sua rede, Ctav considera ter quatro *muito amigos* (todos no grupo dos cinco mais próximos), nove *amigos* e um *conhecido/colega*.

Por último, a rede primária de Apau.

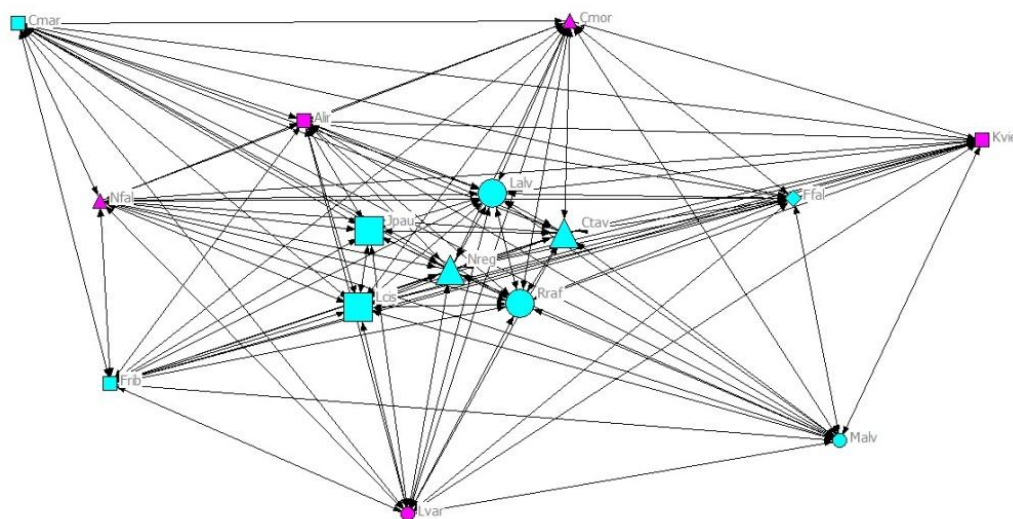


Figura 17 – Os atores mais próximos a Apau no DU. Nota - **Gênero (cor)**: azul (homem), rosa (mulher); **Tamanho maior (ao centro)**: entre os quinze, os seis mais próximos a Apau; **Faixa etária (figura geométrica)**: círculo (25 a 34 anos), quadrado (35 a 44 anos) e triângulo (45 a 60 anos). Fonte: pesquisa própria. Sociograma elaborado pelo autor.

A rede de Apau mostra que, entre as pessoas mais próximas a ela, todas são homens. A *faixa etária* é bem diversificada e não pareceu, diferente das redes de Nfal e Ctav, ser um fator decisivo de aproximação nesta rede. Em contrapartida, Apau conheceu todos os seis “nós”⁹¹ mais próximos a ela há mais de três anos, ou seja, o *tempo de relacionamento* com os “nós” foi importante para gerar maior proximidade, uma vez que em sua rede tinham outros seis “nós” que conhecia há menos de três anos, e nenhum destes foi citado como mais próximos a ela. Da sua rede, Apau considera ter seis *amigos* (todos do grupo dos mais próximos a ela) e nove *conhecidos/coleas*.

Também se buscou na análise das redes de Nfal, Ctav e Apau a frequência de contatos, presencial e virtual, com os atores presentes em suas redes primárias no DU. Fez-se a pergunta: “nos últimos 12 meses, qual a frequência de contatos presenciais com as pessoas de sua lista”? Depois, questionou-se acerca da frequência de contatos virtuais nesse mesmo período. Os resultados mostraram que as relações dessas pessoas são “alimentadas” principalmente pelos contatos virtuais, indicando que estes são predominantes, segundo os próprios atores, quando se discute as estratégias e ações do DU.

⁹¹ Diferentemente de Ctav e Nfal, Apau disse que não poderia citar apenas cinco pessoas mais próximas a ela no DU, fazendo questão de citar seis “nós”. Como não iria interferir nos resultados, abri essa exceção.

Nfal disse que se encontra, presencialmente, ao menos uma vez por mês com 14 “nós” de sua rede primária e nunca com um “nó” (que reside nos EUA). Em relação aos contatos virtuais, Nfal conversa em média diariamente com oito pessoas, semanalmente com seis e mensalmente com uma. Já Ctav se encontra presencialmente ao menos uma vez por mês, em média, com todos os integrantes de sua lista; virtualmente, Ctav entra em contato diariamente com 12 atores de sua rede primária e semanalmente com dois. Por último, Apau contou que tem encontros presenciais diários com uma pessoa, semanais (com oito), quinzenais (uma), mensais (quatro) e semestrais (uma). Tratando-se de encontros virtuais, Apau conversa com todas as 15 pessoas de sua lista diariamente.

Além dos resultados explorados até agora, também vale destacar outras duas informações recolhidas pelo questionário. A primeira é que praticamente todos os entrevistados conheceram os *internautas mais próximos a eles no DU* através do próprio grupo, refletindo que a internet nesse caso não serviu apenas como uma extensão de relações pré-existentes, mas também como formadora de novos laços de amizade. A segunda é que, no DU, os entrevistados em geral não se relacionam com pessoas da família ou colegas de infância, por exemplo. Eles interagem, sim, com pessoas dos mais diversos campos sociais, que, interessados numa causa em comum e visando à mudança social e ação coletiva, reúnem-se para discutir direitos urbanos no Grande Recife.

3.4 - Contribuições da Análise de Redes Sociais

As tabelas, gráficos, sociogramas e índices trabalhados neste capítulo deram quatro principais contribuições à pesquisa.

A primeira, conforme a tabela 3 (p. 75), é em relação ao perfil dos líderes do DU. Como vimos, todos os seis entrevistados são classe média ou média alta, possuem nível de instrução superior, consideram-se progressistas e vivem majoritariamente na Zona Norte do Recife. Nesse ponto, é válido refletir acerca de um conceito estudado na Teoria de Redes: a homofilia (CHRISTAKIS, 2009), tendência a qual os indivíduos têm de se relacionar com pessoas parecidas. Assim, no caso dos seis entrevistados desta etapa, a teoria mais a pesquisa empírica sugerem que o fato de, entre outras coisas, terem (I) níveis educacional e financeiro parecidos, (II) viverem numa mesma região do Recife e, principalmente, (III)

terem visões de mundo parecidas em relação ao direito à cidade foram fatores decisivos para criarem laços no DU. Essas condições, aliadas ao capital social/recursos de cada ator, podem ter ajudado o “nó” a ser alçado à condição de líder, o que será explorado melhor no capítulo seguinte.

Em segundo lugar, a ARS permitiu identificar os atores chaves do DU, tanto os entrevistados pré-selecionados como outros que apareceram ao longo da pesquisa, a exemplo de Lcis, Rraf e Nreg. Também se viu que Lcis, Apau, Nfal e Ctav são centrais, seja (I) na influência sobre as *decisões e ações coletivas do DU* ou (II) na influência sobre os *internautas e demais integrantes do grupo*. Esses quatro “nós” estão desde o início do DU e, com exceção de Nfal, são fundadores, o que indicou que tempo no grupo e nível de influência estão correlacionados.

Dentro da análise de atores chaves, também foram observados os diferentes *graus de influência* dos “nós”. Um exemplo foi Clac, que recebeu dois votos (40% dos possíveis) de seus pares como uma das pessoas *mais influentes nas decisões do DU*, mas não foi considerada pelos mesmos tão influente sobre os *integrantes não moderadores do grupo*, não recebendo nenhum voto nesse quesito. Ainda na questão influência sobre internautas, percebeu-se que os dois “nós” mais votados pelos seus pares, Lcis (100%) e Nfal (80%), são também os com maior número de aparições no mês acompanhando do DU (Lcis, 13 aparições, e Nfal, 11), que identificou quem posta, curte e comenta em 150 posts do DU. Isso mostrou que a participação no DU e o nível de influência sobre internautas também estão correlacionados.

Em terceiro lugar, no que se refere às medidas de centralidade, vimos que cada “nó” pode se destacar por uma característica distinta. Apau, por exemplo, foi o que possuiu maior *grau de intermediação* na figura 11 (p. 79), podendo funcionar mais vezes como ponte para se chegar a outros atores. Já Clac, o “nó” com *grau de autovetor* mais alto entre os seis entrevistados na figura 11, foi o que pode influenciar mais outros atores naquela rede devido a sua posição estratégica.

Em quarto lugar, ao analisar as redes primárias de Nfal, Ctav e Apau, viu-se que atributos como *faixa etária* e *tempo de relacionamento* podem ter sido importantes para aproximá-los a outros atores do DU. Por fim, tendo em vista que transformar uma relação em gráficos muitas vezes não é suficiente para uma análise mais profunda em redes

(HOLLSTEIN, 2011), uma vez que as ferramentas disponíveis atuais carecem de melhorias (ALEJANDRO; NORMAN, 2005), no próximo capítulo serão analisadas as entrevistas com dez membros do DU. Além de acrescentar novas informações, elas buscaram compreender melhor os dados recolhidos da ARS.

4 - Direitos Urbanos e mobilização de pessoas

Este capítulo, dividido em três partes, explora as entrevistas semiestruturadas aplicadas com os dez membros do DU, realizadas entre setembro e novembro de 2015. A primeira e segunda parte (até a p. 117) exibem as entrevistas feitas com os seis moderadores/ex-moderadores do DU, enquanto a terceira parte (a partir da p. 117) a de quatro atores atuantes do grupo identificados a partir do acompanhamento mensal da página no *Facebook*.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro-guia (ver anexos B e C, páginas 138 e 141), que em sua elaboração levou em consideração que: a) para se compreender os líderes de um grupo devem-se ponderar fatores como os recursos do organizador, o tamanho da rede do organizador e os recursos dos membros da rede dele (MARWELL; OLIVER, 1989); e b) os líderes bem sucedidos devem assumir riscos, cultivar experiências de valores compartilhados, motivar outras pessoas e construir narrativas públicas (GANZ, 2008).

As entrevistas serão apresentadas de maneira corrida, com comentários pontuais ao longo delas. No fim de cada uma das três partes, a TD e os seus conceitos foram usadas como referencial analítico na busca por compreender melhor o discurso dos entrevistados.

4.1 – Lideranças e ação coletiva

As entrevistas com os moderadores/ex-moderadores foram divididas em duas etapas. A primeira contém o que significa o DU para os entrevistados, reflete acerca da existência de líderes no grupo e trata do papel da moderação em um grupo virtual. Na segunda etapa foram criadas categorias analíticas que buscaram responder, na medida do possível, a três objetivos específicos desta pesquisa⁹². Para isso, foram selecionados trechos centrais da fala de todos os entrevistados, chegando à tabela 7.

⁹² O quarto objetivo específico desta dissertação é tratado a partir da página 117.

Tabela 7 - Categorias criadas para responder a três objetivos específicos da pesquisa

Objetivos específicos da pesquisa	Categoria de análise a ser observada	Trechos centrais da fala dos entrevistados
1. Investigar a contribuição dos líderes do DU para o grupo e participantes	Trajetória	- História dos líderes (trajetória em outros movimentos sociais e evolução no DU) - Contribuição ao DU (formação de cada líder, recursos humanos disponíveis e atuação no grupo)
2. Identificar quais são os métodos utilizados pelos líderes do grupo para mobilizar participantes	Articulação	- A agenda política do DU (<i>chats</i> internos para a definição de pautas e ações) - Mecanismos de articulação do grupo (reuniões, articulação dos líderes para mobilizar pessoas e relação com outros coletivos)
3. Investigar o processo de construção da agenda política do grupo (identificar e definir quais as agendas)	Mobilização	- Mobilização de pessoas (o que motiva a mobilização?) - Conquistas do DU (vaga no Conselho da Cidade do Recife, não construção dos viadutos da Avenida Agamenon Magalhães, Ocupe Estelita etc.)

Tabela elaborada pelo autor.

Assim, criou-se um caminho para se entender o papel dos líderes na ação coletiva. Para responder a cada categoria analítica, os entrevistados construíram um discurso em torno de uma palavra-chave. Devido à entrevista ser semiestruturada, esses pontos foram construídos pelo pesquisador e entrevistado, com o primeiro tentando ser neutro nas questões abordadas (DEXTER, 1970).

Além disso, as interpretações das entrevistas levaram em consideração dois problemas: (I) as “racionalizações retrospectivas”, quando os entrevistados de movimentos sociais articulam frases que estão de acordo com as versões oficiais; e as (II) “representações hiperbólicas”, quando o passado e o presente são descritos de maneira demasiada otimista ou pessimista pelo entrevistado (HOWARD, 2005). Algumas questões que nortearam as entrevistas foram: qual a importância dos líderes do DU na mobilização de pessoas? Quais os mecanismos de articulação do DU? Como os internautas mais

atuantes veem o desempenho dos atores mais centrais?

4.1.2 – A estrutura do DU

Para se compreender o DU, talvez um bom início seja entender o seu funcionamento interno. O grupo foi explicado por vários entrevistados como tendo duas partes, que se complementam: o “núcleo duro” e o “grupão”. Segundo Lalv, o primeiro “é um grupo de trabalho baseado em dedicação e confiança, que trabalha com algumas informações sensíveis e às vezes sigilosas para não comprometer as ações”. Esse grupo é fluido e por inúmeros motivos não conta com algumas pessoas que estavam desde o início, como as que se afastaram por conta de emprego, esclareceu Lalv. Já o “grupão” é mais espontâneo e serve como um canal divulgador de notícias, acontecimentos e debates. O grupão é:

Lalv: Uma espécie de debate/construção mais aberto, mais público. É uma Ágora e é um espaço de aprendizado também, que foi lá que eu me incorporei a outros grupos menores, de trabalho. Então têm frentes de trabalho, frentes de atuação, que se formam de acordo com as demandas também. Então a força de mobilização, o papel mobilizador do DU tem essas duas faces também.

Lalv continuou explicando que a atuação do DU depende muito da sua composição momentânea, “coisa de rede”, e que características da liderança como o *perfil, com quem se relaciona e onde está* vão influenciar na mobilização de pessoas. Segundo Lalv, as pessoas que tomam decisões no DU mudam com o tempo: podem sair integrantes com conhecimentos jurídico ou arquitetônico e entrar outros com experiência em comunicação ou design, por exemplo, o que provoca mudanças na gestão da página no *Facebook* e na produção de texto. Tais alterações fazem com que os recursos humanos do DU sejam bem flutuantes, conforme narrou Merl.

Merl: Todo mundo tem a liberdade de estar e de não estar, de participar e de não participar. É, tem momentos que você tá mais tranquilo, ou, é, tá mais instigado, mais interessado em participar, aí vai lá e se doa completamente [...]. Por exemplo, tem um cara que é Rcan, a área dele de formação é arquitetura, especializado em patrimônio histórico. Apesar de eu ser arquiteto urbanista também e também abraçar várias causas de patrimônio histórico, o cara que é especialista nisso, que fez mestrado nisso é ele, né?

Merl: Então sempre que tem alguma coisa que exige um conteúdo um pouco maior sobre

patrimônio histórico, ele [Rcan] é sempre chamado, mas nem sempre ele está disponível, como nem sempre eu estou disponível. Às vezes a gente pensa numa ação, às vezes ela acontece, às vezes ela não acontece, porque não teve o recurso humano específico para realizar aquela ação determinada.

Segundo Merl, já se tentou algum tipo de organização para ter sempre alguém com quem contar no DU, mas isso nunca aconteceu. Além dos recursos humanos, a estrutura física do DU também é espontânea e voluntariosa.

Lalv: [Se] estão precisando de dinheiro para alguma coisa, quem tiver dinheiro e puder pagar na hora, paga, e fica por isso mesmo. Depois faz uma vaquinha. Teve uma vez que a gente precisava mandar uma correspondência para Brasília, negócio do tombamento do Estelita, alguém pagou e ficou por isso mesmo. [...] Recurso humano mesma coisa, quem tiver disponível, ajuda, quem não puder, ajuda como pode também.

Apau: A gente não tem estrutura [...]. Não tem dinheiro, a gente não tem lugar, não tem nada. E a gente não quer ter, a gente vai continuar assim.

Clac, seguindo a linha dos comentários acima, destacou que o DU nunca recebeu dinheiro, mas também precisou poucas vezes, como quando organizava os Ocupes. À época, “rodava um chapéu na hora e tudo se resolvia”, contou Clac. Assim, as falas dos entrevistados mostraram que o DU é um grupo que funciona através do trabalho voluntário (também movimentando recursos, inclusive dinheiro), que parece ser movido pelo compromisso/implicação de cada integrante com a causa em questão. Contudo, sendo voluntário, por vezes existem limites para que as ações ocorram, conforme narrou Merl ao relatar que algumas ações do DU não aconteceram devido à falta de “recurso humano específico” para realizá-las.

4.1.3 - Os líderes do DU

Nesta seção, prestou-se atenção nas opiniões dos entrevistados sobre as suas respectivas atuações e acerca do processo de mobilização do grupo. Vale ressaltar que nem sempre essas impressões correspondem à verdade (HOWARD, 2005), por isso que outros métodos foram utilizados nesta pesquisa, como o acompanhamento da página do DU, a aplicação de questionários e as entrevistas com internautas atuantes.

É importante lembrar que no entendimento deste trabalho “líder” é o organizador de um movimento social (ou os organizadores). Aos entrevistados, não se especificou nada em relação ao significado do que é ser um líder, pois a ideia era saber a opinião deles sem oferecer pré-noções.

A opinião dos entrevistados sobre a existência de líderes no DU ficou dividida. Alguns ressaltaram que em qualquer grupo social existem lideranças, compartilhando a ideia de que ter atores com forças desiguais é inerente a uma rede social (BARABÁSI, 2009). Outros afirmaram não acreditar na figura de líderes dentro do DU, alegando que a fluidez do movimento e a horizontalidade do grupo não daria espaço para a emergência de atores centrais permanentes - apenas provisórios.

Nesse sentido, as duas opiniões acima são válidas, e as vejo como complementares, não antagônicas, pois a depender da estrutura de uma rede ocorrerão distintas funções e formas de atuação entre os atores centrais, mas estes continuarão sempre existindo. Compartilho da opinião de que não é porque eles (os líderes) não se identificam como tais (seja por eles mesmos ou pela comunidade a qual pertencem) que não existem. Assim, os pesquisadores sociais devem ter certo cuidado ao tratar determinados movimentos populares contemporâneos como sendo sem lideranças, a exemplo de como alguns teóricos se referem ao *Occupy* e ao Indignados - o que ocorre muito devido ao discurso da horizontalidade de ambos e não de uma análise mais profunda.

Retomando ao DU, Lalv, questionado sobre se há líderes no grupo, respondeu:

Lalv: Sim, todo movimento social tem líderes. Todo grupo tem líderes. Todo agrupamento de pessoas tem uma liderança. Principalmente um movimento político. Sempre existem porta-vozes, pessoas que têm dedicação maior. [...] É conhecimento, facilidade de se comunicar, têm vários atributos que naturalmente colocam as pessoas em posição de destaque. É, e claro, essas pessoas sozinhas também não fazem, não fariam a diferença.

Apau acrescentou que embora não haja uma liderança formal, existe sim uma liderança informal no DU.

Apau: A gente exerce uma liderança informal, mas exerce. A gente não tem um cargo, a gente não tem [...]. Mas sem dúvida a gente exerce uma liderança política e moral dentro do grupo, não tenho a menor dúvida, e a gente já é reconhecido como lideranças do DU. Lcis,

eu, Lalv, onde a gente chega as pessoas sabem que a gente é do DU, e a gente se constitui como uma referência.

Apau: A gente não quer construir cargos, nem função definida, mas é claro que a horizontalidade absoluta é um tipo de mito, não existe. Porque você tem pessoas que se tornam referências, tem gente que acumula, tem gente que trabalha mais. E nessas ferramentas você passa a exercer um papel de liderança, que quebra a horizontalidade. Então isso eu acho que já existe, agora não é nada estruturado.

A existência de pessoas de referência se dá devido à forma como as discussões ocorrem no DU, de acordo com Ctav. Segundo ele, quando o DU inicia algum ato específico, naturalmente há uma diminuição do contingente de pessoas envolvidas na discussão para operacionalizar a ação. Assim, para Ctav, o mapeamento da discussão até é feito de forma pública, no “grupão”, mas as ações e discussões pontuais não podem “ficar perdidas” ali, e questões estratégicas, a exemplo de ações jurídicas, têm de ser discutidas em grupos menores. Nesses ambientes, o DU se apoia em integrantes com maior conhecimento técnico em determinados assuntos e na disponibilidade dos mesmos de estarem presentes quando é preciso, completou Ctav. Assim, a fala de Ctav indica que as discussões no DU e os seus desdobramentos, principalmente através das decisões em grupos menores, ajudam a que o poder seja assimetricamente distribuído no DU.

Entre os seis moderadores e ex-moderadores entrevistados, dois consideraram que o DU não possui líderes: Clac e Merl. A primeira disse que o DU é uma grande praça pública, sem liderança, eleição, CNPJ, telefone e endereço - portanto, sem líderes. Já para Merl a ideia de líder é complexa, sendo dois fatores fundamentais nesse processo, o tipo e a intensidade da participação. Segundo Merl, a exposição em determinados momentos define bastante, ao exterior, quem é um líder e quem não é do DU; nessa perspectiva, as pessoas que trabalham nos bastidores, por mais que se dediquem, jamais serão vistas como líderes, completou.

Merl: Eu acho que a associação da imagem de líder, ou de líderes, no caso do Direitos Urbanos, tá muito ligada à exposição, à participação em momentos de grande repercussão, e de ter alguma repercussão midiática [...]. Mas quem disse que o líder tá na frente das câmeras, tá sentado, tá ocupando uma cadeira? [...]. Então eu acho que [o DU] não tem líder. Eu acho que da mesma forma que os recursos humanos são instáveis, essas pessoas que dão mais a cara também são mais instáveis.

A questão da instabilidade/alternância das lideranças no DU foi tratada em Oliveira (2013), ao mostrar que as lideranças do DU variam de acordo com o momento político do Recife e com o que se discute no grupo. Talvez essa instabilidade dos organizadores seja uma grande diferença desses novos movimentos sociais que pregam pela horizontalidade e a não existência de lideranças formais. Afinal, embora também exista o processo de revezamento de atores centrais em movimentos com lideranças formais (sendo aparentemente bem menor), nesses movimentos com lideranças informais a alternância depende muito do momento político vivido e da disponibilidade do ator em agir.

Ainda nessa questão, penso nos movimentos sociais mais tradicionais, a exemplo do MTST, onde há um coordenador nacional definido e figura conhecida, Guilherme Boulos⁹³. No MTST, é Boulos quem dá as entrevistas acerca das demandas sociopolíticas do movimento e quem o representa quando vai ao Congresso Nacional ou se reúne com Dilma, por exemplo. Logo, mesmo podendo perder ou ganhar força ao longo do tempo, Boulos é o líder que representa os seus membros. No caso do DU, devido às lideranças serem informais, as falas dos entrevistados deram a entender que a dinâmica do grupo permite que as pessoas mais atuantes se afastem quando queiram, e, quando isso acontece, outras podem assumir o posto, dando esse caráter aparentemente mais flexível à rede.

4.1.4 - O papel da moderação

O moderador no *Facebook* tem algumas funções e possibilidades de atuação. A tabela 8 mostra os cinco cargos possíveis para uma página de um grupo no *Facebook* (na horizontal) e o que é permitido fazer (na vertical) nesses ambientes.

⁹³ Perfil de Guilherme Boulos disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,perfil-guilherme-boulos-coordenador-nacional-do-mtst,1512793>>. Acesso em 21.01.2016.

Tabela 8 – Os cargos no Facebook para as pessoas que gerem páginas

	Administrador	Editor	Moderador	Anunciante	Analista
Gerir cargos e definições de Páginas	✓				
Editar a Página e adicionar aplicações	✓	✓			
Criar e eliminar publicações em nome da Página	✓	✓			
Enviar mensagens como a Página	✓	✓	✓		
Eliminar e responder a comentários e publicações na Página	✓	✓	✓		
Eliminar e banir pessoas da Página	✓	✓	✓		
Criar anúncios	✓	✓	✓	✓	
Ver estatísticas	✓	✓	✓	✓	✓
Ver quem publicou como a Página	✓	✓	✓	✓	✓

Fonte: *Facebook*⁹⁴.

Para ser moderador⁹⁵, o membro de um grupo no *Facebook* apenas precisa ser previamente adicionado como moderador por algum administrador e, a partir daí, ao acessar a sua conta no *Facebook* já pode exercer as funções as quais a moderação permite.

Aprovar ou rejeitar novos membros em um grupo é uma das principais atribuições da moderação. No DU, algumas vezes existem listas de espera com até mil pessoas requisitando a entrada, segundo Clac. De acordo com ela, como no Brasil espaços virtuais em geral passaram a ser um muro de lamentações, no DU não é diferente, e a moderação tem sempre de bater na tecla da pertinência temática, ou seja, de que sejam postados assuntos relacionados ao direito à cidade, mesmo quando se trata de temas como educação ou cultura, por exemplo.

⁹⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/323502271070625/>>. Acesso em 19.01.2015.

⁹⁵ Lembrando que alguns dos entrevistados também eram administradores do DU. Entretanto, esta pesquisa entendeu que a partir de moderador já se exercia uma influência maior sobre o grupo, e daí a escolha metodológica por contemplar membros que fossem a partir de “moderador” do DU.

Clac: Aí lá vem a parte de administrador da rede. O grupo é muito visado, é muito atacado, então a gente não coloca *fake* [perfil falso]. Então você tem de postar, aparecer com sua cara e nome. A gente não aceita perfis falsos, então tem de ter aquela triagem. Tem aqueles perfis de venda, então a gente tem de fazer essa limpeza.

Sobre o que seriam assuntos relacionados ao direito à cidade, Clac respondeu:

Clac: Seriam questões de legislação urbanística, mobilidade, meio ambiente, desenvolvimento urbano. Não é, por exemplo, qualquer temática política. Por exemplo: uma coisa de corrupção em Brasília, não é [...]. Não precisa ser local, mas tem de ter coisa a ver, porque se não o grupo se perde, vira um grupo de discussão política genérica. Porque aquele grupo não é só uma questão de debate, é um grupo de articulação, e é isso que [algumas] pessoas não entendem.

De acordo com Clac, as principais funções do moderador no DU são: aprovar internautas que querem entrar no grupo, auxiliar em algumas postagens (por exemplo, pedindo para publicarem não só o link de uma notícia, mas também a discussão), apagar propaganda e postagens impertinentes ao debate, tentar manter a discussão dentro da pertinência temática do DU e, em último caso, expulsar/excluir pessoas que xingam outras ou atrapalham a discussão. Clac explicou que sempre antes de excluir alguém faz um contato prévio para esclarecer qual o objetivo do grupo.

Clac: A gente tá aqui para articular. É um grupo não só de discussão, é um grupo de articulação, vai para a rua para defender ações concretas, para defender a cidade, e as pessoas não entendem isso. Então não entendem que, quando pessoas são convidadas a se retirarem do grupo ou excluídas [...], aquele comportamento ali, que tá causando problema enorme, tá desarticulando. Porque, às vezes, postagens importantíssimas tão indo lá para o fim. E aquilo ali ficando lá em cima, então prejudica a questão da articulação.

Os momentos de protestos, de ocupação e de eleições são os mais agitados do DU e é quando se exige mais da moderação, equipe que geralmente se mantém em oito membros, segundo os entrevistados.

4.1.5 - *Análise da primeira parte*

Até aqui, as entrevistas prepararam o terreno para se estudar as lideranças e a mobilização de pessoas no DU. Mostrou-se (I) como os entrevistados veem a estrutura do DU, (II) se acreditam na existência de lideranças no grupo e (III) qual o papel da moderação. Essas respostas deram algumas contribuições à etapa seguinte da pesquisa, que cria categorias de análise para responder a três objetivos específicos (ver tabela 7, p. 92).

Através do discurso dos entrevistados, foram realizadas algumas inferências. No primeiro ponto, em relação à estrutura do DU, os entrevistados relataram que ela é precária e funciona de maneira espontânea e voluntariosa. Um comentário que chamou a atenção foi o de Lalv, ao explicar que as duas frentes de atuação do DU, o “grupão” e o “núcleo duro”, formam-se a partir de suas “demandas”, o que já havia sido visto no capítulo III, quando Laclau e Mouffe (1987) mencionam que um grupo deve ser entendido pelas suas demandas sociopolíticas.

No segundo ponto, acerca da existência de lideranças, a opinião dos entrevistados ficou dividida. Três disseram que “há líderes no DU” (Apau, Nfau e Lalv), dois que “não existem” (Merl e Clac) e um (Ctav) apenas reconheceu que a “horizontalidade absoluta” é utópica. Percebeu-se, no entanto, que a palavra “líder”, talvez pelo que traga consigo no seu extradiscursivo, por vezes era evitada, a exemplo de quando Ctav usou termos como “pessoas de referência”.

Acerca dos ingredientes extradiscursivos presentes na palavra liderança, talvez valha a pena pensar em outro movimento social brasileiro recente, o Movimento Passe Livre (MPL), defensor da adoção da tarifa zero para o transporte coletivo e responsável por vários atos contra o aumento de passagem em São Paulo. O MPL tem algumas semelhanças principiológicas com o DU, como se verá adiante, e também se articula principalmente pelo *Facebook*. Em seu site, o MPL afirma ser “horizontal, autônomo, independente e apartidário” e, em sua “carta de princípios”, trata o tema horizontalidade/liderança da seguinte maneira:

Todas as pessoas envolvidas no MPL devem possuir o mesmo poder de decisão, o mesmo direito à voz e à liderança nata. Pode-se dizer que um movimento horizontal é um movimento onde todos e todas são líderes, ou onde esses líderes

não existem. Desta forma, todos e todas têm os mesmos direitos e deveres, não há cargos instituídos, todos e todas devem ter o acesso a todas as informações. As responsabilidades por tarefas específicas devem ser rotatórias, para que os membros do grupo possam aprender diversas funções⁹⁶.

Assim, no que se refere ao tema horizontalidade, vê-se que a estrutura das organizações e movimentos tradicionais, hierarquizadas e com lideranças, significa para o MPL algo não democrático, que não permitiria a “todos e a todas” o acesso a “informações” e o “direito à voz”. Ideias parecidas a essas foram identificadas por traz do discurso de três dos moderadores/ex-moderadores do DU.

Clac, por exemplo, disse que o DU é uma grande “praça pública”, sem lideranças, dando a entender que todos os membros têm o mesmo direito à voz no grupo. Merl contou que no DU há uma fluidez das pessoas mais atuantes e que isso faz com que não haja líderes definidos, ou seja, essa rotatividade das responsabilidades (também tratada pelo MPL) tornaria o DU horizontal. Por último, há o exemplo de Ctav, que mesmo reconhecendo a existência de “pessoas de referência” no DU, não conseguiu citar os membros mais influentes nas decisões e ações coletivas do grupo, afirmando que as “pessoas de referência” têm, igualmente, o mesmo poder de deliberação sobre o DU. Esse posicionamento lembra o do MPL, quando este afirma que todas as pessoas envolvidas no grupo devem ter “o mesmo poder de decisão”.

Ainda no tema horizontalidade, vale a reflexão de Mouffe (1993) e de sua proposta de fazer uma interpretação anti-essencialista da realidade, refletindo o porquê de alguns movimentos contemporâneos afirmarem não ter líderes. No caso do DU, os motivos são compreensíveis e ficaram claros ao longo desta pesquisa: é um grupo virtual que quer mostrar horizontalidade. A exemplo de outros movimentos em rede contemporâneos, o DU possui preocupação em fazer uma política de maneira diferente, igualitária, com direito de participação igual a todos os integrantes, permitindo assim que qualquer membro lance sugestões. Mas, como pesquisador, pergunto-me: será que um movimento ganha por se dizer institucionalmente não ter lideranças? Desse modo, a crítica anti-essencialista sugerida por Mouffe (1993) bem que poderia ser aplicada à ideia de líder de movimentos como o *Occupy*, Indignados ou até mesmo o próprio DU, que em sua descrição no

⁹⁶ Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>>. Acesso em 27.01.2016.

Facebook se diz horizontal, sem tocar na questão dos líderes.

Portanto, uma abordagem anti-essencialista, desconstruindo o termo “liderança”, e, assim, resultando na declaração institucional da existência desta (ou destas) em um grupo, talvez não impedisse a construção de novas formas de unidade e de ação comum, através da criação de novos *pontos nodais* em torno da categoria líder, ressignificando-a como algo não negativo. A proposta é parecida ao que Mouffe (2003) sugeriu à categoria feminismo. Isso seria interessante, pois, como bem mostram as descobertas atuais, em redes sociais complexas (BARABÁSI, 2009) sempre haverá a distribuição desigual de forças, com atores centrais e periféricos. A questão de os movimentos contemporâneos assumirem ter líderes (ou não) é longa e não pretende ser respondida aqui – apenas vale como reflexão.

No terceiro ponto abordado até agora nas entrevistas, relativo às funções da moderação, Clac destacou que a moderação tem como papel envolver o grupo na principal pauta do DU, o direito à cidade, o qual explicou o que pode ser (questões de legislação urbanística, mobilidade, meio ambiente, desenvolvimento urbano) e o que não é (algum caso de corrupção em Brasília). Ao definir isso, Clac apontou, talvez, a principal função da moderação: buscar unir diferentes atores sociais em torno de um discurso único do tema direito à cidade.

4.2 – As categorias analíticas

A partir de agora se iniciam as análises das categorias criadas para se tentar responder a três objetivos específicos desta pesquisa. São elas: trajetória, articulação e mobilização.

4.2.1 – Trajetória

Primeiro contato com o DU e caminhos percorridos

Lalv entrou no DU por indicação do próprio *Facebook*.

Lalv: Fazia um ano que eu tinha voltado de viagem da Espanha, tinha passado três meses na Espanha. E talvez tenha um pouco a ver, porque foi na época das mobilizações lá, do 15M. Tava em Madrid e eu frequentava lá e acampava na Porta do Sol [um dos locais mais turístico da capital espanhola]. E, bem, foi muito marcante e tal. E aí quando eu voltei para o Recife, eu noto que as pessoas quando vão para fora do País, vão para outras cidades, elas estranham um pouco a própria cidade, né? Rola um estranhamento, aí porque as pessoas se acostumam

pouco com a realidade local.

Lalv: E aí eu acho que o *Facebook* indicou. Tem uma barrinha do lado que fazia sugestões, né? O formato daquela época era diferente, isso foi no segundo semestre de 2012. Então eu acho que eu tinha ouvido falar do Estelita, vagamente, assim. Eu não conhecia ninguém do Direitos Urbanos. Então foi indicação do *Facebook*, pelo que eu me lembro. Aí eu entrei, comecei a participar, ler, a aprender, que para mim aquilo ali foi um espaço de aprendizado, naquela época tinha acho que cinco mil membros, no máximo.

Na transcrição acima é intrigante a maneira como Lalv ingressou no *Facebook*: por indicação da própria rede americana, que através de algoritmos faz uma seleção de conteúdos (com sugestão de amizades, grupos, produtos para comprar etc.) para aparecer no *feed notícias* dos usuários. Não se sabe ainda muito bem como esses algoritmos são elaborados e funcionam, mas tudo indica que levam em consideração ações no *Facebook*, como cliques em fotos/links e acesso a páginas e pessoas, verificando aspectos como curtidas, comentários e compartilhamentos⁹⁷.

Outros entrevistados entraram no DU através de seus contatos, caso de Nfal, que ingressou no DU a convite de uma amiga logo após criar uma conta no *Facebook*. À época, o grupo tinha cerca de 600 pessoas, com aproximadamente cem mais participativas, lembrou Nfal. Aos poucos, Nfal disse que foi ficando conhecida no DU e, um dia, um dos integrantes mais ativos puxou conversa com ela por *inbox* (*chat* para conversas pessoais do *Facebook*) após acompanhar o que vinha postando. Depois de um tempo de maior contato entre essas pessoas mais centrais, Nfal, cujo seu histórico em movimentos sociais/grupos políticos se resumia a alguns trabalhos feitos na época da graduação e à filiação de outrora ao PT, foi convidada para ser moderadora.

A designer Clac começou a participar do DU a mais de três mil quilômetros de distância de onde o grupo nasceu. Recifense, Clac passou num concurso em Porto Alegre e morava lá quando ingressou no DU, após ter interesse em discussões acerca da demolição do prédio Caiçara e da Lei Marília Arraes.

Clac: Eu acompanhava de lá [Porto Alegre], a 3.550 quilômetros de distância. E inclusive

⁹⁷ Outras informações sobre os algoritmos do *Facebook*, que mudam constantemente, disponíveis em: <<http://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/pesquisadora-americana-revela-os-segredos-por-tras-dos-algoritmos-do-facebook-13673692#ixzz3yTumfdeM>>. Acesso em 27.01.2016.

outras pessoas acompanhavam de fora, que eu conheci aqui no Recife, gente que tava no Rio, tava fora. E eu comecei a acompanhar nesse grupo de Marília Arraes, discutir a cidade, espaço público, proibições e aquela coisa toda... Para você ver como é meio louco esse negócio da presença.

Após voltar ao Recife, Clac participou de protestos organizados pelo DU, como o Ocupe Agamenon, Ocupe Arraial e os Ocupe Estelita. Dentro do DU, aproximou-se de um grupo menor, mais ligado à tecnologia, o dos ‘nerds’, como chamou. Nesse ponto da fala de Clac, chama a atenção um *cluster* (grupo social reduzido) da rede dela, o grupo dos “nerds”. Ao longo das próximas transcrições se verá que outros membros do DU possuem grupos específicos aos quais interagem com maior frequência e que, no fim, o DU é uma rede social constituída por vários *clusters* (BATISTA, 2015). Após um tempo em contato com os membros do DU mais ligados à tecnologia, Clac, que afirmou não gostar muito de aparecer, preferindo trabalhar nos bastidores, foi convidada para ser moderadora do grupo.

Merl entrou no DU em 2012 depois de achar a descrição interessante. Poucos dias após ingressar, devido a uma volta do trabalho cansativa e com direito a bastante trânsito, escreveu um desabafo no seu perfil pessoal do *Facebook* e o compartilhou no DU. Era o início de uma interação maior com os membros. Segundo Merl, uma situação em especial foi responsável por fazê-lo conhecer o “núcleo duro” do DU. A hoje amiga Nfal havia compartilhado no DU uma nota de jornal a qual relatava que duas construtoras disputavam o plano diretor da Fábrica da Torre, patrimônio histórico do Recife cobiçado por empreiteiros.

Arquiteto, Merl tinha algum conhecimento do local, pois havia estudado a Fábrica em trabalhos na faculdade, por interesse próprio. Assim, junto a outros interessados do DU no tema, formou um grupo com cerca de 20 pessoas para discutir o emblemático futuro da Fábrica da Torre.

Merl: Aí a minha participação foi muito nessa questão de projeto. Pela minha experiência de arquitetura/urbanismo, por eu já ter pensando arquitetonicamente e urbanisticamente aquela área. Aí a gente tentou estudar isso [...]. Foi quando se pensou em fazer um pedido de tombamento. Já na consciência de que tombamento não é o congelamento total, mas para que, para qualquer projeto que se pense para ali, se considerem algumas questões. E aí a

gente construiu um pedido de tombamento, optamos por fazer esse pedido à Fundarpe⁹⁸. Tombamento a um nível estadual. O pedido foi aceito, foi aberto um processo, ou seja, já foi uma vitória.

Depois desse caso, o sentimento de confiança entre as pessoas que participaram daquele grupo reduzido/*cluster* cresceu, segundo Merl, e foi a partir desse momento que ele conseguiu espaço no “núcleo duro” do DU.

Os únicos membros fundadores do DU entrevistados foram Apau e Ctav. Apau participa desde os 17 anos de movimentos sociais, entre eles o movimento estudantil e o feminista. Além disso, foi uma das fundadoras do PT em Pernambuco.

Apau: Eu participei do processo de formação do DU. Então antes de o DU ser DU, eu fazia parte dos grupos iniciais, que era o grupo que foi formado contra o projeto de Lei Marília Arraes, que proibia o consumo de bebida alcoólica na rua, e participava do grupo Salve o Caiçara. Aí foram nesses grupos que se começou a discutir o Projeto Novo Recife. É, eu fiz parte do pequeno grupo de pessoas que foi articular a pequena audiência pública do Novo Recife, foi em janeiro de 2012.

Diferentemente de Apau, Ctav nunca tinha participado de nenhum movimento social. Interessou-se sempre por política e se define como “de esquerda”, embora ressalte nunca ter lido “nada de Marx”. Sobre como participou da fundação do DU, disse que já conhecia Apau e, junto a outras pessoas que teve contato nos grupos Salve o Caiçara e Marília Arraes, decidiram se juntar para pensar não apenas numa articulação contra o Projeto Novo Recife, mas a se organizar como um grupo, pois a luta seria grande.

Ctav: Então eu participei da fundação do DU. Eu fui um dos primeiros a visitar o MP [Ministério Público], até quando a gente já começou a discutir em rede. Mas foi sugestão de Apau que a gente visitasse o MP para tomar pé da situação [...]. Nos juntamos e fomos nos articulando. Articulando a primeira audiência pública que teve na Câmara dos Vereadores em 2012. E haja história.

Contribuição pessoal ao DU

⁹⁸ Criada em 1973, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) é o órgão executor da política cultural do Estado. Além do incentivo à cultura, a Fundação tem por objetivo a preservação dos monumentos históricos e artísticos de Pernambuco.

Os entrevistados disseram que geralmente contribuem com a sua especialidade (direito, comunicação, design, arquitetura etc.), mas que essa contribuição depende muito do tempo disponível. Ao longo das entrevistas, a intensidade da participação no DU foi identificada como importante para ganhar espaço no grupo, conforme já apontado no capítulo III. Não à toa, os membros do DU considerados com maior influência sobre os internautas pelos moderadores e ex-moderadores entrevistados são os que mais postam no grupo, o que pode acontecer, entre outros motivos, por terem maior conhecimento em áreas mais debatidas (como direito, arquitetura etc.). Segundo os entrevistados, cada membro do “núcleo duro” do DU tem algumas tarefas pré-definidas, que variam de acordo com as suas habilidades e redes de contatos.

Ctav continua atuando no grupo praticamente da mesma maneira de quando entrou: articulando pessoas e fazendo visitas ao Ministério Público. Mesmo sendo moderador desde o início, ele disse não estar mais agindo diariamente na moderação, o que fez assiduamente durante os seis primeiros meses de 2015. Em acontecimentos de maior relevância, no entanto, como quando houve a notícia de que o leilão do Cais José Estelita foi superfaturado, Ctav participou mais da moderação.

Nfal contou que é muito de provocar e gerar pautas: costuma ler os principais jornais da cidade e colocar no DU as notícias mais relevantes para causar debates. Clac, por sua vez, costuma promover discussões sobre tecnologia.

Clac: Com a minha rede eu tenho acesso a um tipo de informação, sobre tecnologia, *smart city* [...]. Então eu tenho acesso mais rápido e eu posto aquilo ali no grupo. Do mesmo jeito que outras pessoas de outros grupos de rede, de outros assuntos, podem captar aquilo ali e postar em outros grupos. Por isso que acho que aquilo ali fica tão rico. Vai muito do acesso pessoal aos temas.

Assim, Clac utiliza a sua rede de contatos com pessoas de tecnologia, entre elas profissionais do CIn (Centro de Informática da UFPE) e Cesar (Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife), para fazer pontes com o DU quando se trata do universo de cultura digital, inovação e tecnologia. Nesse ponto, vale refletir sobre a Teoria de Redes, quando esta diz que um ator que faz intermediações com outros indivíduos ou grupos é importante para o desenvolvimento/crescimento da rede, pois dá acesso a recursos que

talvez fossem inalcançáveis, o que foi visto nos capítulos I e III. Em sua fala, Clac deu a entender que é um “nó” importante para o “núcleo duro” ao ter acesso a pessoas com conhecimentos tecnológicos. Aqui também vale uma reflexão sobre o fenômeno “relé social”, que trata da mobilização de indivíduos para novas redes, formando assim “redes de redes”. O termo relé social foi utilizado no passado como instrumento analítico para explicar processos de mobilização e recrutamento de militantes de movimentos sociais, podendo ser usado para “desconstruir redes” e entender processos subjacentes a sua formação (FONTES, 2007).

Retomando ao DU, cada moderador/ex-moderador entrevistado, com uma formação distinta, ajuda da maneira como pode. Entre outras coisas, as entrevistas mostraram que Ctav contribui com a sua rede de contatos e indo ao MP; Apau com a sua boa relação com outros movimentos sociais; Nfal postando informações no DU e gerando pautas; Clac trazendo informações de tecnologia e fazendo pontes com o universo digital; Merl com os seus conhecimentos em arquitetura e urbanismo; e Lalv com a sua rede de contatos e experiência em ações junto ao MP.

Quanto à relação com outros participantes do DU, vários entrevistados disseram ter amigos no grupo, como vimos. Clac contou que tem amigos bem próximos no DU, os quais costuma encontrar para “tomar cerveja”. Apau acrescentou que as reuniões do DU são sempre “farras”, pois existem grandes amigos ali. Ctav concordou, mas explicou que já ocorreram divergências e algumas pessoas tiveram de sair do “núcleo duro”. Ao ser questionado sobre o que é preciso para estar no DU, Ctav explicou:

Ctav: Tem de ter identificação, né, respeito, olhar para você [...]. Não existe muito uma cobrança, assim, de dizer, ‘eita, você não tá comparecendo, eita, você é moderador’. Não, [...] quando cobra é uma coisa: ‘pô, velho, e tal, qual é, o que tá acontecendo?’. Mas também se não responder a gente vai tocando, porque somos uma família, assim, a gente vai tocando. E é, na verdade, num sei, muito simples. Quase como se fosse uma família que convive na mesma casa e precisa fazer a casa funcionar, e às vezes a família cresce.

4.2.2 – Articulação

Para promover a ação coletiva o DU precisa articular as pessoas em torno de uma causa em comum. Com empenho e atos bem dirigidos, a mobilização torna-se possível. Aqui se verá como os entrevistados enxergam esse processo.

A agenda política do DU

O DU tem uma temática central que é discutir o direito à cidade e questões de patrimônio histórico, o que tem muito haver com o seu surgimento. Acontece que o grupo foi se expandindo e passou a ser “um muro de lamentações”, como alguns membros relataram (Clac e Merl). Nesse processo, o papel dos líderes é exatamente o de extrair o máximo de interessante do que é postado no “grupão” e de planejar bem as ações.

Merl: A gente percebe que, se não moderar, o objetivo inicial do grupo meio que se perde. Vira um grupo qualquer com *spam*, propaganda, gente querendo vender produtos. Como tem lá, e a gente apaga essas coisas, sem nem avisar.

O processo de construção da agenda do DU passa por várias etapas. Segundo Clac, parte dessa agenda vem do “grupão” e vai se alimentando dentro da própria rede, com uma lógica, mas sem tanto controle.

Clac: É quase como se fosse um organismo vivo, ninguém tem muito controle daquilo ali. O que os moderadores têm é controle quanto ao nível de debate, agressão, xingamento, para ter um debate de qualidade. Mas o que define, o que vai ser pauta importante, são os próprios debates. A gente coloca ali, começa a ‘linkar’ as pessoas, fulano e fulano. [...] Daqui a pouco você tem uma grande mobilização surgindo, que você nunca sabe muito como começa. E do mesmo jeito [também] tem assunto que jogam lá e as pessoas não se interessam. Você tenta, curte e o debate não gera. Não gera o caso. E esse caso que não gerou às vezes volta depois, pipoca, porque não era muito o momento.

Segundo relatos dos entrevistados, várias das decisões que acontecem no grupo vêm, portanto, do “grupão”, que hoje em dia forma uma rede de monitoramento do Recife. Apau citou o exemplo do alagamento do Túnel da Abolição, quando Lalv, que mora perto, passou pelo local e avisou que estava alagado, sugerindo alguma ação. Na mesma hora, discutiu-se sobre o assunto num *chat* do “núcleo duro” do DU e se publicou no “grupão”. Depois algumas ações foram tomadas. Essa história do alagamento do Túnel da Abolição mostra um pouco a rapidez com a qual o DU pode agir, onde é possível, segundo os próprios entrevistados, organizar várias ações simultaneamente.

As ações práticas do DU, como se vai entrar na justiça ou não, são bem discutidas

de acordo com Nfal, agora as postagens muitas vezes não.

Nfal: A gente vai lá e posta. Inclusive tem postagem de moderador, dos participantes mais atuantes, que a gente chega e diz, ‘porra, isso é *off-topic*⁹⁹, tira isso, né?’. Mas até que não tem muita confusão não [...]. Tanto é que a maioria diz que se for *off-topic* pode tirar. Mas as ações, sim, a gente conversa muito.

Após um tempo, a agenda política do DU e as ações realizadas são discutidas no “núcleo duro” do grupo, uma espécie de balanço para se tratar o que vai seguir em frente e o que deve parar. Além disso, a própria noção do que é direito à cidade vai se ampliando, e novas pautas e demandas podem entrar no DU, como informou Merl, ao destacar que acredita que questões de gênero e de raça no Recife, “que a princípio não eram pautas do DU”, atualmente já poderiam ser. Mas essas mudanças podem demandar um pouco de tempo, uma vez que dependem da própria transformação dos movimentos sociais, espécies de alvos em movimento (CASTELLS, 2001).

Mecanismos de articulação do grupo

Como já observado, a plataforma do DU é aberta e qualquer internauta que está no grupo pode postar, com algumas questões rendendo mais do que outras.

Apau: Claro que a gente, o grupo de moderador, a gente observa o que tá acontecendo ali e a gente tem um olhar que meio que seleciona. A gente diz, ‘olha, apareceu um negócio importante, vamos verificar isso aqui’. Aí a gente observa, num sei quê, e aí a gente bota gás em determinada postagem. Às vezes a gente mesmo posta [...]. E a partir daí a gente vai criando uma dinâmica política em torno daquela questão.

Esse trecho da fala de Apau destaca que o grupo de moderador dá, sim, uma orientação às pautas do DU, entrando em confronto com o discurso de Clac da página anterior, o qual aborda que o surgimento das pautas acontece de maneira mais natural, sendo o DU uma espécie de “organismo vivo”, onde ninguém tem “muito controle”.

Segundo Apau, as pessoas que se mobilizam, em geral, são aquelas mais próximas

⁹⁹ Bastante usado na internet, *off-topic* é um termo em inglês que pode ser traduzido como “fora do assunto”. Nesse trecho, Nfal mostra que há uma filtragem/seleção de conteúdo realizada nas postagens dos participantes mais atuantes do DU.

ao problema. Assim, a moderação do DU tenta colaborar com coletivos e pessoas interessadas em assuntos relacionados à pauta do DU, para depois deixá-los seguirem sozinhos.

Na definição das estratégias e ações, as reuniões com as pessoas mais centrais do DU acontecem frequentemente.

Apau: A gente tem grupos fechados de moderação, de núcleo político, que aí a gente conversa todo dia. A gente tá permanentemente em diálogo. Tanto tem reunião para discutir uma atividade específica, como tem reunião de vez em quando para discutir nós mesmos, tá entendendo? Pensar coisas mais estratégicas.

Merl: Quando tem alguma coisa mais delicada, estratégica, tipo alguma ação judicial para tentar preservar uma casa que tá sendo ameaçada de demolição. Então, uma ação judicial dessa, acho que seria bem complicado discutir abertamente, até porque o grupo do DU não é secreto, né? Mesmo quem não é integrante consegue acompanhar, só não consegue comentar, se não me engano. Mas fica vendo a postagem e todos os comentários, né? Então têm algumas coisas de ações pontuais, mais de surpresa, que não podem ser discutidos ali abertamente.

Assim, os atores mais centrais do DU se reúnem em vários *chats* internos no processo articulatório. O que agrega mais membros tem cerca de 40 pessoas, mas Apau mencionou que a ideia é ter ainda mais gente, para aumentar o poder de atuação. De acordo com Nfal, não é preciso ser moderador ou está postando sempre para estar nesses *chats*. O importante, acrescentou, é juntar conhecimento da causa e vontade.

Dentro do DU também há vários outros coletivos e representantes de movimentos sociais, entre eles a Marcha das Vadias, Ameciclo, Leões do Norte, Casa Amarela Saudável e Sustentável, Coque Vivo¹⁰⁰ etc. O relacionamento com esses grupos melhorou, segundo Apau, após o DU ser visto por um tempo com certa desconfiança por ONGs tradicionais, PT, CUT e outros movimentos de esquerda. De acordo com Apau, o preconceito vinha por achar que o DU era só um movimento de classe média e virtual, mas a situação mudou ao serem vistos trabalhando e articulando ações com movimentos como o Fórum de Reforma

¹⁰⁰ Levantamento feito por Oliveira (2013) apontou que, além dos coletivos citados, estão no DU: Escambo Coletivo, Mídia Lunar, Pernambuco Sustentável, Produtor Culturalpe, DCE Unicape, Muda Direito, Coletivo Bagaceiro, DCP UFPE, Produção Tronco de Jurema, Via do Trabalho, Arricirco do Recife, CIC - Coletivo de Luta Comunitária, SOS Corpo, Coletivo Neolíticos, Eacape Cidadania Africana, Associação dos Geógrafos Brasileiros - Sessão Recife, Grupo Contestação, Associação Jardim Brasil II, Marcha da Maconha Olinda, Revocultura, Amigos do Mangue, Insula Ilha dos Vícios, Banda Cabugá, Bongar Xambá, Banda Palafita, Varanda de Ouro, Casulo Plural, Folhetim Bicicletada, Tatuí Crítica de Arte, Fórum da Música, Dacs UFPE e Dare UFPE.

Urbana, a Marcha das Vadias, a Frente de Luta pelo Transporte Público, entre outros.

Apau: Nos atos de 2013, a coordenação das manifestações de rua no começo não queria que a gente participasse [...]. [Diziam que o DU era] classe média virtual e não era politizado. Hoje em dia, não. Hoje em dia acho que a gente conquistou o respeito, conquistou o lugar.

4.2.3 - Mobilização

Quais são as condições para a mobilização? O que faz com que se mobilize? Nas teorias dos movimentos sociais e de redes, revisadas no capítulo I, são várias as correntes que tratam o assunto. Entre outros fatores, a mobilização depende da capacidade de mobilização de recursos, dos custos, do empenho dos atores envolvidos na ação e de um discurso sólido e convincente de um indivíduo ou grupo de pessoas. Isso sem contar nas condições políticas necessárias e no relacionamento com outros movimentos sociais, muitas vezes fatores também fundamentais para uma ação bem sucedida, conforme bem apontou a Teoria do Processo Político, vista no capítulo I. Esta seção aborda como os moderadores/ex-moderadores entrevistados acham que os internautas podem ser “fisgados” por um tema.

O que faz com que se mobilize?

Questionado sobre o tema mobilização, Merl disse que nunca refletiu sobre o assunto fora do DU. Dentro do grupo, contudo, observa que o ponto de partida é dado quando os membros começam a acreditar que a realidade (uma cidade melhor, por exemplo) pode se concretizar através da união de atores, ou seja, a compreensão de que um coletivo de indivíduos engajados tem força para promover mudanças sociais. Nesse processo, a ida à rua tem uma grande pressão sobre o poder público, completou Merl, ressaltando que muito do que acontece presencialmente também pode ser observado virtualmente, onde tudo se inicia. Assim, a fala de Merl leva a compreensão de que o nível de interesse pelas pautas por parte dos integrantes de um grupo virtual e o engajamento destes numa ação faz parte do processo de mobilização.

Clac afirmou que o DU tem algumas bandeiras que sempre provocaram muita discussão, a exemplo de mobilidade e preservação do patrimônio histórico. Para ela, o papel das pessoas centrais do DU pesa no fator mobilização.

Clac: Acho que [também] tem a ver com as pessoas que são mais atuantes. Quando elas postam um tema, a carinha, o nome [no *Facebook*], eu também acho que chama mais atenção. Quando já vem o *post*, as pessoas reconhecem como é importante.

Nfal apontou dois novos ingredientes que podem levar à mobilização no DU: (I) que o Recife chegou a um nível de “cidade ruim”, e que, com as pessoas viajando mais, elas (II) começaram a comparar regiões do globo.

Nfal: [Há] uma classe que passou a viajar mundo afora, e você começa a vivenciar outras cidades. E cidades que as pessoas dizem que não podem se comparar com Recife. Claro que podem.

Ctav, por sua vez, frisou as diferenças do DU em relação às formas de atuação dos movimentos tradicionais. Segundo ele, o DU é um pouco diferente por manter uma plataforma de debate e ao mesmo tempo de distribuição de conteúdo, o que não se tem “normalmente associado a movimentos sociais”, onde as pessoas possuem as pautas e depois as “disseminam em campanhas”. Já segundo Apau, devido à dinâmica própria, o DU se torna capaz de mobilizar consciências.

Apau: Acho que a gente [o DU] é capaz de mobilizar consciências. A gente produz consciência, e a gente produz mudança de comportamento, mudança de atitude [...]. No bairro, na comunidade, na rua. O tipo de mobilização tradicional, operada pelos partidos, pelos movimentos tradicionais, ela tem uma capacidade muito baixa de fazer isso.

Por fim, em relação a ações específicas de um indivíduo e ao que é necessário para que se mobilize (tema desta seção), vale a pena fazer um paralelo com a teoria dos enxames (*swarms*), abordagem a qual o comportamento humano funcionaria de maneira parecida ao de outros animais, conforme explica Watts (2009) ao afirmar que, tenhamos consciência ou não, quase sempre nossas decisões são condicionados pelas ações de nossos pares e por nossas circunstâncias e histórias de vida. Nesse sentido, segundo Watts, não raro repetimos atitudes de outros indivíduos em situações e escolhas rotineiras - o que pode ocasionar, em protestos, o efeito manada.

Conquistas do DU

Ao longo de sua trajetória, o DU teve algumas conquistas. Entre as “vitórias”, Lalv citou a (I) não construção de quatro viadutos da Avenida Agamenon Magalhães (a via de maior tráfego do Recife); a (II) regulamentação de uma zona de patrimônio histórico na Avenida Boa Vista, área central do Recife; (III) a não desapropriação de várias famílias para a construção de um trecho de um terminal de ônibus (o Terminal do Coque); e (IV) a não construção de alguns prédios cujos projetos ou obras seguem parados até hoje.

Lalv: São vitórias, né, e o salto qualitativo na discussão. Eu acho que vários temas adquiriram proeminência. Claro que há um espírito do tempo também nisso. A questão urbana atingiu proeminência em todo canto, o número de publicações sobre o assunto, né?

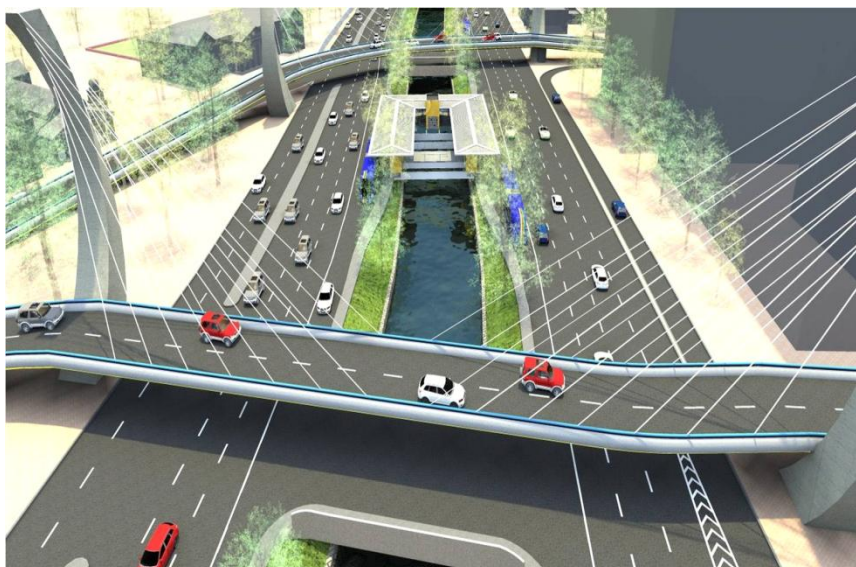


Figura 18 – Projeção de dois dos quatro viadutos que seriam erguidos sobre a Avenida Agamenon Magalhães. O Governo do Estado recuou na proposta após repercussão bastante negativa da obra. O DU atuou fortemente contra o projeto. Fonte: JConline¹⁰¹.

Além das vitórias práticas, como a não construção dos viadutos da Avenida Agamenon Magalhães, que eram dados como certos, Ctav destacou as vitórias de mobilização, que segundo ele são vitórias de “batalha”, mas não de “guerra”, porque dependem muito do rito do poder público.

¹⁰¹ Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2013/04/04/governo-recua-e-nao-vai-mais-construir-viadutos-na-agamenon-magalhaes-78660.php>. Acesso em 20.01.2016.

Ctav: Então o caso [Projeto] Novo Recife se estende... Quer dizer, se fosse somente pessoas contra um empreendimento privado, como no caso do Caiçara, que também dependesse de um órgão público, mas seria mais fácil. Mas como a Prefeitura é parte do processo, apesar de ela não se enxergar assim, mas ela faz parte do processo, estamos lutando contra ela também e o rito que ela aplica às coisas com o poder que tem. Então, assim, vitórias mesmo [nesse caso] são mais difíceis.

Além disso, Ctav e Apau comemoraram a recente vaga que o DU adquiriu no Conselho da Cidade do Recife¹⁰², negociada com a Prefeitura e outros movimentos populares, uma espécie de reconhecimento do DU no município. Composto por 45 membros, entre agentes do setor público e privado, o Conselho é um colegiado que debate e acompanha as políticas públicas relacionadas ao espaço urbano, tendo como foco a melhoria da qualidade de vida.

Os entrevistados também discorreram a respeito dos pontos fortes e fracos do DU. Lalv destacou, como pontos fortes, o (I) acúmulo de experiência do grupo aliado a um bom conhecimento técnico do “núcleo duro” e o (II) potencial politizador do “grupão”. Como pontos fracos, apontou a falta de disponibilidade de alguns membros mais atuantes, destacando que isso às vezes atrapalha no tempo de resposta a algumas questões, e a desorganização do “grupão”. Para Nfal o ponto forte é a quantidade de pessoas dispostas a abdicar do seu tempo, “perdendo dinheiro e noites de sono”, enquanto o ponto fraco é que o DU não possui sistematização de trabalho e ideias, o que por vezes resulta em muito trabalho nas costas de poucas pessoas.

Ctav apontou para o “respeito, confiança e autonomia” entre os internautas mais atuantes do DU como ponto forte. Ponto fraco, segundo ele, é a comunicação do grupo, que precisaria de uma equipe específica com dedicação diária. Clac argumentou que o ponto forte é o nível de produção e a capacidade de vigilância do grupo, enquanto o fraco é a “insegurança digital”, uma vez que o DU é composto por cidadãos comuns que não têm conhecimento de proteção virtual. Segundo Clac, basta pegar a senha do *Facebook* de qualquer membro para acessar o grupo todo e, se essa senha for de um moderador, o cenário seria pior. Merl acha que os pontos fracos e fortes estão imbricados. O fato de o DU

¹⁰² Página do Conselho da cidade do Recife, disponível em: <<http://conselhodacidade.recife.pe.gov.br/>>. Acesso em 17.01.2016.

não ter tanta organização termina por fazer não funcionar algumas situações; entretanto, decorrente dessa “desorganização”, a liberdade de se voluntariar é uma grande vantagem, uma vez que as pessoas atuam no DU por prazer, complementou Merl. Por fim, Apau destacou como ponto forte a capacidade de produzir reflexão do grupo e como ponto fraco a sua fluidez.

4.2.4 – *Análise da segunda parte*

A segunda parte das entrevistas com os seis moderadores/ex-moderadores do DU focou numa questão principal: a mobilização. Para isso, buscou entender a história de vida do entrevistado e o processo articulatório.

Para que a mobilização ocorra, é preciso de pautas e de um discurso. Na TD, o discurso destaca-se pelo princípio do descentramento do sujeito, uma vez que as complexidades das relações contemporâneas colocaram em xeque um centro fixo, constituidor de identidades. Nesse sentido, o discurso - composto por estruturas descentradas, com sentidos constantemente sendo negociados e construídos (MUTZENBERG, 2003) - é o terreno primário onde a realidade se constitui, tomando o pressuposto de que a linguagem é constituidora da realidade.

Mas para o discurso ser formado, como vimos no capítulo II, é preciso a *prática articulatória*, processo no qual os *elementos* (formações discursivas ainda não articuladas e dispersas) buscam se tornar *momentos* provisórios de sentido, ou seja, articulam-se em torno de *pontos nodais* através de *cadeias de equivalência* até chegar ao discurso (as demandas propriamente ditas).

Pensando no movimento Ocupe Estelita (antes organizado pelo DU e hoje funcionando sozinho), podemos imaginar um grupo com indivíduos (o DU, à época) com inúmeras ideias desarticuladas e reivindicações (tais como as citadas nesta pesquisa: qualidade de vida ruim, ruas esburacadas, derrubada de árvores, gentrificação da cidade, patrimônio histórico etc.). Aí surge o Projeto Novo Recife, como exterior e ponto antagônico, o qual precisa de um discurso contra ele. É quando, através de *cadeias de equivalências*, os *elementos* se transformam em *momentos* provisórios discursivos, em torno do *ponto nodal* direito à cidade. Daí ocorre a lógica da hegemonia, que representa a prática de construção de alianças e coalizões políticas entre diferentes atores sociais e

demandas em um discurso comum, para construir um sujeito político mais universal. Além do DU, essa lógica é observada na atuação de outros movimentos políticos brasileiros de esquerda (COSTA; PRADO, 2011).

Fazendo um paralelo com a Razão Populista (LACLAU, 2005), o DU funciona na internet como um aglomerado de diferentes demandas, de distintos campos da sociedade. Nele, há uma busca pela convergência para dar nascimento ao sujeito político (“o povo”), que visa colocar propostas mais democráticas à cidade, em sua concepção. Esse processo de agrupar as demandas num mesmo campo acontece ao definir o inimigo comum do outro lado da fronteira, no caso do DU, as empreiteiras e o poder público.

Por fim, esta etapa da pesquisa se propôs a ajudar a responder algumas das questões levantadas por três objetivos específicos. Em relação ao primeiro, “investigar a contribuição dos líderes do DU para o grupo e participantes”, viu-se que cada entrevistado contribui da maneira como pode, o que depende de fatores como a formação profissional e o tempo dedicado ao DU. Entre outras colaborações, os entrevistados cooperam da seguinte maneira: Ctav (com a sua rede de contatos e indo ao Ministério Público); Apau (boa relação com outros movimentos sociais); Nfal (postando informações no DU e gerando pautas); Clac (trazendo informações e fazendo pontes com o universo digital); Merl (com conhecimentos em arquitetura e urbanismo); e Lalv (com a sua rede de contatos e experiência em ações junto ao MP).

No que se refere ao segundo objetivo específico, “identificar quais são os métodos utilizados pelos líderes do DU para mobilizar participantes”, vimos que os entrevistados: a) participam de *chats* específicos para discutir ações estratégicas, b) costumam realizar postagens com frequência ou em momentos de maior mobilização, c) tentam manter o debate dentro da pertinência temática e, talvez o mais importante, d) buscam um discurso único em torno de um *ponto nodal* que aglomere os mais diversos atores e grupos sociais (cientes previamente das pautas que atraem mais pessoas).

Em relação ao terceiro objetivo específico, “investigar o processo de construção da agenda política do DU”, constatou-se que as pautas podem vir de diversos lugares, como do “grupão” ou de reportagens de periódicos. Porém, um caminho recorrente é os temas serem debatidos no “grupão” e, em paralelo, discutidos em *chats* privados do “núcleo duro”, onde as ações são planejadas. Em relação a quais são essas agendas, observou-se que, segundo os

entrevistados, as principais pautas do DU estão relacionadas à mobilidade urbana e à preservação do patrimônio histórico do Recife, o que também se constatou no acompanhamento mensal do DU.

4.3 - Reconhecimento

Como dito na metodologia, além de escutar os seis moderadores/ex-moderadores do DU, esta pesquisa também entrevistou quatro membros atuantes do grupo, por achar que ajudariam a entender se existe um reconhecimento das lideranças por parte dos demais internautas do DU. Esta etapa buscou responder ao objetivo específico 4.

Tabela 9 - Categoria criada para responder ao objetivo específico 4 da pesquisa

Objetivo específico da pesquisa	Categoria de análise a ser observada	Pontos centrais da fala dos entrevistados
4. Verificar como os internautas mais atuantes do DU veem a função/importância dos líderes do grupo	Reconhecimento	- Trajetória do participante do DU e impressões gerais do grupo - Impressões acerca dos líderes do DU (relação institucional e não institucional com eles, impressões acerca do capital social dos líderes etc.) - Percepção sobre a capacidade de mobilização do DU (o DU na construção/formação da opinião de seus participantes)

Tabela elaborada pelo autor.

Os quatro membros do DU desta etapa, que nunca tiveram nenhuma função administrativa no grupo, foram identificados através da análise das 150 postagens mais curtidas do DU entre os dias 15 de julho de 2015 e 13 de agosto de 2015, conforme explicado na metodologia. A tabela 10 detalha algumas informações sobre cada um deles, exatamente como responderam.

Tabela 10 - Perfis dos membros atuantes do DU

Nome	Cmar	Pgue	Bcam	Acla
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino
Idade	38	30	38	41
Nível de escolaridade	Superior completo	Superior completo (com mestrado concluído)	Superior completo (com mestrado concluído)	Superior completo
Posicionamento político	Progressista	Progressista	Progressista	Nenhuma das alternativas disponíveis
Classe social	Média alta	Média alta	Média alta	Média
Renda mensal da família (em salários mínimos a R\$ 788)	10 a 20 SM	4 a 10 SM	10 a 20 SM	10 a 20 SM
Domicílio de nascimento	Recife	Recife	Recife	Recife
Região onde Reside	Zona Norte do Recife	Zona Norte do Recife	Zona Norte do Recife	Zona Norte do Recife
Estado conjugal	Solteiro	União estável	União estável	Solteira

Fonte: Pesquisa própria. Tabela elaborada pelo autor.

Algumas informações da tabela 10 merecem ser destacadas: (I) a faixa etária dos entrevistados variou entre 30 e 41 anos, (II) todos têm nível superior e (III) moram na Zona Norte do Recife. Além disso, a maioria tem renda familiar alta, entre 10 e 20 salários mínimos, e se considera politicamente *progressista*.

A exemplo do que se comentou acerca dos moderadores e ex-moderadores no capítulo III, as informações socioeconômicas da tabela 10 indicam que os membros atuantes do DU pertencem a círculos sociais parecidos, com visões de mundo e reivindicações do Recife similares, o que pode explicar em parte o ingresso no grupo.

Indivíduos com interesses e perfis parecidos em grupos virtuais foram estudados por Fontes (2014). O autor, ao investigar as práticas de sociabilidade mediadas pela internet em círculos virtuais de pessoas com transtorno mental, concluiu que campos interativos com práticas especializadas - onde pessoas buscam outras com igual interesse-, são capazes de prover apoio social, ajudando os participantes mutuamente. No DU, as entrevistas até agora exploradas apontam para um fenômeno parecido, porém com outros benefícios, como os sentimentos de (I) maior vigilância em relação à cidade e de (II) estar atuando para mudar a forma tradicional de fazer política no Recife, que historicamente privilegia os interesses econômicos.

Trajetória do participante do DU e impressões gerais do grupo

Cmar entrou no início do DU. Participante de outros grupos virtuais - como os cicloativistas Ameciclo (recifense) e Massa Crítica (mundial)-, ele começou a interagir mais no DU ao andar de bicicleta pela cidade. Cmar não tem nenhum grande amigo no “núcleo duro” do DU, mas reconhece essas pessoas na rua e conversa quando as encontra. Segundo ele, o DU mudou muito ao longo do tempo.

Cmar: Muita gente se incomoda com o que aconteceu com o DU, mas eu acho um processo normal, ele inchou e virou um ‘Reclama Recife’, um pouco. As pessoas ainda não sabem o que é ativismo, reclamam de um buraco na rua [...]. Assim, falta para muita gente perceber que ali, o que a rede social traz é um grande ponto de encontro. É assim, você combina tudo ali, faz a ação na rua ou juridicamente, o que for, depois você publica o resultado, através de vídeo, foto, o que for. Mas se ficar só lá não tem muito o que sair. Aí com essa inchada, entrou gente com todo tipo de vertente política, mais de direita, mais de esquerda.

Representando a Ameciclo, Cmar já chegou a “brigar” institucionalmente com o DU em algumas situações. Divergências normais, disse ele, que acha que a união de coletivos em torno de pautas pode fazer a cidade funcionar, citando o exemplo da iniciativa Casa Amarela Saudável e Sustentável, que busca humanizar um bairro no Recife em várias frentes, com horta comunitária, biblioteca, trânsito melhor etc.

Cmar: [A minha ideia é] todo mundo unido para botar a cidade para funcionar, com cobrança etc. Se ficar lutando sozinho, ninguém consegue nada. Os movimentos têm de se

unir nas suas convergências, no que eles são convergentes.



Figura 19 – *Print* da comunidade Casa Amarela Saudável e Sustentável no Facebook¹⁰³, que costuma trabalhar em parceria com o DU. Casa Amarela é um dos bairros mais populosos do Recife, famoso pelo seu mercado popular, forte comércio e intenso tráfego de pessoas. A região vive há algum tempo uma grande especulação imobiliária.

Cmar acha que um ponto forte do DU é a formação dos seus membros e a vontade de fazer algo, pois o grupo tem propostas para os problemas do Recife relacionados ao “trânsito, construção civil e uso das praças públicas”. Um ponto fraco do DU, segundo Cmar, é às vezes perder muito tempo apenas com discussões pontuais, e não propor nada, o que ocorre por ser tão aberto e escutar tantas opiniões. Cmar também acredita que o DU tem dificuldade em sair e atingir outros círculos sociais, o que o relacionamento com movimentos mais formais/tradicionais poderia ajudá-lo.

Cmar: Assim, é um tipo de público que participa, é, fisicamente das atividades, quando a atividade sai da rede social, é um círculo meio homogêneo. Assim, tem um ou outro meio diferente, mas assim, a classe social é mais ou menos a mesma. O estilo de vida, o que pensa, acaba sendo homogêneo demais. Essa eu acho que é a grande dificuldade, é você conseguir atingir pessoas de fora desse círculo.

¹⁰³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/casaamarelasaudavelesustentavel/?fref=ts>>. Acesso em 03.02.2016.

Portanto, corroborando com a teoria de redes, Cmar crê que atores periféricos poderiam ajudar nessa dificuldade de atingir pessoas de outros círculos, podendo realizar pontes com outros grupos e sistemas sociais.

Pgue também entrou no DU no início do grupo, em 2012. Como Cmar, é cicloativista e costuma usar o *Facebook* para colaborar com informações sobre o plano cicloviário do Recife, cuja empresa em que trabalha ajudou a elaborar. Pgue gosta da pluralidade do DU e da rapidez com que as coisas acontecem por lá, como quando divulgaram as denúncias de que a Prefeitura do Recife estava prestes a iniciar o corte de várias árvores no entorno de um canal para construir uma ciclovía. Nessa época, uma amiga de Pgue passou no local, viu as árvores marcadas e postou uma foto no DU. Depois outros internautas comentaram na foto, postaram novas e a partir daí se iniciou um protesto coletivo.

Bcam teve o primeiro contato com o DU na audiência pública para discutir o Projeto Novo Recife, em março de 2012. Foi convidada, à época, por ser promotora de Defesa do Meio Ambiente do Recife (hoje é de Olinda).

Bcam: E eu cheguei lá, a audiência lotada, gente sentada pelo chão, querendo entrar e tal. E nessa audiência o empreendedor mostrou o Projeto Novo Recife e tal. E foi uma audiência bem rica de debate. A discussão estava muito emocionante, depoimentos muito incisivos, de insatisfação com o modelo de cidade de Recife, e que o Projeto Novo Recife reproduzia esse modelo de cidade que as pessoas não queriam. E foi engraçado que quando o empreendedor mostrou o Projeto, parecia que tava mostrando para uma pessoa que queria comprar, né? E as pessoas estavam ali preocupadas com a cidade, com os impactos do empreendimento, e não interessadas em adquirir unidades imobiliárias. Então era mais uma peça de marketing, de publicidade, do que propriamente do que as pessoas queriam saber.

Após o fim da audiência e o anúncio do surgimento do grupo com o nome Direitos Urbanos, Bcam decidiu conhecê-lo melhor.

Bcam: Aí quando eu cheguei em casa, eu entrei no grupo e comecei a interagir, isso em 2012. E aí, é, como eu tava na Promotoria do Meio Ambiente em Recife, eu comecei a divulgar a atuação do Ministério Público lá, pegar o *feedback* dessas pessoas e interagir. Porque lá no DU tem muita gente de várias formações, né, profissionais. É uma rede multidisciplinar, tem biólogo, tem engenheiro, tem arquiteto, tem urbanista. E eu comecei a pegar esse *feedback* e ao mesmo tempo divulgar as investigações que eu estava fazendo, tanto para prestar contas como também para colher informações e dar força à atuação do Ministério

Público mesmo. [...] Quando eu publicava nas redes sociais eu sentia que havia uma... uma maior fiscalização por parte das pessoas, havia repercussão maior dos fatos. E aí o poder público ficava mais, vamos dizer assim, vigilante, né, no cumprimento das suas obrigações.

Bcam também esclareceu que não é de movimentos sociais e que segue o DU com a finalidade de manter um diálogo entre o Ministério Público e a sociedade civil.

Já Acla, por sua vez, descobriu o DU através da irmã, ao ser marcada numa postagem. Identificou-se com o mote do grupo e costuma acompanhá-lo, sendo o seu principal interesse estar atenta à cidade para poder exercer a sua “cidadania”.

Impressões acerca dos líderes do DU e mobilização

Questionado sobre se há lideranças no DU, Pgue acha que existe uma liderança natural.

Pgue: Eu acho que é uma liderança bem natural, da pessoa que sabe falar, da pessoa que sabe argumentar, que sabe discutir, que sabe manter o nível da discussão, que sabe coordenar uma coisa. Tanto que muito deles nem se conheciam, se conheceram lá por afinidade [...]. Então os líderes são os moderadores, as pessoas que tomam conta [...]. Eu considero que tem lideranças tanto quanto um time de futebol tem lideranças. Tem o cara que se impõe, que fala mais, e que é um líder natural, uma pessoa que se organiza melhor e pronto.

Pgue vê os moderadores agindo principalmente deletando comentários repetidos, esclarecendo discussões e marcando pessoas em postagens para colaborar com assuntos específicos. Ele conheceu alguns membros do DU na faculdade e trabalho, ou seja, pessoas que conviviam no seu mesmo círculo social.

Pgue: Alguns [membros do DU] eu já conhecia de antes. Merl eu conheço da época da faculdade, assim, ele entrou junto comigo na faculdade. Rraf eu conheci porque eu trabalhei com ele. Lalv eu conheci agora, também. Lcis eu conheci depois. Lcis eu só fui conhecer muito tempo depois do DU.

Os mais próximos a Pgue do DU são os internautas envolvidos com o cicloativismo, entre eles Cmar e Clac. Em relação aos mais influentes do grupo, Pgue citou Lcis, Nfal,

Eand e Gjor (apenas o último, que também é envolvido com o cicloativismo, ainda não havia sido mencionado nesta pesquisa).

Questionado sobre se o DU tem líderes, Cmar acredita que sim, mesmo sem eles se autoproclamarem, pois “buscam uma horizontalidade”.

Cmar: Eu acho que têm várias pessoas importantes do DU: Apau, Nfal, Ctav, com características bem diferentes. Mas Lcis acaba sendo um centro, e ele é absurdamente competente, um cara que é professor de filosofia, ele tem estudo, ele estuda as coisas, ele tem uma capacidade de produzir muito grande. Às vezes a gente para para resolver uma coisa, pode ser um projeto de lei, ele vai e faz.

Cmar: É, mas outro cara que eu acho, assim, que é o outro centro, mais discreto, eu acho que é o Lalv. Assim, um cara que eu admiro muito, a serenidade, e o modo como ele consegue enxergar as coisas. Mas assim, eu acho que esses caras, eles, não é exatamente eles mobilizando. É, esse centro do DU mobiliza uma rede intermediária, talvez da qual eu faça parte, e dessa rede a gente consegue chamar mais gente para mobilizar, entendeu? Se eles tentam sozinhos eu acho que eles não conseguem não.

Na fala acima, novamente aparece um aspecto importante para a mobilização, a constituição de “redes de redes”, ou relé social, capaz de mobilizar um maior número de indivíduos. Segundo Cmar, os líderes do DU possivelmente não conseguiriam “sozinhos” mobilizar tantas pessoas, e, nesse sentido, necessitam se articular com outras redes, as redes “intermediárias” presentes no grupo. Estas, por sua vez, podem alcançar mais “internautas” e outros *clusters*, e assim sucessivamente - processo no qual a ação coletiva vai ganhando corpo.

Já Bcam, questionada se existem lideranças no DU, respondeu que têm pessoas que são mais expoentes, manifestando-se e destacando-se mais.

Bcam: Tem gente que ali forma grupos para entrar com ações judiciais, então, assim, quando consegue uma decisão judicial, como já aconteceu várias vezes, eles são vistos como líderes, embora outras pessoas poderiam ter feito a mesma coisa. Então não é que eles sejam líderes, mas eles tomam a dianteira, por conta de determinadas atitudes e ações.

Sobre essas pessoas que tomam a dianteira, Bcam citou Lcis, Lalv, Apau, Rraf, Ealc e Lnob – internautas do DU que ela também tem certa afinidade e conversa de vez em quando. Acla, por sua vez, considera que o DU possui líderes informais e cita como

exemplo a própria Bcam, que contribui “com informações detalhadas sobre assuntos relacionados ao patrimônio histórico”.

Sobre o que leva as pessoas a se mobilizarem, Bcam acha que a urgência do acontecimento diz muito sobre como os internautas vão agir.

Bcam: Então eu acho que quando um dano está em vias de acontecer: ‘estão demolindo’, então as pessoas direcionam a prioridade e até deixam seus afazeres pessoais para se mobilizar quanto aquilo. Quando eu digo, ‘há um projeto em discussão’, as pessoas acham que tem tempo ainda, ‘não vamos nos alarmar’ [...]. Então eu acho que a urgência mobiliza naturalmente, não só nesse quesito da cidade, mas na vida pessoal das pessoas.

4.3.2 - *Análise da parte 3*

As entrevistas com os membros atuantes do DU sem funções administrativas (moderador, administrador, editor etc.) deram contribuições pertinentes à pesquisa. Das falas de Bcam, Cmar, Acla e Pgue, três pontos merecem ser destacados. O primeiro é que, conforme frisou Cmar, o DU às vezes tem dificuldades de sair do seu nicho, de atingir pessoas de outros círculos sociais, como famílias de classe média baixa, por exemplo. Um dos caminhos para isso ser superado, inclusive apontado por Cmar, é buscar um diálogo maior com movimentos sociais mais tradicionais que tenham acesso a essas pessoas.

A segunda contribuição segue a linha da primeira. Observou-se que os entrevistados reconheceram que o somatório de forças com outros agentes da sociedade, mobilizando várias outras redes (o fenômeno do relé social), é importante para tornar viável a ação coletiva. Esse processo, já bem explorado nesta dissertação, é possível quando o DU coincide os seus projetos particulares com o de outros coletivos, através de *cadeias de equivalência*.

O terceiro ponto que merece destaque é a tentativa de responder ao quarto objetivo específico desta dissertação: “verificar como os internautas mais atuantes do DU veem a função/importância dos líderes do grupo”. Constatou-se que os entrevistados reconheceram os membros do “núcleo duro” do DU e até mantêm algum tipo de relacionamento com eles. Ademais, Bcam, Cmar, Pgue e Acla acham importantes as funções desempenhadas pelos líderes do DU, até ressaltando os recursos humanos de alguns.

Nesse ponto, outro questionamento que poderia ser feito, o qual não coube ao

escopo desta pesquisa, é: será que a maioria dos membros do DU sabe quem faz parte do “núcleo duro” do grupo? Conforme apontou Batista (2015), provavelmente não. Afinal, a maioria dos internautas do DU participa da maneira mais simples possível do grupo: apenas curtindo a página do *Facebook*. No mais, no universo de aproximadamente 31 mil membros, são poucos os que curtem e menos ainda os que postam e comentam (BATISTA, 2015).

Realizadas as análises das dez entrevistas, nas próximas páginas seguem as considerações finais desta pesquisa.

Considerações finais

Este trabalho chegou a algumas conclusões. Ao propor a união da ARS com abordagens qualitativas, a exemplo da TD de Laclau e Mouffe, mostrou as relações (para depois interpretá-las) dos atores mais centrais de uma rede de internautas no *Facebook*, buscando decifrar o processo de mobilização como um todo. Das conclusões, cinco foram mais relevantes.

Em primeiro lugar, destaque para os resultados obtidos da dinâmica interna e da estrutura do DU no *Facebook*. No mês analisado, apontou-se que o grupo teve média de 32 postagens por dia, sendo mais ativo durante a semana, e que a maioria das postagens (37,33%) era realizada à tarde, entre as 12h01 e 18h. Viu-se, também, que os assuntos que abordavam o patrimônio histórico, a gentrificação do Recife e a mobilidade urbana atraíram mais a atenção dos internautas e, assim, um maior número de curtidores. Em relação à estrutura do DU, constatou-se que os recursos humanos são fluidos e a “estrutura física” é precária, com pouco ou nenhum recurso financeiro. Ambas as situações ocorrem muito devido à proposta do DU, que defende o trabalho voluntário e a liberdade de ir e vir aos seus participantes.

A estrutura do DU também possui fragilidades. As principais são a desorganização e a falta de sistematização das ações do grupo, uma vez que as funções dos seus membros não são institucionalmente definidas. Segundo os entrevistados nesta pesquisa, isso faz com que várias vezes se perca muito tempo em discussões sem relevância e que algumas pessoas fiquem sobrecarregadas de atribuições, “carregando sozinhas o piano”.

Em segundo lugar, mostrou-se que o DU pode ser dividido em duas “partes” para melhor compreendê-lo: o “grupão” e o “núcleo duro”. O primeiro é mais espontâneo e serve como um canal divulgador de notícias, acontecimentos e debates, enquanto o segundo é um grupo restrito dos membros mais centrais, que se reúne em diversos *chats* diários para discutir as ações e estratégias do grupo. A moderação, com cerca de oito membros fixos e presente nesse “núcleo duro”, tem papel importante na gestão da página do DU no *Facebook*, com o principal objetivo de manter as discussões em torno da pertinência temática a qual o grupo se propõe.

Nesse ponto, a pesquisa abordou a discussão teórica do reconhecimento das lideranças por parte dos movimentos sociais contemporâneos, chegando à constatação de que há certa dificuldade deles - não só o DU, como outros (*Occupy* e Indignados) – de admitirem ter líderes formais. Tal fato ocorre muito devido à horizontalidade que esses movimentos buscam e sobretudo querem mostrar - almejando uma nova forma de fazer política. Porém, através da Teoria de Redes, observou-se que em qualquer rede social complexa sempre haverá uma distribuição desigual de forças, os atores centrais (*hubs*) e os periféricos, conforme apontou Barabási (2009). Portanto, esses atores centrais, o que aqui se chama de líderes, são inerentes ao processo.

Em terceiro lugar, apontou-se a tendência a qual os membros do DU têm de se relacionar com pessoas parecidas, de círculos sociais iguais ou próximos. Ao analisar os membros chaves do DU, verificou-se que possuem (I) níveis educacional e financeiro parecidos, (II) vivem numa mesma região do Recife e (III) compartilham visões próximas de mundo em relação ao direito à cidade. Esses fatores, aliados aos recursos e engajamento dos atores na rede, os ajudaram a entrar no “núcleo duro” e a liderar ações estratégicas do DU.

Através da ARS também se identificou atores chaves do DU, a partir de sociogramas que exploraram diferentes medidas de centralidade. Nessa etapa, foram exibidos alguns dos principais “nós” do “núcleo duro” do DU, explorando a capacidade de intermediação deles e o quão centrais e influentes eram. Três atores se destacaram nesse processo: Apau, Ctav e Nfal.

Em quarto lugar, analisando o DU sob a ótica da TD, vimos que o discurso do grupo pernambucano é construído através da *prática articulatória* em torno do *ponto nodal* “direito à cidade”, discussão também feita por Oliveira (2013). No processo articulatório do DU, *cadeias de equivalência* são realizadas para a construção de alianças e coalizões políticas entre diferentes atores sociais e demandas. Assim, o grupo trabalha em parceria com outros coletivos e movimentos sociais, buscando as convergências ante tantas divergências. Nos quatro anos de história do DU, o grupo teve algumas conquistas, entre elas o impedimento/atraso de grandes obras no Recife que priorizavam o setor econômico - tanto o ideal defendido por este (o modelo de cidade proposto) como o fator financeiro propriamente dito (através de benefícios econômicos que as empreiteiras iriam ganhar).

Em quinto lugar, no que se refere ao problema geral da pesquisa, “de que maneira os líderes do DU mobilizam pessoas”, constatou-se que eles: a) participam de *chats* específicos para discutir ações estratégicas, b) pautam o grupo realizando postagens, c) mantêm o debate dentro da pertinência temática (filtrando o conteúdo e deletando posts), d) relacionam-se com outros coletivos e atores sociais e públicos (a exemplo do Ministério Público), e) e, cientes das pautas que atraem mais pessoas, buscam um discurso único em torno de um *ponto nodal* que aglomere os mais diversos grupos sociais.

Como ponto pouco explorado nesta pesquisa, e pertinente à discussão, faltou uma maior reflexão acerca de se essas novas mídias digitais estão resultando em novas maneiras de fazer política e até possibilitando o surgimento de novas lideranças. Afinal, as NTIC são apenas uma extensão das relações territoriais, do *status quo*, ou estão proporcionando e podem promover mudanças sociais efetivas? Isso foi em parte discutido ao tratar do desenvolvimento das NTIC na África, onde pequenos grupos e ditadores controlam o fluxo de informações. Mas o tema poderia ser mais bem explorado na pesquisa empírica, o que se pretende fazer em estudos posteriores.

O assunto é complexo e é difícil fazer previsões, afinal é preciso tomar cuidado para não elaborar generalizações equivocadas. No mundo, por exemplo, existem casos que podem levar a distintas conclusões. Há desde o surgimento e emergência do partido político Podemos, fruto do Indignados que surge para romper com o “bipartidarismo” espanhol, até as experiências do norte da África, onde mesmo após a Primavera Árabe várias nações entraram em guerras civis e as antigas confrarias reassumiram o controle do Estado. Desse modo, uma avaliação razoável em curto prazo é que, na África, mesmo após as grandes mobilizações de massa, o *status quo* retomou em vários países.

Ao terminar esta pesquisa, registra-se também a importância de dar continuidade a novos estudos sobre as questões abordadas, principalmente no campo do ativismo político virtual. Como bem propôs Scherer-Swarren (2005), para se entender um movimento social é preciso compreender (I) a sua formação, (II) as dimensões dialógicas entre os grupos de ação, (III) o sentido das ações e (IV) o surgimento de novas intersubjetividades coletivas nas redes de movimentos. O desafio do século XXI, entretanto, é entender esse processo com as inovações tecnológicas, tanto de a) novos aparelhos (*smartphones*, PCs, TVs etc.) como de b) redes e aplicativos virtuais (*Twitter*, *Whatsapp*, *Snapchat*, *Instagram*,

Facebook, LinkedIn etc.) que se desenvolvem a todo instante num mundo globalizado e cada vez mais interconectado.

Em relação aos aparelhos, conforme exibiu a última *International Consumer Electronics Show* (CES¹⁰⁴) - uma das maiores feiras de comércio tecnológico do mundo que ocorre em Las Vegas -, o presente/futuro prepara aos consumidores óculos de realidade virtual, relógios inteligentes, *drones* poderosos e TVs com definições espetaculares. Além disso, talvez o mais pertinente à discussão desta pesquisa, cresce a “internet das coisas”, com objetos (roupas, veículos, geladeira etc.) tornando-se paulatinamente conectados à web. Tudo isso certamente vai modificar as formas de se relacionar entre os indivíduos e, portanto, as maneiras como as pessoas se associam e buscam a ação coletiva.

Em relação ao surgimento de novas redes e aplicativos virtuais, esta pesquisa concentrou-se especificamente no *Facebook*, a maior rede social virtual do mundo, porém sabe-se que o futuro é imprevisível e deslumbrante ao pesquisador da área diante de tantas inovações. Nos próximos anos, além das redes mais estudadas, como *Facebook* e *Twitter*, certamente se proliferarão pesquisas de outras, como o *Whatsapp*, já fartamente utilizado para a mobilização através de seus “grupos”.

¹⁰⁴ Principais lançamentos da CES 2015 disponíveis em: <<http://www.tecmundo.com.br/ces-2015/73234-principais-lancamentos-tecnologias-tendencias-ces-2015.htm>>. Acesso em 22.01.2016.

REFERÊNCIAS

ALEZANDRO, A. O. Velázquez; NORMAN, G. Aguillar. **Manual introdutório à análise de redes sociais**. Mexico: Universidad Autonoma Del Estado de México. Tradução e adaptação de: Maria Luísa Lebres Aires, Joanne Brás Laranjeiro e Sílvia Cláudia de Almeida Silva, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/4895662-Manual-introdutorio-a-analise-de-redes-sociais.html>>. Acesso em 08.02.2016.

ALI et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

ALONSO, Angela. **As teorias dos movimentos sociais**: um balanço do debate. Lua Nova [on-line], São Paulo, N.76, p. 49-86, 2009.

AQUINO, A. Jakson; MARQUES, A. J. P. Francisco; MIOLA, Edna. Parlamentares, representação política e redes sociais digitais: perfis de uso do Twitter na Câmara dos Deputados. **Revista Opinião Pública**, Campinas, vol. 20, nº 2, agosto, p. 178-203, 2014.

ARDITI, Benjamín. Las insurgencias no tienen un plan - ellas son el plan: performativos políticos y mediadores evanescentes. In: **Journalism, Media and Cultural Studies**, vol. 1, nº 1, 2012.

BANDA, Fackson; MUDHAI F. Okoth; TETTEY J. Wisdom (Eds.). **African Media and the Digital Public Sphere**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

BARABÁSI, Albert. **Linked - a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo editora, 2009.

BATISTA, G. D. Micheline. **Entre a rede e a comunidade**: interação e comunicação nos grupos do Facebook - o caso do Direitos Urbanos/Recife. 2015. Tese (doutorado em sociologia), UFPE: Recife.

BURITY, A. Joanildo. Teoria do discurso e análise do discurso: sobre política e método. **Métodos qualitativos nas ciências sociais e na prática sociais**, Recife, Editora Universitária (UFPE), pp. 72-83, 2007.

CANAVARRO, Marcela. Produção de redes no Facebook e trabalho semiótico não-remunerado: um estudo empírico da página do coletivo Rio na Rua. **Revista Eptic Online**, vol. 16, nº 2, p.176-192, 2014.

CANCLINI, G., Néstor. A globalização: objeto cultural não-identificado. In **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, p. 41-68, 2007.

CARDOSO, Gustavo; NETO P. Pedro. Mass media driven mobilization and online protest: ICTs and the pro-East Timor movement in Portugal. In **Cyberprotest - New Media, Citizens and Social Movements**. London: Routledge, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2013.

COSTA, A. Frederico; PRADO, M. A. Marco. Estratégia de articulação e estratégia de aliança: possibilidades para a luta política. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, vol. 26, nº 3, 2011.

CAZELOTO, Edilson. Por um conceito de hegemonia na cibercultura. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, Ano 32, nº 54, p. 149-171, jul./dez. 2010.

CHRISTAKIS, Nikolas. **Connected: the surprising Power of our social networks and how they shape our lives**. New York: Little Brown Co, 2009.

DAGNINO, Evelina. ¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In Daniel Mato (coord.), **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, pp. 95-110, 2004.

DEGENNE, Alain; FORSÉ, Michel. **Introducing Social Networks**. London: Sage Publications, 1999.

DEXTER, A. Lewis. **Elite and specialized interviewing**. Evanston: Northwestern university press, 1970.

EICHNER, K. et al. A análise de redes sociais e ação coletiva: a comunidade científica de analistas de redes lusófonos. In Maria Inês Tomael e Regina Marteleto (eds.), **Informação e redes sociais: interfaces de teorias, métodos e objetos**. Londrina: EDUEL - Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1ª edição, vol. 1, 2015. Volume 2 disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/504/394>>. Acesso em 19.03.2016.

ESCOBAR, Arturo; OSTERWIEL, Michael. Movimientos sociales y la política de lo virtual. Estrategias deleuzianas. **Tabula Rasa**, Bogotá (Colômbia), nº 10, p. 123-161, enero-junio de 2009.

ESTÉVEZ, G. Noelia; MUROS, M. Sandra. Sociedad civil y redes sociales: Democracia Real Ya en Sevilla como estudio de casos. In Actas – **III Congreso Internacional Latina de Comunicación Social**. Tenerife, Universidad de La Laguna, diciembre de 2011.

FERREIRA, Jonatas; FONTES, A. S. M. Breno. Ágora Eletrônica: algumas reflexões teórico-metodológicas. **Estudos de Sociologia**, Recife, vol. 14, nº 2, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/405/331>>. Acesso em

14.04.2016.

FONTES, A. S. M. Breno. A Construção das Redes Sociais de Operadores de ONGs: Os Mecanismos de Recrutamento a Partir das Relés Sociais. **REDES - Revista hispana para el análisis de redes sociales**, vol. 12, #7, junio de 2007. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es/html-vol12/Vol12_7.htm>. Acesso em 08.02.2016.

_____. **Redes Sociais e Poder Local**. Recife: Editora da UFPE, 2012.

_____. Tecendo Redes, Suportando o Sofrimento: sobre os círculos sociais da loucura. **Sociologias**, Porto Alegre, vol. 16, nº 37, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222014000300112&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 05.02.2016.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação. **Revista Crítica de Ciências Sociais [on-line]**, 63, p. 7-20, outubro de 2002.

F/Nazca Saatchi & Saatchi. **Democracia e consumo [on-line]**. 15ª edição, maio de 2015. Disponível em: <http://www.fnazca.com.br/wp-content/uploads/2015/10/f_radar-2015-revisado.pdf>. Acesso em 01.02.2016.

GANZ, Marshall. **Leading Change: Leadership, Organization, and Social Movements**. Cambridge: Kennedy School of Government, Harvard University, 2008.

GOHN, G. Maria da. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, nº 47, maio-ago de 2011.

GÓMEZ, C. Irene; VERD, M. Joan. La fuerza de los lazos: una exploración teórica y empírica de sus múltiples significados. In **Empiria - Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, nº 26, julio-diciembre, pp. 149-174, 2013.

GRANOVETTER, Mark. The Strength Of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, vol. 78, nº 6, p. 1360-80, 1973.

GUEDES, M. Tais. **As redes sociais - Facebook e Twitter - e suas influências nos Movimentos Sociais**. 2013. 168f. Dissertação (mestrado em comunicação). Universidade de Brasília: Brasília.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARVEY, David. **Os rebeldes nas ruas: O partido de wall street encontra seu nêmeses. In Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

HAYNES, Jeff. Tracing connections between comparative politics and globalization. **Third World Quarterly**, 24(6), p. 1029-1047, 2003.

HEBENBROCK, S., Josuel. Medios, Poder y Política en Brasil: Elecciones presidenciales/2010. **Revista Política Hoje**, Recife, 2ª Edição, vol. 23, p. 67-86, 2014.

HOLLSTEIN, Bettina. Qualitative approaches. In: John Scott & Peter J. Carrington (Eds.), **Sage Handbook of Social Network Analysis**. London/New Delhi: Sage (forthcoming), 2011.

HOWARD, David. Aplicando la Teoría del Discurso: el Método de la Articulación. **Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales**, de la Universidad Católica de Córdoba, Córdoba, República Argentina, nº 5, 2005.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. Rio de Janeiro, 2015.

JAUME, R. J. Maria; RÍO, G. J. Maria. (2014). Las encuestas autoadministradas por internet. Un estudio de caso: “las familias adoptivas y sus estilos de vida”. **Empiria - Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, nº 29, septiembre-diciembre, p. 155-175, 2014.

JESUS, S. A. Notas sobre os (e a partir dos) ajuntamentos desde junho de 2013. **Estudos de sociologia** [on-line], vol. 2, nº 19, 2013.

JØRGENSEN, Marianne; Louise PHILLIPS. **Discourse Analysis as theory and method**. London: Sage Publications, 2002.

KAWACHI, Ichiro; SUBRAMANIAN, S.V.; KIM, Daniel (Eds.). **Social Capital and Health**. Springer, 2008.

KAUFMAN, Dora. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galaxia** [on-line], São Paulo, nº 23, p. 207-218, jun. 2012.

KOZINETS, Robert. **Netnography - Doing ethnographic research online**. London: Sage Publications Ltd, 2010.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estrategia socialista**. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LACLAU, Ernesto. O retorno do “povo”: razão populista, antagonismo e identidades coletivas. **Revista de Ciências Sociais**, nº 23, p. 09-34, outubro de 2005.

MARCHETTI, Raffaele. Mapping Alternative Models of Global Politics. **International Studies Review**, vol. 11, p. 133-156, 2009.

MARWELL, Gerald; OLIVER, E. Pamela. Social Networks and Collective Action: A Theory of the Critical Mass. **American Journal of Sociology**, Chicago, vol. 94, nº 4, 1989.

MAZZOCATO, M. Sandra. **A reconfiguração do sujeito através de sua representação online**: as características e os processos no Facebook. 2014. 166f. Tese (doutorado em comunicação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Rio grande do Sul.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes**: Collective action in the information age. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1996.

MILGRAN, Stanley; TRAVERS, Jeffrey. **An Experimental Study of the Small World Problem**. **Sociometry**, vol. 32, nº 4, pp. 425-443, 1969. Disponível em: http://snap.stanford.edu/class/cs224w_readings/travers69smallworld.pdf>. Acesso em 01.02.2016.

MOLINA, José Luis. **El análisis de redes sociales: una introduccion**. Barcelona: Bellaterra, 2001.

MOUFFE, Chantal. Feminismo, ciudadanía y política democratica radical. In **Ciudadanía y feminismo: Feminismo y teoría identidad pública/privada**, México, Instituto Federal Eleitoral, 2001. Tradução de Hortensia Moreno de Feminists Theorize the Political, ed. Judith Butler and Joan W. Scott, Routledge, 1992. Disponível em: <http://mujeresdelsur.org/sitio/images/descargas/chantal_mouffe%5B1%5D.pdf%20ciudadania%20y%20feminismo.pdf>. Acesso em 01.02.2016.

_____. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. In **Política e Sociedade: Revista de Sociologia Política**. Florianópolis: UFSC, 2003.

MOYO, Last. Repression, Propaganda, and Digital Resistance: New Media and Democracy in Zimbabwe. In **African Media and the Digital Public Sphere**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

MUELLER, C. M. Building social movement theory. In Morris, A. D.; Mueller, C. M. (eds.). **Frontiers in social movement theory**. New Haven/London: Yale University Press, 1992.

MUTZENBERG, Remo. Identidades e movimentos sociais numa sociedade indomável. **Política & Trabalho**, Paraíba, 19, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPB), outubro de 2003.

NANSU PARK, M. A; KERK F. K. M. A; SEBASTIAN V. M. A. Being immersed in social networking environment: Facebook groups, uses and gratifications, and social outcomes. **Cyberpsychology & Behavior**, vol. 12, nº 6, 2009.

OLIVEIRA, B. M. Teresa. **Articulação de identidades políticas a partir de redes sociais na internet**: uma análise a partir do grupo “Direitos Urbanos / Recife” do Facebook. 2013. Dissertação (mestrado em sociologia), UFPE: Recife.

PUTNAM, Robert D. **Bowling alone: the collapse and revival of American community**. New York: Simon & Schuster, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, poder, globalização e democracia**. Novos Rumos, ano 17, nº 37, p. 4-29, 2002. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF>. Acesso em 01.02.2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. (Coleção Cibercultura). Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, M. E. Maria. O Estelita é mais do que o Estelita. **El País** [on-line], 29.11.2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/opinion/1448840154_656256.html>. Acesso em 31.01.2016.

RODRÍGUEZ A. Josep. Análisis estructural y de redes. **Cuadernos metodológicos**, Madri, nº 16, 1995.

SÁ BARRETO, Francisco; BENZAQUEM, Júlia. A mão dupla da: a ambivalência da “nova resistência” ou elementos para uma outra gramática da mobilização. **Estudos de sociologia** [on-line], Recife, vol. 2, nº 19, 2013.

SADER, Emir. Crise capitalista e novo cenário no Oriente Médio. In **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

SAMPAIO, C. Rafael. Instituições Participativas Online: um estudo de caso do Orçamento Participativo Digital. **Revista Política Hoje**, vol. 468 20, nº 1, 2011.

SCOTT, John. **Social Network Analysis** (Second edition). London: Sage Publications, 2000.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociales y de movimientos en la sociedad de la información. **Nueva Sociedad**, 196 (March/April), pp. 77–92, 2005. Disponível em: <<http://nuso.org/articulo/redes-sociales-y-de-movimientos-en-la-sociedad-de-la-informacion/>>. Acesso em 31.01.2016.

SOUSA, M. Cidival; SOUZA A. Arão. (Orgs.). **Jornadas de junho: repercussões e leituras**. Campina Grande-PB, Eduepb, 2013.

THACKER, Eugene. **Networks, Swarms, Multitudes. Part One**. Critical Theory, 2004a. Disponível em: <<http://www.cttheory.net/articles.aspx?id=422>>. Acesso em 04.02.2016.

_____. **Networks, Swarms, Multitudes. Part Two**. Critical Theory, 2004b. Disponível em: <<http://www.cttheory.net/printer.aspx?id=423>>. Acesso em 04.02.2016.

VEJARES, S. Sótero; ORTIZ M. Javier; RUIZ, E. P. Álvaro. Redes sociales como herramientas de ciberactivismo: el caso de los grupos de Facebook en Chile y el Gran Concepción (2009). **Ecos de la Comunicación**, Argentina, ano 4, nº 4, 2011. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/redes-sociales-como-herramientas-ciberactivismo.pdf>>. Acesso em 31.01.2016.

XAVIER, Roseane. O jogo da democracia: impressões sobre os protestos recentes no Brasil. **Estudos de sociologia** [on-line], vol. 2, nº 19, 2013. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/413/339>>. Acesso em 14.04.2016.

WATTS, Duncan. **Seis Graus de Separação (six degrees)**. A evolução da ciência de redes em uma era conectada. São Paulo: Leopardo Editora, 2009.

WRIGHT, Steve. Informing, communicating and ICTs in contemporary anti-capitalist movements. In **Cyberprotest - New Media, Citizens and Social Movements**. London: Routledge, 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo. In **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

ANEXO A

Data: Nº total de posts:			Acompanhamento das postagens da página do DU no Facebook Dinâmica das cinco postagens com maior número de curtidas					
	Assunto específico	Tema geral ¹⁰⁵	Nº de curtidas	Nº de comentários	A pessoa que mais comentou (quando houve apenas um que comentou mais vezes)	O comentário mais curtido (quando houve apenas um comentário mais curtido)	Autor do post	Hora do post
1.								
2.								
3.								
4.								
5.								

¹⁰⁵ **1)** Postagens de cunho informativo sobre acontecimentos gerais em qualquer lugar do mundo, **2)** Denúncias e queixas de irregularidades ocorridas em Pernambuco, **3)** Outras (especificar).

ANEXO B

Nome: _____

Data: _____

Roteiro para entrevista (perguntas para organizadores do DU)

Tópico abordado	Pergunta-guia
<u>A trajetória no DU e a atuação no grupo</u>	1. Para começarmos, você pode me falar um pouco da sua trajetória no DU. Quando você entrou, o que fazia no DU e o que faz agora?
	2. Nessa sua trajetória, desde quando você ingressou no DU até o momento, o que mudou?
	3. O DU tem <i>Facebook</i> , <i>Twiter</i> e <i>blog</i> . Em relação às ações do grupo no ambiente virtual, algumas pessoas específicas tomam conta delas?
	4. Entre as pessoas mais atuantes do DU, são definidas quais são as áreas mais estratégicas e as maiores demandas do grupo? <i>(por exemplo, a necessidade de mais empenho na organização de um evento específico ou na aproximação com a imprensa)</i> . Se sim, como isso é feito?
<u>Relação com outros líderes e grupos virtuais</u>	5. Como é a sua relação com os outros organizadores do grupo?
	6. Vocês interagem com outros grupos virtuais, trocam ideias?
	7. Como você avalia as ações do DU no ambiente virtual? <i>(são bem planejadas, geralmente alcançam seus objetivos, precisam melhorar?)</i>

Tópico abordado	Pergunta-guia
<u>Mobilização de pessoas e recursos</u>	8. Quais são os principais métodos utilizados pelas pessoas mais centrais do DU para atrair participantes e mobilizá-los em torno de certas pautas?
	9. Para você, quais fatores levam as pessoas do DU a se mobilizarem? <i>(ex.: a) informam-se no grupo de algo que não sabiam e decidem agir, ou b) são influenciadas, de alguma maneira, por outros integrantes do grupo</i>

Tópico abordado	Pergunta-guia
<u>Discurso do DU, papel dos líderes e influência sobre participantes</u>	10. Temos exemplos de várias mobilizações organizadas pelo DU. Na sua opinião, como o grupo consegue articular reivindicações/protestos com sujeitos políticos tão diferentes?
	11. Qual o principal discurso do DU? Na definição das principais demandas do grupo, como é o processo de construção coletiva desses conteúdos?
	12. Qual é o papel das pessoas mais atuantes do DU na divulgação de informações? Você acha que o DU tem líderes?
	13. Qual é o papel dessas pessoas sobre os demais participantes e na mobilização de pessoas?
<u>Impressões gerais acerca do DU</u>	14. Você acha que o DU é um movimento horizontal ou vertical?
	15. Como você avalia a estrutura do DU (recursos humanos, financeiros e de comunicação)?
	16. Considera que a sua rede de contatos e o seu conhecimento contribuem para a construção da agenda política do DU? Por quê? Você acha que contribui para o grupo de que maneira?
	17. Quais os pontos fortes e fracos do DU? Para terminar, há algo que você gostaria de falar que eu não tenha perguntado?

Tópico abordado	Pergunta-guia

ANEXO C

Entrevistado: _____

Data: _____

Roteiro para entrevista (perguntas para participantes do DU)

Tópico abordado	Pergunta-guia
O DU e a trajetória dentro do Grupo	Para começarmos, você podia falar um pouco do que você faz? Sua formação e atuação profissional.
	Podes falar um pouco de quando descobriu o DU e por que entrou nele?
	Na sua trajetória como participante do DU, desde quando você entrou até hoje, o que mudou? Hoje a maneira como você enxerga o grupo ou age dentro dele é diferente?
	Você participa de outros grupos de discussão <i>on-line</i> ou de movimentos sociais? Se sim, quais?
Pontos fortes e fracos do DU	Na sua opinião, quais os pontos fracos e fortes do DU?
	Você acha que o DU contribui na construção/formação da opinião de seus participantes? Se sim, como?
	O DU é capaz de mobilizar pessoas? Você já viu isso ocorrer?
	Se sim, o que contribui para isso? As pessoas mais centrais contribuem para isso?
	Como você avalia a dinâmica da página do DU? (nível de participação dos internautas, qualidade das postagens, dos comentários etc.)
	E a estrutura do DU? (recursos humanos, financeiros etc.)
	Você acha o DU um movimento horizontal ou vertical?
	Você acha que o DU possui líderes? Se sim, você identifica alguns?

Tópico abordado	Pergunta-guia
<u>Líderes do DU</u>	Você mantém alguma relação, não institucional, com as pessoas mais atuantes do DU?
	O DU tem algum discurso único? Para você, qual a principal pauta do DU? Algo a acrescentar?